



PUC  
RIO

PEDRO GUIMARÃES PELLEGRINO

HOMOSSEXUALIDADE NA INSTITUIÇÃO:  
ESTRATÉGIA?  
RENDIÇÃO?

TESE DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Novembro 1983

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

PEDRO GUIMARÃES PELLEGRINO

HOMOSSEXUALIDADE NA INSTITUIÇÃO:

ESTRATÉGIA?

RENDIÇÃO?

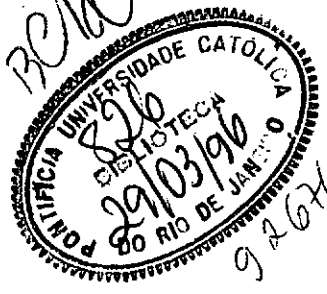
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Circe Navarro Vital Brazil

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1983.

Reid



UC-64551-2

150  
F386h  
E SEUC

270  
2  
3

Você percebe que os pássaros gostam  
do mundo?

- Eles percebem, percebem. E eles são  
os donos do mundo, não somos nós;  
nós somos vermes, eles não são ver-  
mes, eles voam e não se perdem, nós  
que andamos, nos perdemos.

Fala do sujeito de nossa pes-  
quisa.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| 1 - INTRODUÇÃO .....                      | 1   |
| 2 - O SUPOSTO DO SABER E O ABSÓLUTO ..... | 2   |
| 3 - FREUD E A QUESTÃO DO DESEJO .....     | 42  |
| 4 - A QUESTÃO DA INSTITUIÇÃO .....        | 78  |
| 5 - CONCLUSÃO .....                       | 111 |
| BIBLIOGRAFIA .....                        | 116 |
| ANEXOS: ENTREVISTAS                       |     |

## RESUMO

A hipótese básica que ordena este trabalho é a de que a homossexualidade, dentro do espaço da Instituição Total, é expressão de contrapoder. Nessa medida, a homossexualidade seria o pólo de emergência da diferença face a uma estrutura institucional homogeneizadora e, portanto, tendente a abolir a diferença.

A homossexualidade surge, então, como exercício do corpo, que é o que resta ao interno. Basicamente, o sujeito se resgata como Desejante através de seu corpo, de sua sexualidade. Como fundamento desta hipótese, articulamos o conceito de Saber Absoluto, da filosofia hegeliana, com a concepção freudiana de Desejo e de Homem.

Num terceiro momento, articulamos esse nível teórico com uma instituição psiquiátrica, na tentativa de mostrar como a prática baseia-se em estruturas filosófico-ideológicas, ficando claro, então, porque o Desejo é o pólo sobre o qual incide a repressão.

## RÉSUMÉ

L'hypothèse fondamentale qui ordonne ce travail est celle de l'homosexualité en tant qu'expression de contre-pouvoir à l'intérieur de l'Institution Totale. Dans ce sens, l'homosexualité serait le pôle même d'émergence de la différence à l'égard d'une structure institutionnelle homogénéisante et qui tend, par conséquent, à annuler la différence.

L'homosexualité se manifeste donc comme exercice du corps, celui-ci étant tout ce qui reste à l'interné. Essentiellement, le sujet se retrouve en tant que Désirant par moyen de son corps, de sa sexualité. Nous avons fondé cette hypothèse sur l'articulation du concept de Savoir Absolu issu du hégélianisme, et des concepts freudiens de Désir et d'Homme.

Finalement, nous avons appliqué ce niveau théorique à une institution psychiatrique, dans le but de montrer que la pratique institutionnelle se fonde sur des structures philosophico-idéologiques, tout en rendant évident que le Désir est le pôle dans lequel la répression a lieu.

## 1. INTRODUÇÃO

Tentaremos neste trabalho colocar questões sobre a significação da homossexualidade nas instituições totais.

Para tanto recorreremos a concepções filosóficas, psicanalíticas e a uma pesquisa de campo em uma instituição psiquiátrica.

No que se refere à Filosofia utilizaremos basicamente o conceito de Saber Absoluto da Filosofia hegeliana.

Este conceito nos permitirá ver com clareza o lugar de Verdade que pretendem as instituições.

No que se refere à Psicanálise nos basearemos, fundamentalmente, nas postulações freudianas. A partir destas postulações analisaremos o conceito de Homem como o de um ser intotalizável, sendo por definição subversivo em relação ao lugar em que se colocam as instituições totais.

Na medida em que a concepção freudiana de Homem implica o questionamento do lugar de Verdade pretendido pelas instituições, o pólo central da repressão girará em torno do Desejo. Diz-se do Desejo, pois esta é a dimensão que nunca é silenciada revelando sempre no Homem a existência de um vazio, de uma não identidade.

Num terceiro momento, tentaremos mostrar como estas categorias se encarnam na prática institucional, e concluiremos com a afirmação da homossexualidade como o lugar da emergência do sujeito desejante contra a tentativa institucional de abolição do Desejo.



## 2. O SUPOSTO DO SABER E O ABSOLUTO

O homem é um ser da inquietude, e o sábio um ser da quietude.

Estas duas afirmações resumem, num certo sentido, a Filosofia hegeliana, que consiste na procura apaixonada da unidade entre Sujeito e Objeto, ou seja, o advento do Saber Absoluto.

Neste capítulo sobre a Filosofia hegeliana, o que interessa, fundamentalmente, é o conceito de Saber Absoluto, na medida que aponta para uma possibilidade de totalização do Homem e consequentemente, da transcendência do nível do Desejo. O Desejo seria expressão do fato do Homem não estar costurado ao cosmo, constituindo-se, ao contrário, como diferença e englobando em sua estrutura, a falta.

Este delineamento do que, fundamentalmente, será discutido neste capítulo implica a colocação dos limites desta leitura da obra de Hegel, dada sua vastidão e complexidade. Como sabemos, Hegel pretendeu responder a todas as questões filosóficas levantadas pela Filosofia Platônica e, nesta medida, colocou que sua Filosofia marcava o fim da própria Filosofia. Tem-se, assim, um continente de uma vastidão imensa, sua Filosofia sintetizaria o trabalho de séculos de pensamentos.

Dada esta vastidão, é importante demarcar os limites. A partir da colocação destes limites, empreendemos a construção da casa, já que, a liberdade é a consciência da necessidade.

O livro de Hegel no qual está centrado este trabalho é *Fenomenologia do Espírito*, o que já nos coloca um primeiro problema, dado que a Fenomenologia é uma das partes constitutivas de um todo maior, um sistema composto pela Fenomenologia e pela Ciência da Lógica. O Sistema é constituído por esses dois momentos. Um primeiro momento seria o momento fenomenológico, onde se coloca a questão do vir-a-ser do espírito no Tempo ou, enquanto Tempo, isto é, enquanto História. O segundo momento seria o momento da Ciência da Lógica, onde se colocaria o Ser Eterno ou a Eternidade Real constituída pelas puras determinações em sua articulação em si mesma.

Na fenomenologia trata-se da questão sobre a diferença entre o Saber e a Verdade, sendo esta diferença fundante da dialética, a qual levaria a supressão desta mesma diferença. Na Ciência da Lógica, por outro lado, se colocaria a questão dos conceitos em si, isto é, libertos de sua manifestação fenomenal, seus movimentos dependeriam, em última instância, de sua própria determinação, quer dizer, não havendo nenhuma exterioridade.

Podemos dizer que a questão desenvolvida na Ciência da Lógica se inicia onde termina o percurso da Fenomenologia, ou seja, no advento do Saber Absoluto.

Citando uma passagem onde Hegel coloca estes dois momentos de um Sistema a partir do Saber:

*"La nature, les moments et le mouvement de ce savoir se sont donc montrés tels que ce savoir est le pur être-pour-soi de la conscience de soi; il est Moi qui est ce Moi-ci et pas un autre, et qui*

em même temps aussi immédiatement est médiat ou est Moi supprimé et universel. — Le Moi a un contenu qu'il distingue de soi, car il est la pure négativité ou le mouvement de se scinder; il est conscience. Ce contenu dans sa différence aussi est le Moi, car il est mouvement de se supprimer soi-même ou est cette même pure négativité qui est Moi. Le Moi, en lui comme distinct, est réfléchi en soi-même; le contenu est conçu seulement parce que le Moi dans son être-autre est près de soi-même. Ce contenu, étant considéré plus précisément, n'est rien d'autre que le mouvement énoncé ci-dessus; il est en effet l'esprit qui se parcourt soi-même, et se parcourt pour soi comme esprit, parce qu'il a la figure du concept dans son objectivité".<sup>1</sup>

Claramente, Hegel coloca a consciência como cisão, logo como Tempo, e, o Moi se refletindo em si mesmo, não existiria a cisão entre Sujeito e Objeto, logo na Lógica o Moi é imanente ao conteúdo.

Este limite que coloco de desarticular um todo que é fundamentalmente orgânico pode implicar querer explicar o todo pela parte, o que seria uma grave deformação do autor, e cairíamos assim em uma estrutura ideológica, já que a redução que as ideologias operam seria exatamente esta: ter nas mãos uma maçã e proferir um discurso dizendo que a maçã é a macieira. Isto implica a morte da dialética e a paralização do processo num mundo de identidade. Além destas ressalvas até aqui explicitadas, acharia importante colocar uma questão que exprime a estrutura do saber hegeliano e que poderíamos colocar em termos da circularidade do saber.

<sup>1</sup> HEGEL, G.W.F. *La phénoménologie de l'esprit*. Traduction de Jean Hyppolite. Paris, Editions Mouton, p. 303.

A concepção de um Saber como circularidade advém da suposição feita sobre a possibilidade de existência de um Saber Absoluto onde o princípio e o fim se encontrariam no advento deste Saber. É a idéia de uma unidade fundamental que criaria uma estrutura onde tudo está prehe de tudo, onde a parte seria o todo e o todo a parte. A circularidade, a meu ver, exprime a idéia de que é possível transcender estas diferenças entre parte e todo e construir um sistema com uma unidade e uma organicidade fundamentais.

Assim, em relação à Fenomenologia e à Lógica, poderíamos dizer que necessariamente uma implica na outra, sendo que os dois livros comporiam uma totalidade que seria o próprio Espírito. Vemos então que este Sistema é necessariamente circular, pois a Fenomenologia tem como consequência necessária a Lógica. A Fenomenologia chega ao Saber Absoluto que seria aquilo que está em uma identidade eterna consigo mesmo, quer dizer, o Ser enquanto tal, o que vem a ser o tema da Lógica.

A Lógica, por seu lado, remete necessariamente à Fenomenologia, pois a Lógica, em seu conjunto, nos leva a compreender que o SER é ESPÍRITO ou IDÉIA. Quer isto dizer: SER revelado a si-mesmo, e, sendo esta revelação do SER a si-mesmo somente possível porque o SER é Tempo, isto é, História. Desta maneira, fica claro como a Lógica remete à Fenomenologia e, para se compreender o Sistema, é fundamental ler as duas partes que o compõem.

Assim, vemos que se colocam limites ao trabalho que empreendemos, mas, por outro lado, a explicitação des-

tes limites nos protege da pretensão de quereremos falar a verdade sobre o autor, reduzindo assim uma bela montanha à sua maquete.

Temos plena consciência de que este trabalho é uma primeira aproximação a um tema imenso. Sendo uma primeira aproximação, necessariamente é um colocar de questões; poderíamos dizer que é uma exclamação diante de algo extremamente belo que se descobriu.

Um dos problemas que coloca a obra de Hegel, problema no sentido de não estar claramente resolvido, é justamente sua concepção do Saber Absoluto. Hegel identifica o Conceito ao Tempo, ou seja, identifica uma Verdade atemporal com a temporalidade. Hegel afirma a possibilidade da realização da Eternidade pelo Tempo. Isto implica a existência empírica da Eternidade no Mundo temporal.

Esta foi a questão central de toda a Filosofia, a questão da temporalidade e da atemporalidade e de sua relação. Ora, no Cap. VIII da Fenomenologia, Hegel coloca a seguinte afirmação:

*"En ce qui concerne le Temps il est le Concept lui même existant empiriquement."*<sup>2</sup>

Os primeiros filósofos, como Parmênides, colocavam a questão da relação possível do Conceito e do Tempo. Parmênides colocava que o Conceito é a Eternidade e, desta forma, não há possibilidade de relação entre o Conceito e

---

HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 308.

o Tempo e nem entre o Conceito e a Eternidade, posto que o Conceito é a própria Eternidade.

Para Platão, o Conceito era Eterno, mas não a própria Eternidade. Assim sendo, o Conceito refere-se a algo que é exterior a si-mesmo, refere-se à ETERNIDADE que é fundamentalmente atemporal. Nesta medida, o Homem, através das palavras, teria uma visão da Eternidade mas nunca chegaria ao mundo das Idéias, pois isto implicaria uma abo- ção da temporalidade. Daí pode-se concluir que o Homem nunca conheceria inteiramente a Verdade.

Parece-nos que esta referência à história da Filosofia e a alguns sistemas filosóficos ajuda a colocar a questão central que Hegel pretende ter resolvido, que vem a ser o advento do Sábio e, conseqüentemente, a afirmativa de que o Tempo é Conceito.

Num livro sobre a obra de Hegel, Jean Hypolite coloca o quanto esta questão sobre o Saber Absoluto, a seu ver, ficou resolvida de forma vaga, dando inclusive margem a diversas interpretações que não estariam de acordo com a verdadeira herança hegeliana. O autor diz o seguinte:

*"Le Savoir Absolu comme moment de l'histoire du monde, réconciliant ce moment temporel avec une vérité en soi intemporelle, nous est présent sous une forme trop vague pour ne pas ouvrir la voie à des diverses interprétations, sans que nous puissions indiquer exactement celle que constitue l'héritage authentique de l'hégélianisme."*<sup>3</sup>

<sup>3</sup> HYPOLITE, Jean. *Genèse et structure de la phénoménologie de l'esprit*. Paris, Ed. Montaigne, p. 578.

A interpretação que tomaremos neste trabalho sobre o Saber Absoluto é aquela que nos parece ser a que vai fundamentar a ideologia do totalitarismo, ou seja, a visão que admite que o Saber Absoluto é uma possibilidade concreta e não uma consequência lógica do sistema.

Esta interpretação de Hegel que tomamos para estruturar nosso trabalho, ou seja, a que vê o advento do fim da história e, portanto, a encarnação da Verdade Absoluta no Tempo, a nosso ver, funda toda a ideologia dos sistemas totalitários. Toda ideologia constitui-se pretendendo ser a Verdade Absoluta e, nessa medida, a saída para os Homens é se submeterem à Verdade abrindo mão, assim, de sua singularidade.

Foucault coloca esta questão de uma maneira muito profunda ao dizer que a questão básica da disciplinarização do Homem passa pela tentativa de controle do Tempo. Ora, o controle total do Tempo seria a abolição do mesmo e a instauração de um reino homogêneo onde as coisas não seriam diferentes, livres, belas, feias, pois o reino da homogeneidade abole a adjetividade das coisas, tornando-as substantivas. Neste reino, as coisas e os Homens simplesmente seriam. Num mundo substantivo há uma supressão do Desejo, pois o Homem coincide inteiramente consigo mesmo e, conseqüentemente, com o SER.

O Desejo é fundamentalmente o supérfluo, é a possibilidade do gesto gratuito que o funda. No reino da necessidade tudo é inexorável, não há damas vestidas para a grande noite; não há a possibilidade do desperdício e, as-

sim sendo, não há invenção, não há liberdade mas simplesmente há uma coincidência do Homem e da Lei. A lei cômica não é exterior aos seres naturais, os seres são a Lei. Esta questão do Desejo e do Tempo como sendo a possibilidade da diferença é colocada de uma forma rica em uma peça de Shakespeare. No drama do Rei Lear, quando este, tendo abdicado de seu poder real e dividido seu reino entre suas filhas, acordando com elas que receberia uma pensão e ficaria com uma guarda pessoal de cem homens, vê que as filhas querem tirar-lhe sua guarda com medo de que organize um exército para a retomada do poder, fala:

"LEAR: oh! no hay que razonar sobre la necesidad! Nuestros más viles mendigos son en alguna pobrísima cosa superfluos. No concedáis a la Naturaleza más de que ella exige, y la vida del hombre será de tan bajo valor como la de las bestias. Tú eras una dama; si solo para mantenerte en calar te ataviaras con lujosos vestidos, que!, la Naturaleza no tendría necesidad de los lujosos vestidos que llevas, que escasamente te dan calor".<sup>4</sup>

O movimento que descreve a Filosofia de Hegel vai da fundação do Humano em sua radical especificidade à morte deste Humano que, paradoxalmente, seria seu próprio esplendor. O Homem que chegar ao maior esplendor de sua Humanidade morre enquanto Homem. O advento do Saber Absoluto marca o fim da História e, conseqüentemente, do Homem, pois o que em certo sentido funda sua humanidade é que o ser Humano é aquilo que não é, ele é o que lhe falta e, nesta me

<sup>4</sup> SHAKESPEARE, William. *El Rey Lear*. Madrid, Ed. Aguilar - Obras Completas - Tomo II, p. 575.



dida, ele é projeto, é futuro.

O Homem é consciência de si, e isto implica que o Homem habita uma ordem diferente da ordem natural, ou seja, que a ordem humana é fundamentalmente distância, ruptura e diferença.

A consciência é sempre consciência de algo, logo implica uma diferença; a diferença implica distância e perda da relação imediata com o objeto. O Homem é um ser da distância, no sentido de sua emergência do contínuo que é a ordem cósmica, ou seja, a natureza. É justamente esta distância em relação à natureza que o diferenciara do animal, ser que, na Filosofia de Hegel, não atinge o nível da consciência de si, ficando no nível do Sentimento de si. Para o animal não há ruptura, ele está tecido ao cosmo, e, nesta medida, não há consciência, pois a consciência nasce de um buraco aberto na face do SER onde emerge um universo Simbólico que funda a humanidade do Homem.

O Homem toma consciência de si através, justamente, da linguagem. O Homem se funda enquanto tal, na medida em que diz EU. Esta palavra, ou melhor, este ato de se nominar, exprime toda a demarcação propriamente humana que é a de um ser dividido, cindido e que, portanto, pode falar sobre si mesmo. Compreender a origem deste EU revelado pela palavra é decifrar todo o mistério humano, é compreender a origem do Humano.

Colocamos que o Homem é consciência de si, sendo nesta medida, linguagem, pois constitui-se justamente na perda da relação imediata com o SER - DADO.

Gostaríamos de transcrever uma colocação de Hegel sobre a questão da consciência.

"Dans les modes precedents de la certitude de le vrai est pour la conscience quel que chose d'autre qu'elle-même. Mais le concept de ce vrai disparaît dans l'expérience faite sur lui. L'objet était en soi immédiatement, il était l'étant de la certitude sensible, la chose concrète de la perception, la force de l'entendement; mais l'objet se montre plutôt ne pas être ainsi en vérité; cet en soi se révèle dans le résultat être le mode dans lequel l'objet est seulement pour un autre; le concept de l'objet se supprime dans l'objet effectivement réel, ou la première représentation immédiate se supprime dans l'expérience; ainsi la certitude se trouve perdue dans la vérité".<sup>5</sup>

O que Hegel coloca é o problema da consciência que pode ser resumido nesta frase:

"Cet en soi se révèle dans le resultat être le mode dans lequel l'objet est seulement pour un autre".

Colocado assim o problema da consciência, poderíamos dizer que o Homem é um ser reflexivo, pensa sobre algo, e poderíamos tentar, a partir da capacidade do Homem de refletir sobre algo, decifrar seu enigma, sua realidade humana. Ora, pela análise da capacidade reflexiva do Homem nunca chegaríamos a compreender sua emergência através da palavra EU. Quando a Consciência contempla algo, aquilo que é por ela contemplado a absorve no sentido em que ela se perde no objeto de sua contemplação. Nesta medida, revela o objeto e não o sujeito que contempla. Perder-se no objeto

<sup>5</sup> HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 145 - Tomo I.

ao contemplá-lo é fechar a possibilidade de resgatar os límites do sujeito que contempla e, nesta medida, ê não tomar consciência de si.

O que será então capaz de retirar a consciência desta vertigem que a leva a perder-se naquilo que contempla, possibilitando-lhe tomar consciência de si e, desta forma, constituir-se permanente?

Hegel responderá a esta questão dizendo que o que é capaz de acordar a consciência do Homem sobre si mesmo é o Desejo.

É o Desejo que faz a transformação do SER revelado a SI-MESMO por SI-MESMO em conhecimento, e, na medida em que o Desejo transforma o SER revelado a SI-MESMO em conhecimento, isto implica a existência de um objeto revelado a um sujeito por um sujeito diferente do objeto e oposto a ele. Vemos assim que num primeiro momento a consciência de si é imediata; ela tem como objeto a si mesma e, nesta medida, é um objeto abstrato. A consciência deve desenvolver-se manifestando em si a riqueza da dialética precedente. Este desenvolvimento se dará quando a consciência tiver como objeto uma outra consciência. Este desenvolvimento se dará pelo Desejo.

Hegel coloca a questão do Desejo como o motor da ação e do Homem. O Homem só se constitui na medida em que nega, suprime o Outro, ou seja, transforma o mundo. Citando o autor:

*"Ainsi la conscience de soi est certaine.*

*de soi-même, seulement par la suppression de cet Autre qui se présente à elle comme une vie indépendante; elle est DÉSIR".<sup>6</sup>*

O ser do Homem implica e pressupõe o Desejo. O Homem é um ser biológico, é um ser encarnado e, nesta medida, podemos dizer que a condição fundamental para que o Desejo surja é a existência de um corpo biológico. O alicerce do Desejo é a própria vida, e poderíamos colocar que a vida é condição necessária para a existência do Desejo mas não suficiente. Não é suficiente pois existem os animais que também manifestam um Desejo. Se não houvesse no animal algum nível de diferenciação em relação à natureza, a questão de seu Desejo não se manifestaria.

Tomando um pedaço de granito, vemos que nele não existe nenhuma interioridade, ele é a chuva, o vento, ele é pura passividade no sentido de que não transforma o mundo, sendo por ele transformado. O granito permanece sempre idêntico na medida em que sua transformação é cíclica, ou seja, retorna sempre ao mesmo. O animal não se coloca no mesmo nível do granito, no animal existe uma interioridade; há, em certo sentido, um esboço de diferenciação e neste esboço vai abrir-se espaço para o Desejo animal.

Quando um animal sente fome, sede, etc., este desejo sagrado, que o leva a agir, permite que ele se sinta como existente. Para Hegel, este nível da necessidade biológica é condição necessária para o Desejo humano, mas não suficiente. Não é suficiente pois, a este nível, puramente bio

<sup>6</sup> HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 152.

lógico, o que se produz é um Sentimento de si e não uma Consciência de si.

O Desejo é uma cãrie aberta na face do SER e, para satisfazê-lo, o Homem é levado à ação. Transformando o mundo é que o Ser Humano chega à satisfação de seu Desejo. O Desejo, aparece então como o motor da ação e toda ação é uma transformação do que é dado. Assim sendo, toda ação é negadora do que está aí dado. Ao comer uma maçã, eu a destruo enquanto forma para poder assimilá-la à mim, satisfazendo assim meu Desejo.

Levanta-se então neste momento qual é a diferença para Hegel entre Desejo humano e Desejo animal.

O que é o Desejo senão este vazio que indica que o Ser não está inteiramente coincidido consigo próprio?

O Desejo é um vazio e, se ele é um vazio, ele é possibilidade, isto é, ele se definirá pelos conteúdos positivos daquilo que o EU do Desejo assimilar em sua procura de satisfação. O EU do Desejo será, em última instância, da mesma natureza que o NÃO-EU negado.

Voltemos à questão do animal. No animal, a dor da fome o faz procurar objetos de satisfação, só que estes objetos de satisfação são naturais. O animal, quando tem sede, o objeto de satisfação de sua sede será também natural que vem a ser a água. Isto quer dizer que o animal não transcende o nível biológico. A resposta à sua inquietação provocada pelo desagrado da sede já está dada, pois a água está na própria natureza. Nesta medida, o animal é um ser

redondo, costurado à natureza e sem liberdade. O que resultará neste ciclo animal:

NECESSIDADE ————— AÇÃO ————— SATISFAÇÃO DA  
 FOME (INSTINTIVA) NECESSIDADE  
 ALIMENTO

Ora, se colocamos que o EU do Desejo é um vazio que se define a partir dos conteúdos positivos daquilo que ele assimila através de sua ação no mundo, e, se este EU, no caso do animal, assimila somente objetos naturais, resulta logicamente que este EU será necessariamente natural. Este EU só poderá se revelar a si mesmo e aos outros como Sentimento de si e nunca como Consciência de si. O animal é um ser absolutamente imerso no reino da natureza, em momento nenhum ele o nega, pois ele não é livre, dado que vive em um eterno presente.

Será o Homem um ser imerso em um eterno presente? Se assim fosse nãoalaria, pois falar é apontar para um não-ser, e neste escuro que se abre a partir deste não-ser é que nasce o Homem. O Homem é um ser do vazio no sentido de que ele é paradoxalmente aquilo que lhe falta, é aquilo que não é, e, nesta medida, o que funda o Homem é o futuro. O Homem é um projeto do Homem, sendo assim um perpétuo vir-a-ser. O Homem é o que ainda não é, e, nesta medida, sua existência tem como referência fundadora um vazio.

Na natureza não existe a possibilidade do vazio, pois os seres simplesmente são, são inteira coincidência com a ordem natural e, nesta medida são plenitude, são redondez cristalina.

O Homem é filho da noite, o mistério habita o mais íntimo de seu ser fundando-o como não saber, como pergunta.

O Desejo humano, seguido o raciocínio proposto que o EU do Desejo se constitui a partir do conteúdo positivo daquilo que assimila, não poderia, nesta medida, estar referido a objetos naturais, pois isto implicaria necessariamente a constituição de um EU do Desejo natural. A que então se refere o Desejo no Homem? O que procura o Desejo humano para que se constitua como uma ordem radicalmente distinta da ordem natural?

A Consciência de si é fundamentalmente ruptura em relação ao Ser da natureza que se mantém eternamente idêntico a si mesmo. Ora, o que é o Desejo senão a presença de um vazio no coração da homogeneidade natural? O que é o Desejo antes de sua satisfação senão a presença de um vazio irreal, ou seja, não natural. Nesta medida, poderíamos dizer que o Desejo humano é Desejo de Desejo. Ele se refere a um outro Desejo e, portanto, procura o vazio. O Desejo humano se constitui então referido a algo que não é natural, ou seja, constitui-se referido a um vazio que vem a ser outro Desejo. Assim sendo, o EU do Desejo humano é um EU não natural, radicalmente diferente do EU natural. O EU do Desejo humano será ação, será transformação da face do mundo, será, enfim, História. Este EU do Desejo humano será pura negatividade, será puro vir-a-ser e não será, como o animal, identidade eterna consigo mesmo. O Homem é consciência de si e isto quer dizer que há em seu coração um

vazio, é um ser que se constitui na medida em que não é identidade consigo mesmo, é um ser cindido, incompleto essencialmente. Este vazio que o habita é que fundará também seu Desejo. Nesta medida, delinea-se o espaço propriamente humano que é a possibilidade de simbolizar presentificando uma ausência. Esta dialética que caracteriza o Simbólico constituindo sempre uma dialética entre presença e ausência é que caracterizará o espaço próprio do Humano. Ao representar o mundo, perco-o definitivamente enquanto coisa mas o ganho enquanto palavra, enquanto Conceito. A palavra montanha que pronuncio em minha sala de jantar é presença enquanto representação da montanha e é ausência enquanto coisa montanha.

O sonho profundo da Filosofia hegeliana, poderíamos formulá-lo como uma tentativa de ultrapassar este abismo entre a representação e a coisa. Seria, no fundo, a procura da infinita felicidade, transcendendo a dor de existir.

O Homem é dor na medida em que é consciência de si e Desejo. Será paz na quietude da Sabedoria. A consciência de si e o Desejo seriam, então, filhos desta cisão, desta não identidade consigo mesmo que funda a história humana. Todo ganho humano implica uma conseqüente perda; eis a inexorável dialética humana.

Sobre esta questão do espaço representacional que é o espaço próprio da consciência de si e que implica, necessariamente, uma morte da coisa em si, seria interessante citar um texto do próprio Hegel:



"Avec la conscience de soi alors nous sommes entrés dans la terre natale de la vérité. Il faut voir comment surgit d'abord cette figure de la conscience de soi. Si nous considérons cette nouvelle figure du savoir, le savoir de soi-même, dans sa relation avec les figures précédentes, c'est-à-dire avec le savoir d'un autre, nous voyons alors que ce dernier savoir a bien disparu; cependant ses moments se sont en même temps conservés, et la perte consiste en ceci qu'ils sont ici présents comme ils sont en soi. L'être visé, la singularité et l'universalité opposée à elle de la perception, aussi bien que l'Intérieur vide de l'entendement, ne sont plus comme des essences, mais comme des moments de la conscience de soi, c'est-à-dire comme des abstractions ou des différences, qui pour la conscience sont en même néant ne sont aucunement des différences et son des essences purement disparaissantes. Ce qui semble donc seulement perdu c'est le moment principal, à savoir la subsistance simple et indépendante pour la conscience. Mais en fait la conscience de soi est la réflexion sortant de l'être du monde sensible et du monde perçu; la conscience de soi est essentiellement ce retour en soi-même à partir de l'être-autre".<sup>7</sup>

A consciência de si é a diferença em relação ao objeto. Diferencia-se pela reflexão do mundo sensível e do mundo da percepção. Hegel coloca que, num primeiro momento, a Consciência-de-si é a diferença com relação ao ser-outro. Para ela, este ser-outro é como um ser diferente dela, como um momento distinto. Há na consciência de si uma oposição entre o seu fenômeno e sua Verdade.

Para Hegel, esta cisão constitui-se como somente um primeiro momento da consciência-de-si, pois, essencialmente, a consciência de si é unidade consigo mesma. O se-

<sup>7</sup> HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 146.

gundo momento da consciência de si seria onde chegaria a consciência de si com o advento do Saber Absoluto. Nesta medida, a consciência de si, neste intervalo entre seu primeiro e seu segundo momento, é Desejo, pois é um vir-a-ser.

A consciência-de-si é Desejo e, se é Desejo, traz em si a vertigem de sua totalização e, portanto, de sua morte. "A consciência de si é essencialmente este retorno em si-mesma a partir do ser-outro", diz Hegel no texto supra-citado. A consciência retorna a si a partir do outro, ela é então uma dialética do MOI (EU) com o não-MOI (EU). O que se enuncia aqui e que a consciência-de-si como o Desejo são essencialmente uma realidade social.

O Homem é, em seus fundamentos, um ser social. Tem assim a vocação do outro que o constituirá enquanto si-mesmo. Podemos dizer que o EU nasce do TU, o que leva Jacques Lacan a dizer que "recebemos a mensagem do Outro de forma invertida".

Nascendo a consciência-de-si e o Desejo desta dialética entre o Moi e o não-MOI, é necessário que haja no início uma pluralidade de outros. Podemos dizer que, se o Desejo humano deve, para se constituir, referir-se a outro Desejo, é necessário que haja uma pluralidade de Desejos.

Para que se pudesse constituir o Desejo humano partindo do Desejo animal, seria necessário que esta realidade fosse plural.

O Desejo humano surge do Desejo animal, tem como

base o Desejo animal e, a partir desta base, realiza sua diferença radical em relação à sua base mesma. Poderíamos pensar em um grande atleta que pratique saltos ornamentais. A base que o impulsiona ao grande vazio do espaço onde realizará sua invenção, que é justamente o salto, é o trampolim, em sua muda materialidade. O salto é liberdade, é invenção e, nesta medida, transcende infinitamente sua base impulsionadora que é o trampolim. Querer entender o salto a partir do trampolim seria, como algumas tendências em Psicologia, buscar entender o Homem reduzindo-o a sua realidade biológica. O que possibilita o salto: o trampolim ou o espaço vazio? De certa forma os dois, se olharmos o fenômeno em sua fruição, como um processo único, no qual essencialmente o que existe é esta unidade fundamental. Os dois nesta dimensão são diferentes manifestações do mesmo. Mas, se olharmos o fenômeno do ponto de vista do Desejo, ficará claro que o salto é a morte do trampolim e que o salto tem como referência fundamental o vazio do espaço que se abre na frente do saltador permitindo sua invenção, sua arte, para, no momento seguinte, ser tragado pela inexorabilidade da lei da gravidade. Trata-se de certa forma de uma metáfora da vida: a História seria este salto até ser tragado pela natureza, reencontrando sua sagrada homogeneidade inicial.

Colocamos como a realidade humana é necessariamente social. O que funda a sociedade humana é um conjunto de Desejos se desejando mutuamente. O que é o Homem senão sua liberdade, sua historicidade?

O vazio de seu sonho, de seu Desejo, é a possibilidade de invenção de si, de seu próprio cheio, é em última instância a própria História.

Nesta medida o Homem não tem um objeto que satisfaça seu Desejo, pois sua invenção é infinita. O Homem está condenado ao desterro como diz Rilke:

"Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte. Pois que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? Todo Anjo é terrível. E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo do meu soluço obscuro. Ai, quem nos poderia valer? Nem Anjos, nem homens e o intuitivo animal logo adverte que para nós não há amparo neste mundo definido. Resta-nos, quem sabe, a árvore de alguma colina, que podemos rever cada dia; resta-nos a rua de ontem e o apego cotidiano de algum hábito que se afeioou a nós e permaneceu".<sup>8</sup>

Neste terrível desterro está nossa sublime liberdade. Se o objeto de satisfação de nosso Desejo estivesse dado, naturalmente dado, apagaríamos o EU (MÔI) do Desejo pois apagaríamos o vazio e assim a vida humana teria o mesmo valor que a das bestas, como diz Shakespeare.

Poderíamos colocar que o que humaniza o Homem é seu Desejo antropogênico, o Desejo de Desejo, diferentemente do Desejo animal que Deseja um objeto.

O Homem pode desejar um objeto, mas ele não Deseja o objeto propriamente dito, pois este objeto será tam-

<sup>8</sup>

RILKE, R.M. *Elegias de Duino*, Ed. Globo, Porto Alegre, p. 3.

bem alvo do Desejo dos outros e, nesta medida, o desejar um objeto passa pela mediação do Desejo do outro.

É humano desejar um objeto, mas somente porque outros o desejam.

O Desejo humano constitui-se como Desejo de Desejo e, assim sendo, como Desejo da presença de uma ausência e, assim sendo, como algo radicalmente não natural. A natureza tem a vocação do cheio, horror ao vazio, ou melhor, ela não tem horror, pois se o tivesse seria humana, ela é o cheio. Pensando na vocação última da água, que é um elemento que não tem forma, e, portanto, é um eterno, sua vocação última é tomar a forma de todo vazio que se coloca em seu curso. A água é a forma de todo continente que a contém e, sendo pura possibilidade, não existe nela impossibilidade e, portanto, não há vazio.

O Desejo então caracteriza-se como algo radicalmente distinto da Natureza. Poderíamos pensar no que rege a vida natural. No nível ecológico, em suas perfeitas articulações, o que se coloca é a conservação de um equilíbrio entre os diferentes elementos, condição essencial para manutenção da própria vida. A natureza procura o equilíbrio e, portanto, procura a conservação da vida. No nível dos animais passa-se o mesmo. Instintivamente o animal procura a auto-conservação da vida.

Não há nenhuma transcendência em relação a esta lei inscrita na própria biologia, ou seja, o animal age para conservar sua espécie enquanto tal. Todos os Desejos do animal subordinam-se em última análise ao Desejo que

ele tem de manter sua vida. Se o Desejo humano se funda como algo radicalmente distinto do Desejo animal, o Homem não pode estar subordinado unicamente à conservação de sua espécie. O valor supremo do Homem não pode ser este, senão ele seria um animal. O valor supremo para o Homem seria ser reconhecido em sua humanidade, em sua dignidade fundamental. E, em sua busca deste reconhecimento, o Homem é capaz de arriscar sua própria vida. É ao colocar em risco sua própria vida para satisfazer seu Desejo humano que o Homem se funda verdadeiramente em sua humanidade. Colocar em risco sua própria vida implica afirmar uma liberdade fundamental, implica transcender a lei cōsmica natural.

Sartre afirma que o que funda a humanidade do Homem é a capacidade de morrer por uma idéia.

O que significa o fato do Homem desejar morrer por uma idéia? Quer dizer que o Homem deseja ser o valor que representa esta idéia, pois vê neste valor a mais profunda expressão de sua humanidade e, portanto, a mais total possibilidade de ser reconhecido.

Todo Desejo humano é busca de reconhecimento. O Homem quer ser reconhecido pelo outro, pois é isto que o faz existir enquanto tal. Nesta medida o Homem é um ser-para-o-outro. Na regra beneditina há uma passagem que diz: "*Christo é o próximo*", o que mostra a consciência profunda da intuição religiosa de que o Homem é um Ser que se funda a partir do próximo.

Kojève a este respeito fala:

"L'homme 's'avère' humain en risquant sa vie pour satisfaire son Dēsir humain, c'est-à-dire son Dēsir qui porte sur un autre Dēsir. Or, dēsirer un Dēsir c'est vouloir se substituer soi-même à la valeur dēsirée par ce Dēsir. Car sans cette substitution on dēsirerait la valeur, l'objet dēsiré, et non le Dēsir lui-même. Dēsirer le Dēsir d'un autre, c'est donc en dernière analyse dēsirer que la valeur que je suis ou que je 'représente' soit la valeur dēsirer par cet autre: je veux qu'il reconnaisse ma valeur comme sa valeur, je veux qu'il me reconnaisse comme une valeur autonome. Autre ment dit, tout Dēsir humain, anthropogēne, gēnérateur de la Conscience de soi, de la réalité humaine, est, en fin de compte, fonction du dēsir de la reconnaissance. Et le risque de la vie par lequel s'avère la réalité humaine est un risque en fonction d'un tel Dēsir. Parler de l'origine de la Conscience de soi, c'est donc nécessairement parler d'une lutte à mort en vue de la reconnaissance".<sup>9</sup>

O Homem é capaz de colocar em risco sua vida para satisfazer seu desejo de ser reconhecido, e esta procura de reconhecimento engendrará uma luta para conquistar este reconhecimento. Nesta luta, os dois seres que se afrontam estão dispostos a ir até a morte na procura do reconhecimento e de se impor ao outro como valor supremo.

Nesta procura de dois Desejos que se afrontam na busca de reconhecimento pelo outro como valor supremo é que se engendra a realidade humana e, portanto, a História. Mas, se os dois Desejos que se afrontam estão dispostos a morrer nesta luta pelo reconhecimento, a humanidade não seria possível. Se os dois adversários morressem nesta luta, isto significaria o fim de toda possibilidade, inclusive

<sup>9</sup> KOJEVE, A. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris, Ed. Gallimard, p. 14.

da possibilidade, inclusive biologicamente falando. Se morresse um dos adversários somente, o vencedor se condenaria a não tornar-se humano pois o que o fundaria como ser humano seria um outro Desejo.

No início dos tempos a consciência dos seres era SER-PARA-SI simples, igual a SI-MESMO. Os seres eram como que mônadas, tinham a independência dos objetos que são puro esquecimento de si. Nesta dimensão não havia a questão da luta pelo reconhecimento, pois as coisas, os seres, eram idênticos a si mesmos.

Hegel coloca a questão da consciência anterior ao surgimento do Desejo humano nestes termos:

*"D'abord la conscience de soi est être-pour-soi simple égal à soi-même en excluant de soi tout ce qui est autre; son essence et son objet absolu lui sont le Moi; et dans cette immédiateté ou dans cet être de son être-pour-soi, elle est quelque chose de singulier. Ce qui est autre pour elle est objet comme objet inessentiel, marqué du caractère du négatif. Mais l'autre est aussi une conscience de soi. Un individu surgit face à face avec un autre individu. Surgissant ainsi immédiatement, ils sont l'un pour l'autre à la manière des objets quelconques ils sont des figures indépendants et, parce que l'objet étant s'est ici déterminé comme vie, ils sont des consciences enfoncées dans l'être de la vie, des consciences qui n'ont pas encore accompli l'une pour l'autre le mouvement de l'abstraction absolue, mouvement qui consiste à extirper de soi tout être immédiat, et à être seulement le pur être négatif de la conscience égale-à-soi-même".*<sup>10</sup>

PUC - RIO

<sup>10</sup>

HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 158; Vol. I.



Vemos na fala de Hegel a colocação clara de que, quando dois indivíduos se afrontam face a face, eles se afrontam como os objetos, isto é, com absoluta independência, pois os objetos estão determinados como vida, eles são ainda consciências imediatas mergulhadas no ser da vida. Não realizaram ainda o movimento da abstração absoluta, isto é, não perderam sua imediatez.

A perda de uma relação imediata é o que se passa na questão do reconhecimento pois, para existir, preciso da mediação do Desejo do outro. A perda da relação imediata consigo-próprio é o que, abre a possibilidade também de se colocar a própria vida e a do outro em risco pois, em uma relação imediata, o Ser é idêntico àquilo que o determina, não havendo possibilidade de transcendência. Poderíamos tomar como exemplo o animal, que em certo sentido tem uma relação imediata com a natureza, sendo, portanto, impossível para ele dizer não ao Desejo fundamental que o rege que é o Desejo de conservar sua vida e conseqüentemente sua espécie. A possibilidade de colocar em risco a vida, nasce da perda de uma relação imediata e é também o que fundará o SER-PARA-O-OUTRO.

Retomando a questão da luta pelo reconhecimento na qual os indivíduos que se confrontam estão dispostos a ir até a morte, a morte não pode advir pois, desta forma, a realidade humana não se constituiria.

Vemos então que, para que a realidade humana possa advir, é condição necessária que existam múltiplos Desejos, ou melhor, que seja social, mas não é condição sufi-

ciente.

Vimos que os dois indivíduos que se confrontam buscam ambos o reconhecimento do outro e, nesta medida, de sejam ser o valor supremo para o outro, sendo capazes de ir nesta procura até a morte. Mas, se a morte de um dos indivíduos advém, ou dos dois, a realidade humana não se constitui.

Faz-se então necessário que haja um comportamento diferente entre estes dois indivíduos, ou seja, que os dois não desejem a mesma coisa, ou seja, que os dois indivíduos que se confrontam saiam vivos deste confronto para que possa haver reconhecimento.

Que implicará este comportamento essencialmente diferente que possibilitará o advento da realidade humana se os dois indivíduos têm o mesmo Desejo, ou seja, Desejo de ser reconhecido? Implicará que, nesta luta, um dos indivíduos abrirá mão do Desejo de ser reconhecido e passará a satisfazer o Desejo do outro, isto é, o reconhecerá. Como um dos indivíduos abrirá mão do seu Desejo? Abrirá mão pois será invadido pelo medo da morte e, neste momento, ele renunciará à luta para preservar sua própria vida. Nasce assim a dialética do Senhor e do Escravo.

O Senhor é aquele que não teme a perda de sua vida, sendo o Escravo o indivíduo que, por medo da morte, renunciou a seu Desejo de ser reconhecido.

Poderíamos dizer que o vir-a-ser do Homem como ser histórico é a dialética que se irá articular entre o Senhor e o Escravo. Toda História humana será tecida em torno

de uma dialética que se estabelece entre um ser autônomo, que vem a ser o Senhor, e um ser dependente, que vem a ser o Escravo. Esta dialética do Senhor e do Escravo vai marcar toda história humana até sua síntese final, que seria o advento do Saber Absoluto.

Marcará através da questão do reconhecimento o aparecimento da Verdade e a supressão da Certeza Subjetiva de si, característica dos primeiros Homens. A Certeza de si, dos primeiros Homens, não era Verdade, pois Verdade implica universalidade, isto é, reconhecimento por todos. A certeza subjetiva de si para chegar ao nível de Verdade passa, necessariamente, pelo reconhecimento do outro, passa, necessariamente, pela dimensão social. A Verdade só existe em uma produção discursiva social.

Isto implica dizer que a idéia subjetiva que os primeiros Homens faziam de si, para aceder ao nível de Verdade, foi necessário que não existisse somente para si e sim que ela pudesse revelar uma realidade objetiva, isto é, uma entidade que não exista somente para si, mas para realidades diferentes de si.

Vemos então que o Homem é Discurso, é fundamentalmente linguagem.

Hegel coloca assim este fato:

*"Se presenter comme pure abstraction de la conscience de soi consiste à se montrer comme pure négation de sa manière d'être objective, ou consiste à montrer qu'on n'est attaché à aucun être-là déterminé, pas plus qu'à la singularité universelle de l'être-là en général, à montrer qu'on n'est pas attaché à la*

vée".<sup>11</sup>

Tornar-se pura abstração da consciência de si, ou seja, transcender a Certeza Subjetiva de si mesmo é apresentar-se num nível discursivo e, assim, atingir o nível de Verdade que vai caracterizar a possibilidade de existir além de si, de ser reconhecido pelo outro em uma dimensão objetiva, universal. Podemos dizer que este nível de Verdade seria o nível da linguagem conceitual.

Assim, entenderemos porque os primeiros Homens empreenderam uma luta mortal na procura do reconhecimento, ou seja, na afirmação de sua independência em relação às determinações da vida natural pois, em um primeiro momento, a ação do Homem foi a procura de se impor ao outro para se constituir.

O Ser humano, como coloca Hegel, é pura abstração da consciência de si, ou seja, ele é da ordem da Verdade.

O ato de se mostrar como Ser humano implica um desdobramento, pois é ação para si e ação do outro, dado que estamos no reino discursivo. Na medida em que esta ação é também e, essencialmente, do outro, cada um tende a matar o outro pois, colocando em risco a vida do outro, o indivíduo ganharia assim sua Verdade como Ser humano. O outro, correndo o risco de sua própria vida, devolve-me a minha Verdade humana, pois corro também o risco de minha própria vida. Na medida em que o outro é Humano pelo risco que corre em relação à sua própria vida é que eu me humanizo.

<sup>11</sup>

HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 159.

Nesta procura da morte do outro podemos também ver a estrutura que vai fundar o Saber Absoluto, ou seja, ser absolutamente idêntico a si, não ter nenhuma exterioridade que o constitua. Quando os primeiros Homens se confrontaram em uma luta de morte é como se eles quizessem ter em si este ser outro essencial a sua constituição como ser Humano. É como se houvesse uma nostalgia da perfeita satisfação, de ter a existência própria fundada em si sem nenhuma exterioridade.

Talvez esta nostalgia revele que de alguma forma o Espírito Absoluto esteve sempre presente potencialmente e somente com a História chegou a unificação de potência e ato no Saber Absoluto.

Pelo que se colocou até aqui, vemos que o EU (MOI) do Homem é mediação pura que se constitui dialeticamente pela supressão de seu EU (MOI) natural.

O Homem, nesta medida, é resultado de sua interação com os outros. Seu EU (MOI) e a Idéia que faz de si são mediatizados pelo reconhecimento social em função de seu agir.

O Homem é reconhecido por aquilo que faz, pelo seu agir, pela negação do objeto, dado que ele transforma o mundo e, na medida em que transforma o mundo, se revela naquilo que faz; revelando-se, toma consciência de si e conseqüentemente se transforma.

O trabalho e a ação são negadores por excelência do real dado, mas esta negação não leva à desaparecimento da-

quilo que é negado, pois, desta forma, estaríamos no reino da natureza. Aquilo que é negado é mantido dialéticamente enquanto negado, é mantido enquanto representação e nesta medida, ao negar o real dado, o Homem cria dialeticamente um mundo de representações, isto é, um mundo subjetivo, ou ainda, constitui-se psiquicamente.

No início da história humana havia uma situação polarizada entre um indivíduo autônomo e um outro dependente Escravo. Estas duas consciências de si constituíam-se como opostas em uma relação absolutamente assimétrica. O Senhor constitui-se como consciência autônoma para a qual é o SER-PARA-SI a realidade essencial. A outra é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é SER-DADO para uma entidade outra, ou seja, o ser que é determinado por um outro exterior a si.

Poderíamos ver estas duas consciências opostas como as duas extremidades de um contínuo onde falta um termo médio que seria a ação. Com o tempo e através de sua mediação, esta oposição tenderia a se suprimir. A história seria, em certo sentido, a história desta supressão da desigualdade entre Senhor e Escravo.

Seria a história da supressão do abismo entre sujeito e objeto, supressão esta que se daria pela mediação do trabalho e da ação. O trabalho do Escravo, isto é, o Tempo, revelaria o quanto a posição do Senhor é um impasse intransponível. Intransponível porque, na realidade, o Senhor constitui-se enquanto tal porque um outro o reconhece enquanto Senhor. Mas, para que este reconhecimento fosse

efetivamente humanizador, seria necessário que o Senhor reconhecesse como Humano aquele que o reconhece. O Senhor não reconhece o Escravo como Humano, ele o reconhece como coisa.

Nesta medida o Senhor também não se humaniza pois não é reconhecido enquanto tal por outro Ser humano, mas é reconhecido por um ser natural. Ora, se o Homem só pode se satisfazer pelo reconhecimento, o Senhor jamais o será. O Homem que um dia chegará à satisfação é o Escravo, o Escravo que suprimiu dialeticamente sua condição de Escravo.

Vemos assim que o futuro pertence aos oprimidos, pois eles o constroem com seu trabalho e, pelo trabalho, recuperam a sua condição de Homem livre. O Senhor consome e goza o trabalho do Escravo, e o Escravo conhece, constrói sua consciência de si no Tempo.

Parece-nos que estão delineados os eixos fundamentais da visão hegeliana da construção do homem como filho do Desejo e, portanto, filho do Tempo e da História, como o Ser, por excelência, da mediação simbólica e da liberdade.

Agora entraremos em uma segunda articulação neste capítulo e na própria obra de Hegel, que é a questão da possibilidade da transcendência deste nível do Desejo, constituindo assim, a conquista pelo Homem de um mundo de plena e definitiva satisfação. Este advento da plena satisfação e da abolição do Desejo se daria com o que Hegel chama a materialização de um Saber Absoluto em um Livro que con-

teria todas as respostas e questões possíveis de serem formuladas e respondidas para todo o sempre. O futuro de Paulo seria idêntico ao passado de Maurício. Assim sendo, haveria a abolição de todo o nível desejante, havendo uma total identidade entre sujeito e objeto, que seria atingida pelo saber do Sábio, tendo Absoluta consciência de si e, portanto, não havendo mais negação de nada. O Sábio seria o esplendor do humano e dialeticamente sua morte. O advento da Ciência Absoluta implica o desaparecimento do Homem propriamente dito. O Homem do fim da História continuaria vivo, o fim da História não seria uma catástrofe biológica. O Homem perderia o que o funda enquanto Homem propriamente dito, isto é, deixaria de ser mediação, um Ser que só entra em contato com o Mundo e o Outro através de um sistema Simbólico, que, sendo terceiro, possibilita esta relação. O Homem do fim da História voltaria a ter um contato imediato com o Mundo e consigo próprio, pois seria um Espírito consciente de si, e a consciência Absoluta de si implicaria superar a separação de Sujeito e Objeto. A consciência Absoluta seria a recuperação da unidade fundamental de todas as coisas, ou seja, tudo é Espírito. Nesta medida o que desaparece é a Ação Transformadora ou negadora do Mundo objetivo dado. Ora, isto implica o desaparecimento do Tempo pois o Sábio é, não sendo mais como o Homem um projeto. Na medida em que se abole o Tempo, abole-se também o Desejo e a História.

Toda a Filosofia de Hegel é marcada por este percurso que vai da Ação à abolição da Ação, que vai do Desejo ao não-Desejo, que vai do Filósofo ao Sábio, do Religio



so ao Saber Absoluto.

Hegel coloca a questão da consciência Absoluta como o SER absolutamente idêntico a si sem nenhuma exterioridade. Esta análise do Saber Absoluto como uma Consciência à qual não haveria nenhuma exterioridade, Hegel a faz quando analisa o Saber religioso. Admite que o Saber religioso Teológico cristão é Absoluto.

Constitui-se com um Saber total e definitivo quanto ao seu conteúdo, mas se refere a uma realidade universal outra que a do próprio Homem: refere-se a uma realidade transcendente que seria Deus. Vemos então que, no Saber religioso, a cisão entre o sujeito do conhecimento e o objeto se mantêm. A passagem que o Sábio faria seria referir este Saber que é total não mais a Deus, mas a si mesmo. Para Hegel não foi Deus que criou o Homem, mas o Homem que criou Deus, no curso da História.

O Homem é a expressão da oposição entre o Conhecimento e o Real; a religião seria fruto desta oposição.

O Homem é a revelação do Mundo, mas esta revelação é outra coisa que o Mundo natural revelado. Assim sendo, para que o Homem possa conhecer-se, ele deve se objetivar, se exteriorizar, tornar-se Mundo. O Homem se objetiva por sua ação e, logo, a objetivação do Homem é seu trabalho, isto é, a existência da História que é Tempo. Na medida em que existam História e Tempo, existirá a cisão entre Sujeito e Objeto; o Objeto permanece exterior ao Sujeito que se reconhece por meio de seu Trabalho sobre os objetos. Por seu Trabalho, o Homem cria um Mundo histórico, mas ele não tem consciência de que ele é o criador deste Mundo e

assim o atribuí a um Espírito outro que o seu, isto é, a um Espírito divino. Poderíamos afirmar que a religião é um fenómeno histórico, só pode existir na História e no Tempo.

Hegel a este respeito coloca que:

"A son tournant suprême nous voyons la conscience de soi s'interioriser et parvenir au savoir de l'être-concentré-en-soi-même; nous la voyons aliéner son être-là naturel et conquérir la pure négativité. Mais la signification positive de cette négativité — que précisément cette négativité ou pure interiorité du savoir est aussi bien l'essence égale à soi-même — ou que la substance est ici parvenue à être conscience de soi absolue — tout cela pour la conscience fervente est un autre. Elle saisit cet aspect — que la pure interiorisation du savoir est en soi la simplicité absolue ou la substance — comme la représentation de quelque chose qui n'est pas ainsi selon le concept, mais comme l'action d'une satisfaction étrangère. En d'autres termes, ce n'est pas pour elle que cette profondeur du pur Soi est la force grâce à laquelle l'essence abstraite est abaissée de son abstraction, et élevée au Soi par la puissance de cette pure ferveur. — l'opération du Soi conserve ainsi cette signification négative par rapport à la conscience fervente, parce que de son côté l'aliénation de la substance est un en-soi pour cette conscience qui ne le saisit pas et ne le conçoit pas ou ne le trouve pas dans son opération comme telle — En soi cette unité de l'essence et du Soi s'étant produite, la conscience a aussi cette représentation de sa réconciliation, mais comme représentation. Elle atteint son apaisement en ajoutant de l'extérieur à sa pure négativité la signification positive de l'unité de soi avec l'essence. Son apaisement reste donc lui-même affecté de l'opposition d'un au-delà. Sa propre réconciliation entre comme quelque chose de lointain dans sa conscience, comme quelque chose de lointain dans l'avenir de même que la

*réconciliation que l'autre Soi accomplissait se manifeste comme quelque chose de lointain dans le passé*".<sup>12</sup>

Coloca-se então a diferença entre o Saber Absoluto ou a Ciência e o Saber Religioso. Diferença esta que poderíamos colocar como sendo a diferença entre o Imanente e o Transcendente. Hegel tornou aquilo que a Filosofia e a Religião haviam colocado como transcendência, como puro Espírito, anterior ao Tempo e irredutível a este, em Imanência, isto é, em produto da História. No Saber religioso o Homem pode ter o conhecimento de Deus; este conhecimento chega ao Homem como uma ruptura, um clarão na noite que se dá por meio da conversão, a qual é condicionada em parte por um elemento exterior, ou seja, a revelação de Deus que vem a ser a graça. Este conhecimento religioso de Deus é uma experiência íntima, subjetiva e em certo sentido a-histórica.

Santo Agostinho, um dos mais ilustres teólogos cristãos, tem toda uma teoria sobre a iluminação do Homem pela graça de Deus. Transcreveremos aqui um trecho do livro de Gilson, *A História da Filosofia Cristã*, sobre Santo Agostinho:

*"E onde serão que eles as vêem [estas regras]? Não certamente, em sua própria natureza; pois não há a menor dúvida de que são vistas pela mente; é evidente; porém, que as mentes são mutáveis, ao passo que tais normas são percebidas como imutáveis, como o sabem todos quantos são capazes de ler no eterno. Tampouco vêem-nas no estado habitual de sua alma, pois são regras de justiça, e suas almas são manifestamente injustas. Onde, então, se encontram escritas estas regras? Onde até mesmo o homem in-*

<sup>12</sup> HEGEL, G.W.F., op. cit., p. 289, PhG. II.

*justo conhece o que é justo? Onde vê a possibilidade de possuir o que não possui? Onde há de estar escritas senão no livro daquela luz que se chama Verdade?"<sup>13</sup>*

Depreende-se dessas colocações de Santo Agostinho nitidamente a cisão entre o Espírito perfeito e a imperfeição da Natureza do Homem. O Homem só pode ter conhecimento da Verdade Absoluta através da graça e da transcendência de sua condição humana imperfeita. O conhecimento religioso se daria então na intimidade do indivíduo, constituindo-se assim como uma destituição, uma ruptura com a História e portanto com o Tempo.

O Saber Absoluto em Hegel coloca toda uma outra ordem de problemas. O primeiro é o fato de que na visão religiosa a consciência do Homem é incapaz de conhecer Deus, conhecimento este que só poderia ser possível por uma transcendência da consciência. Para Hegel, se dá justamente o contrário. O Saber Absoluto é uma conquista histórica da Consciência humana. Este Saber seria um Discurso que abarcaria a totalidade do ESPÍRITO, que seria a supressão da diferença entre Saber (subj<sup>ti</sup>vo) e Verdade (obj<sup>ti</sup>vo), e se realizaria em um Livro que materializaria a existência empírica da Ciência. Este Livro revelaria seu conteúdo sem o modificar, logo não é Desejo e nem ação, sendo eternamente idêntico à si, sendo a própria Eternidade. Explicita-se assim que o Saber Absoluto, para Hegel, é um Saber discursivo e não algo como a abolição da consciência, como para os místi

<sup>13</sup> GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 164.

cos. O Livro seria o esplendor da consciência do Homem.

Um outro ponto que seria importante abordar seria a questão do fim da História. O Saber Absoluto, não sendo uma Transcendência Absoluta anterior e radicalmente diferente do Tempo, constitui-se como um produto do Trabalho humano. Constitui-se no Tempo.

Sendo que o conhecimento para Hegel é sempre um conhecimento *a posteriori*, deduz-se que, para que se possa constituir um Saber Absoluto, é indispensável que este Saber esteja construído como uma existência empírica e coletiva do Homem. O Saber Absoluto nunca seria a experiência de um indivíduo isolado. Seria uma construção de toda humanidade. E o Sábio seria aquele que falaria o que toda a História construiu. O Sábio seria a fala, seria a consciência que falaria o advento final do Saber.

Ora, como para Hegel o conhecimento é *a posteriori*, é necessário que a humanidade tenha chegado a um Estado Absoluto homogêneo para que possa existir o Sábio que falará deste advento em um Livro. O aparecimento do Sábio pressupõe então o aparecimento de um Estado Absoluto homogêneo.

Pelo fato do Sábio ser aquele que eleva, através da fala, a experiência empírica da História ao nível do Conceito, Hegel vai dizer que não haveria História sem o filósofo, pois o filósofo é o único a compreender e exprimir o sentido verdadeiro daquilo que os outros realizam.

Feitas estas observações sobre o Saber Absoluto como um Saber Discursivo que abarca a Totalidade do Ser, e

e a condição para o advento deste Saber sendo a existência de um Estado Absoluto, construído historicamente, acharíamos importante colocar algumas diferenças entre o Sábio e o Filósofo.

O que seria um Filósofo? Seria um ser da inquietude, da eterna procura nunca totalizável. O Filósofo seria o ser que fundamentalmente colocaria perguntas. Seria, portanto, um errante, um ser da ordem do Desejo, enquanto que o Sábio seria o ser por excelência das respostas, aquele que teria respostas a todas as perguntas, pois seria o Ser do Saber Absoluto. Ora, se o Sábio tem todas as respostas, isto implica que o Sábio é um Ser da satisfação.

A satisfação do Sábio advém de sua plena consciência de si, o que significa que o Sábio é idêntico a si mesmo e, nesta medida, transcendeu o nível humano, já não é projeto, não se constitui mais como sendo o que lhe falta. Transcender o nível da falta, atingindo assim a plena consciência de si, é abolir o Tempo e toda mudança. Seria a transparência total do Espírito a si mesmo; assim não haveria mais movimento e, não havendo mais movimento, não haveria mais dialética.

Saber e Verdade coincidem, e o Sábio, através de sua Ciência, é Eterno, pois é idêntico a si.

O Sábio contempla aquilo que é, sem nada mudar.

O Saber Absoluto delineia-se assim como o fim da História, do Tempo e do Homem. Abre-se aqui centralmente a questão do Desejo, pois o Desejo nasce no Tempo na me

dida em que o Homem não é total. O Desejo é fruto de uma cisão, de uma fenda que se abre no Homem que o torna estrangeiro a si mesmo e, nesta medida, tem que se inventar. O Homem é um ser do erro, e inclusive será uma de suas características errar e não ser aniquilado em função do seu erro, como na natureza. O Homem pode manter seu erro através de seu Discurso.

A capacidade de errar e manter seu erro é o que caracteriza o Homem como um ser Desejante, um ser marcado fundamentalmente pela ordem Simbólica.

O que é o erro senão desacordo com o real. O falso é aquilo que está em desacordo com aquilo que é. Se o Homem erra é que ele é fundamentalmente desacordo, incompletude. E o erro para o Homem pode vir a ser Verdade através de sua capacidade de linguagem e portanto de representação.

Se sonho com algo que não existe, pode-se dizer que é um erro, dado o fato que não coincide com o real, mas este erro, em outro momento histórico, pode vir a ser Verdade. E, mais ainda, a Verdade só se constitui na medida em que se opõe ao erro.

Podemos dizer que o Discurso, por ser uma representação do real, marca uma diferença em relação ao real e uma diferença que se atualiza sob a forma de oposição; logo, por definição, o Discurso implica o erro pois ele, em certo sentido, constitui-se em oposição ao real.

Tentamos assim delinear as questões que nos pare-

cem essenciais ao trabalho que iremos desenvolver, quais sejam: a questão do Desejo e a questão que se coloca com o Saber Absoluto, ou seja, a abolição do Desejo e a eterna satisfação.

A questão que centralmente coloca Hegel é a possibilidade da Unidade do Homem com o Mundo, pois em última instância tudo é Espírito.

Nesta dimensão, há uma obturação do Desejo implicando uma totalização do Homem.

O que procuramos ressaltar foi a questão da Unidade que a nosso ver é a promessa de todo sistema totalitário.



## 3. FREUD E A QUESTÃO DO DESEJO

"A águia paira sobre os píncaros do Céu,  
 O caçador com seus cães rastreia-lhe o trajeto  
 O perene revolução de estrelas consteladas,  
 O perene recorrência de estações determinadas,  
 O mundo de primavera e outono, nascimento e morte,  
 O infinito ciclo da idéia e da ação,  
 Infinita invenção, experiência infinita,  
 Traz o conhecimento do vôo, mas não o do repouso;  
 O conhecimento da fala, mas não o do silêncio;  
 O conhecimento das palavras e a ignorância do Verbo.  
 Todo nosso conhecimento nos aproxima da ignorância,  
 Toda nossa ignorância nos avizinha da morte,  
 Mas a iminência da morte não nos acerca de Deus.  
 Onde a vida que perdemos quando vivos?  
 Onde a sabedoria que perdemos no saber?  
 Onde o conhecimento que perdemos na informação?  
 Os ciclos do Céu em vinte séculos  
 Afastaram-nos de Deus e do Pó nos acercaram".<sup>14</sup>

Introduzimos este capítulo sobre a concepção freudiana do Desejo com um poema de Eliot; coisa que à primeira vista pode parecer estranha à ciência, pois determinadas preocupações científicas de nossos tempos procuraram fazer com que a ciência se afastasse de toda dimensão desejante. Ciência seria aquilo que tivesse se desvincilhado do Desejo, pois este era visto como um elemento perturbador da pureza do saber científico. Verdade seria a supressão do Desejo. Surge desta pretensão de pureza formal toda uma série de conceitos, tais como, a neutralidade científica, etc. Conceito que implica na não interferência do cientista no fenômeno observado.

Dentro deste espírito positivista apareceram preocupações como as que tiveram os neo-positivistas de

<sup>14</sup> ELIOT, T.S. *Poesias*, p. 175.

construir uma linguagem formal unívoca, isto é, que a cada significante correspondesse um e somente um conceito. Desta forma, acreditava-se que a ciência atingiria seu mais alto nível de *R*igor e pureza. A pureza científica ✓ corresponderia então à erradicação do nível metafórico da linguagem. O que é o Homem senão o fato de seus símbolos trazerem em si, em sua textura semântica sobredeterminada, a possibilidade de várias interpretações. Infinitos reinos se abrem na face das palavras que se arrebatam nas metáforas poéticas. O Homem é errância, é por definição um viajante, como diziam os navegantes portugueses gravado no casco de seus barcos: "*Navegar é preciso, viver não é preciso*".

Curiosa preocupação com a pureza científica. É como se para ser verdadeiro fosse necessário eliminar-se do homem sua liberdade.

Segundo Benveniste, em seu estudo comparativo da linguagem das abelhas com a linguagem humana, a diferença fundamental está no fato de que a linguagem humana remete a infinitas significações possíveis, enquanto a linguagem das abelhas remete a um e somente um significado possível. Será o ideal de ego do cientista tornar-se uma abelha?

A Verdade seria a eliminação do nível desejante. Do ponto de vista da Filosofia hegeliana isto é absolutamente correto. Vimos, no capítulo precedente, que a emergência na História do Saber Absoluto implica na abolição do Desejo e, conseqüentemente, do Tempo. Seria o momento no qual Saber e Verdade tornariam-se idênticos. No caso da

produção científica, vemos claramente como esta pretensão de pureza é um discurso ideológico, encobridor de contradições existentes no coração da própria ciência. Contradições estas que poderíamos colocar como sendo a articulação necessária da ciência com o poder.

Autores como Foucault, Habermas, etc., explicitaram esta contradição de maneira brilhante mostrando que na medida em que o conhecimento científico se torna cada vez mais um poder é este poder que irá constituir, nas sociedades industrializadas, a significação real da ciência.

Podemos começar a meditar várias dimensões a partir desta primeira articulação de nosso capítulo sobre o Desejo. O grande sonho dos Neo-Positivistas Lógicos é fabuloso em possibilidades de revelação das articulações ideológicas. Quando se coloca a pretensão de se construir uma linguagem formal onde um significante remete a um e somente um significado, pretende-se que o saber científico seja a própria Verdade. Onde surge o erro humano? Segundo Hegel, poderíamos dizer que o erro é a não coincidência com o real, com o que é. O erro é a própria liberdade humana que se funda na medida em que é ruptura com o real. Nesta medida, poderíamos colocar que a pretensão do pensamento científico é a de atingir um Saber Absoluto. Entretanto, sabemos que esta pretensão a um Saber Absoluto é uma estrutura que tende a amordaçar a relação existente entre a ciência e o poder.

Esta estrutura é alienante pois dificulta aos cientistas tomarem consciência das contradições de sua

prática.

Delinca-se então como esta possibilidade que aponta a Filosofia hegeliana, o mito do Um, pode servir como estrutura às práticas ideológicas de sistemas totalitários que se pretendem a própria Verdade Eterna.

Desejo; será que podemos pensar o Homem fora desta categoria? Será que abolir o Desejo não implica condenar o Homem a perder sua liberdade?

Nietzsche coloca:

*"Nós, os investigadores do conhecimento, desconhecemo-nos. E é claro: pois se nunca nos procuramos, como havíamos de nos encontrar? Foi com um profundo senso que se disse: 'Onde estiver o nosso tesouro, lá estará nosso coração'; e o nosso tesouro está hoje nas colmeias de conhecimento. Para essas colmeias viajamos, como as famosas abelhas que levam o mel de espírito e só alguma coisa se propõe levar".<sup>15</sup>*

Levando somente sua Consciência e abolindo seu Desejo não se tornará o Homem um dócil trabalhador sem possibilidade de pensar sua prática?

Estas questões levantadas antecipam as questões que serão trabalhadas <sup>um</sup> no desenvolvimento posterior.

Iniciamos toda esta discussão em torno da ciência e do Desejo, querendo explicar porque iniciar um capítulo sobre Freud com uma poesia de Eliot. Em primeiro lugar, queríamos retomar uma velha tradição de Freud, ao longo de sua obra, o qual sempre procurou inspiração para

15

NIETZSCHE. *Genealogia da Moral*, p. 7.

sua produção científica nos clássicos da literatura.

Talvez quizesse indicar com isto, a nosso ver, que a psicanálise é uma ciência do Desejo ou, como coloca Lacan, a ciência daquilo que falta ao Homem. A psicanálise seria então uma ciência da liberdade humana, já que o que funda a liberdade humana é o fato de existir no Homem uma cãrie no coração de seu ser. Em segundo lugar, o poema de Eliot nos pareceu colocar de maneira perfeita o que se articula na concepção freudiana do Desejo e do Homem.

Diz o poema:

*"O conhecimento da fala, mas não o do silêncio"*

querendo indicar talvez que no Homem todo conhecimento implica em uma perda. Esta frase do poema coloca de forma extremamente bonita toda a questão do Simbólico que se constitui como a presença de uma ausência.

Falar do Desejo implica necessariamente falar do Simbólico. Assim, este poema, antecipa e inspira todo o caminho que percorreremos nesta leitura de Freud.

O Homem é em seu coração mesmo supérfluo pois não é coincidência consigo próprio. Afirmando esta frase acima, nos vemos lançados no âmago da experiência freudiana que diz que somos viajantes eternos, sem porto possível.

Como já foi inúmeras vezes dito, Freud fez uma verdadeira revolução copernicana no seio das ciências humanas. Criou um novo campo de saber com sua descoberta do

inconsciente revelando ao Homem sua incompletude radical.

A Filosofia durante séculos pensou que o psíquico se confundia com a consciência à qual constituía-se como sede do sentido.

A partir das formulações freudianas, sobre o inconsciente, o psíquico não se reduz mais à consciência, esta passa a ser vista como produto de uma diferenciação do próprio inconsciente. O Homem perdeu assim seu centro e com esta perda a possibilidade de totalização.

Paul Ricoeur coloca que com a descoberta freudiana o que se questiona não são temas filosóficos específicos, mas o conjunto do projeto filosófico. Afirma Paul Ricoeur que surge o problema da mentira da consciência. A consciência que até então constituía-se como o alicerce inabalável de toda a démarche filosófica aparece como mentira. Mentira pois sempre se acreditou que a consciência constituía-se como o campo, o fundamento e a origem de todo sentido. Nesta medida a descoberta do Inconsciente deslocou inteiramente este eixo revelando que o sentido é um produto entre os sistemas consciente e inconsciente.

Freud coloca:

*"La diferenciación de lo psíquico en consciente e inconsciente es la premisa fundamental del psicoanálisis. Le permite, en efecto, llegar a la inteligencia de los procesos patológicos de la vida anímica, tan frecuentes como importantes, y subordinadas a la investigación científica. O dicho de otro modo: el psicoanálisis no ve en la conciencia la esencia de lo psíquico, sino tan sólo una cualidad de lo psíquico, que puede sumarse a*

otras o faltar em absoluto. Si supiera que el presente estudio iba a ser leído por todos aquellos a qui mes interesan las cuestiones psicológicas, no me extrañaría ver como una parte de mis lectores se detenía al llegar aquí y se negaba a seguir leyendo. En efecto, para la mayoría de los personas de cultura filosófica, la idea de un psiquismo no consciente resulta inconcebible y la rechazan, tachándola de absurda e ilógica. Procede esto, a mi juicio, de que tales personas no han estudiado nunca aquellos fenómenos de la hipnosis y del sueño que aparte de otros muchos de naturaleza patológica, nos impone tal concepción. En cambio, la psicología de nuestros contradictores es absolutamente incapaz de solucionar los problemas que tales fenómenos nos plantean".<sup>16</sup>

Fica claramente delineado o imenso continente novo descoberto por Freud e que questionou as bases em que se apoiavam a Filosofia em sua concepção do Homem.

Colocamos que com o advento da psicanálise não é mais a consciência a origem da produção do sentido. Então, como se constrói o sentido dentro da visão psicanalítica?

O sentido seria o produto de um complexo processo psíquico, que se daria na articulação dos sistemas inconsciente e consciente.

Poderíamos dizer que o sentido seria como que uma reconstrução de um dado determinado através não só da atribuição de uma intencionalidade ao que se fala, como também da evocação de uma série de novas significações ao

<sup>16</sup>

FREUD, S. *El yo y el ello*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

que se escuta. Vemos então que o sentido não seria fruto unicamente de dimensões individuais, inconscientes, nível em que se daria a reconstrução, isto é, na medida em que um significante desencadeia complexos Inconscientes indiv duais, mas surgiria também de aspectos lingüísticos, isto é, concretos, externos. Poderíamos dizer que a loucura seria a impossibilidade de articular estes dois níveis.

A psicanálise coloca a possibilidade de estados de consciência sem a produção de um sentido. Podem existir qualidades psíquicas sem que isto implique na produção de um sentido.

Os estados de ansiedade comprovam este fato, ou seja, que um indivíduo possa ter consciência de um estado de desprazer sem que isto implique em um sentido.

Falta a este indivíduo algo para que possa articular o sentido do estado que sofre. E o que lhe falta é uma representação inconsciente, pois a ansiedade é um substituto somático de uma representação ausente.

Desta forma, podemos ver que não seria numa articulação de palavras que brotaria o sentido.

Em seu artigo sobre o inconsciente, Freud vai colocar a diferença entre o que seriam as representações inconscientes e as representações conscientes. Nas representações de coisa, o que deriva da coisa seria essencialmente <sup>sensorial</sup> visual. As representações de palavras, por outro lado, derivadas das palavras, seriam essencialmente acústicas.

Parece-nos que a diferença fundamental entre es-



tes dois registros é que na representação de coisa a significacão da palavra não está referida ao código lingüístico compartilhado socialmente. As palavras neste registro teriam um sentido estritamente individual, perdendo sua dimensão social. A palavra aí não representaria a coisa, mas seria a própria coisa. Na representação de palavra esta encontra-se articulada ao código lingüístico constituindo-se portanto, como representação compartilhada de algo.

Em seu artigo sobre o inconsciente Freud escreve:

"Extrañeza lo que da el caracter de la formación sustitutiva y al síntoma en la esquizofrenia, nos llevan a afirmar finalmente es o el predominio de lo que debe hacerse como los palabras sobre lo que debe hacerse con las cosas. Entre o hecho de extraerse una 'espinilla' de la piel y una eyaculación existe muy escosa analogía, y menos aun entre los infinitos poros de la piel y la vagina. Pero en el primer caso 'brota' en ambos actos algo, y al segundo puede aplicarse la única frase de que 'un agujero es siempre un agujero'. La semejanza de la expresión verbal, y no la analogía de las cosas expresadas, es lo que ha decidido la sustitución. A sí, pues, cuando ambos elementos - la palabra y el objeto - no coinciden, se nos muestra la formación sustitutiva esquizofrénica distinta de la que surge en las neurosis de transferencia".<sup>17</sup>

Quando Freud coloca que a palavra e o objeto não coincidem, coloca claramente a referência ao código lingüístico. Sabemos que Saussure, em seu livro *Curso de Lingüística Geral*, coloca a questão da arbitrariedade do signo lingüístico.

<sup>17</sup>

FREUD, S. *El Inconsciente*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

Saussure diz que a articulação de um conceito com uma imagem acústica é arbitrária. Querendo significar com arbitrariedade o fato de não haver nenhuma relação motivada entre o conceito e a imagem acústica, sendo estabelecida dita relação pelo grupo lingüístico e não por um indivíduo.

Na visão freudiana, o sentido não poderia se dar só a nível da representação de coisa pois como vimos, é exatamente o que se dará na loucura. Nem se dará no sistema consciente pois no caso da ansiedade, como no caso das neuroses em geral, pode-se produzir uma qualidade que venha a ser consciente não advindo daí necessariamente um sentido.

O sentido então adviria da articulação da representação de coisa com a representação de palavra.

Neste artigo sobre o inconsciente se coloca:

*"Podemos ahora expresar más precisamente qué es lo que la represión niega a las presentaciones rechazadas en las neurosis de transferencia. Les niega la traducción en palabras, las cuales permanecen enlazadas al objeto. Una presentación no concretada en palabras o en un acto psíquico no sobrecargado, permanece entonces en estado de represión en el sistema inconsciente".<sup>18</sup>*

Estas ponderações nos mostram que para a psicanálise o Homem se encontra dividido em dois sistemas, não se podendo reduzi-lo mais a seu sistema consciente.

<sup>18</sup> FREUD, S., op. cit.

Há uma dimensão que poderíamos pensar a partir desta colocação da produção do sentido que é o fato de, na produção de sentido estarem implicados dois sistemas diferentes. Como vimos, um destes sistemas é constituído em parte por experiências individuais, e portanto únicas, e o outro por uma dimensão social constituída pela linguagem. Nesta medida se forem os dois níveis irreduzíveis um ao outro podemos dizer que o Homem nunca irá se traduzir inteiramente naquilo que fala. O ser humano sempre terá uma dimensão escura, pois sua Verdade estará em outra cena, não traduzível à lógica das articulações conscientes.

Tentando tornar mais clara e apoiando nossa afirmação acima, colocaríamos a diferença entre os sistemas inconscientes e conscientes.

Na obra de Freud, este vai diferenciar claramente o sistema inconsciente do sistema consciente. O fará de forma a deixar explícita a diferença radical existente entre estes sistemas, evidenciando que um não é redutível ao outro. Quando foi postulado a existência de um psiquismo inconsciente, a Filosofia levantou várias hipóteses tentando explicar o inconsciente partindo de uma lógica da consciência. A idéia central dos filósofos, na tentativa de manter a hipótese que o psíquico seria a consciência, e, nesta medida mantendo a base de todo seu saber, era a de que os estados latentes, isto é, não conscientes, seriam latentes temporalmente mas que viriam a tornar-se conscientes.

Os fenomenólogos colocaram, por exemplo, que não teria sentido falar de atividades mentais inconscientes.

Alegaram que todo objeto enquanto objeto intencional o é de uma consciência, e, se (as) houvesse inconscientes, tais atos seriam ainda objetos da consciência.

Freud a respeito desta tentativa de não dar um estatuto psíquico ao inconsciente coloca:

*"La negación de lo inconsciente resulta incomprendible en cuanto volvemos la vista a todos nuestros recuerdos latentes. Se nos apandrá aquí la objeción que estos recuerdos latentes no pueden ser considerados como psíquicas si no que corresponden a restos de procesos somáticos, de los cuales puede volver a surgir lo psíquico. No es difícil argüir a esta objeción que el recuerdo latente es, por lo contrario, un indudable residuo de un proceso psíquico. Pero es aun más importante darse cuenta de que la objeción discutida reposa en verdad no dicho explícitamente sino tomado como axioma, de asimilar lo consciente a lo psíquico".<sup>19</sup>*

Partindo desta descoberta de uma outra cena psíquica estruturalmente diferente da consciência, a psicanálise vai definir as leis que regem esta outra cena, ou seja, o inconsciente.

O inconsciente, para Freud, está constituído em seu modelo mais profundo por representações de pulsões reprimidas que tendem a derivar sua carga por meio de Desejos. Estes Desejos que estão reprimidos articulam-se entre si, mas não se modificam mutuamente.

No sistema inconsciente a energia circula de maneira livre dado o fato das representações inconscientes

<sup>19</sup> FREUD, S., op. cit.

não influírem umas sobre as outras. As operações fundamentais por meio das quais se organizaria o fluxo de energia seriam o deslocamento e a condensação. Por meio do processo de deslocamento uma representação pode transmitir a outra toda sua carga energética, e, por meio da condensação, uma representação pode sintetizar em si várias outras.

Estes dois processos supra citados vão caracterizar o que se chamará o processo primário que irá estruturar o sistema inconsciente.

Colocamos que as representações de pulsões que irão constituir o núcleo do inconsciente não alteram uma à outra no sentido de não haver uma legalidade lógica em sua estruturação. Poderíamos pensar que o regime do inconsciente não está submetido à temporalidade cronológica. O que é o tempo senão a transformação das coisas? Existir implica em transformar, ou poderíamos dizer, que a existência é transformação. Se neste registro as representações não influem umas sobre as outras elas não se modificam, o que equivale a dizer que elas não estão temporalmente ordenadas. Deste fato de não estarem temporalmente ordenadas, pode-se inferir que entre elas não existe contradição pois não há diferença. Assim também, dado que não há diferença não há negação. Podemos ver então que as representações inconscientes não estão submetidas à realidade tal qual a conhecemos, se encontrando então submetidas ao princípio do prazer. O que vai reger os processos inconscientes será o princípio do prazer-desprazer não havendo renúncias à consecução imediata da descarga que proporciona o prazer.

Colocamos então o que nos parecem ser as características fundamentais do processo inconsciente, <sup>representar</sup> ou seja, <sup>Freud</sup> o processo primário (mobilidade das cargas), a independência em relação ao Tempo, ausência de contradição e a substituição da realidade exterior pela realidade psíquica.

O que caracterizaria então o sistema consciente? Em primeiro lugar poderíamos dizer que no sistema consciente não há deslocamento livre de energia. A passagem de energia de uma representação à outra não se dá de maneira total. É transferido somente uma pequena parte desta energia ficando na representação de origem uma outra parte. Esta característica, o fato da energia estar ligada escoando-se de forma ordenada, vai fundar o que se chama de processo secundário. A partir do momento que a energia está ligada e flui de forma ordenada, as representações influem umas nas outras e assim aparece a ordenação temporal, a contradição e a articulação com a realidade exterior.

Assim surgem as características do sistema da consciência que seriam o processo secundário (energia ligada) o princípio da realidade e a contradição entre as representações.

Partindo dessas colocações poderíamos afirmar, de forma mais consistente, que os dois sistemas, o inconsciente e o consciente, constituem-se como dois sistemas estruturalmente diferentes e portanto irredutíveis um ao outro.

Delineia-se assim, de maneira mais clara, o ponto de vista que pretendemos mostrar que vê o Homem como um ser cindido estruturalmente e sem possibilidade de uma sín

tese totalizadora.

Seguindo este caminho que nos propomos seria interessante tocar em duas concepções, com nuances diferentes, colocadas na obra de Freud sobre o inconsciente. Estas duas concepções sobre o inconsciente, corresponderiam a dois diferentes momentos de sua produção teórica que podemos nomeá-las como sendo a primeira e a segunda tópicas.

Na concepção que Freud tinha do inconsciente, nas formulações relativas à primeira tópica, ou seja, seus escritos teóricos centrados no recalque como constituidor do psíquico, o inconsciente aparece como sendo o reprimido por excelência.

Nestas formulações o sistema inconsciente coincidiria com as representações reprimidas. Freud concebe o aparato psíquico tomando como modelo um telescópio. O telescópio se compõe de uma série de lentes sucessivas que estão relacionadas entre si por leis da ótica. Partindo deste modelo, Freud coloca que o aparelho psíquico é composto por uma série de instâncias sucessivas que apresentam uma ordem no que diz respeito ao percurso da excitação, tal como se fossem lentes do telescópio. A este aparelho deu o nome de sistema psicológico.

Coloca que neste sistema psicológico que se constitui como um aparelho composto, existe uma direção. Esta direção seria dada pelo fato de que toda a atividade psíquica do Homem parte de estímulos internos ou externos, e vai terminar em inervações. Assim, fica evidente que o

aparelho psíquico possui um extremo sensível e um extremo motor. No extremo sensível encontra-se um sistema de recepção dos estímulos, sendo que, no extremo motor, estes estímulos são traduzidos em movimento. Desta forma poderíamos dizer que o processo psíquico se desenvolveria passando do extremo perceptível ao extremo motor.

O aparelho psíquico teria a estrutura de um arco reflexo.

Freud pensando sobre o extremo perceptivo de seu aparelho psíquico tece várias considerações. Primeiramente vai colocar a questão da memória. As percepções que chegam a nosso aparelho psíquico deixam necessariamente marcas, marcas estas que irão constituir o que chamamos de memória. O que constitui a memória são modificações permanentes impostas a determinados elementos do aparelho psíquico. O aparelho psíquico tem que manter estas modificações permanentes em seus elementos e ao mesmo tempo, manter sua capacidade constante de acolher novas estimulações. Aqui se diferenciam duas funções do aparelho psíquico: uma delas é a percepção, a outra a memória. Freud vai supor então que a percepção é uma instância anterior à memória e que em sua estrutura não se registraria nada daquilo que fosse percebido, isto é, seria completamente sem memória. O segundo sistema, que transformaria as excitações momentâneas provenientes do primeiro sistema em marcas duradouras, constituiria a memória. Freud vai supor em seguida que existem vários elementos que formariam como que conjuntos de representações que se diferenciariam



pela forma de se articular entre si. Nossa percepção articula-se na memória e o que rege esta articulação seria a simultaneidade dos elementos percebidos. As representações da memória se associam e o que vai organizar a forma como esta associação é feita, é o tempo. No primeiro destes conjuntos de representações que constituirá a memória, as representações se articularão por simultaneidade; já nos conjuntos posteriores poder-se-ia supor que a articulação se daria por analogia.

Colocamos até aqui a existência de um sistema de percepção sem memória e um outro sistema que transformaria os estímulos percebidos em memória. Coloca-se aqui o fato de que estas representações que comporão a memória encontram-se, a maioria do tempo, no estado de inconsciência podendo tornar-se conscientes. Freud colocara que aquilo que chamamos nosso caráter está constituído sobre representações da memória de nossas impressões e, principalmente, aquelas impressões que atuaram intensamente sobre nós, ou seja, as de nossa infância constituindo um grupo de representações que não se tornam conscientes quase nunca.

Freud, preocupado em explicar a formação dos sonhos, vai supor a existência de uma instância crítica que tenderia a impedir o acesso de um determinado grupo de representações à consciência. Neste momento Freud vai nomear dois sistemas segundo sua relação com o consciente. Um destes sistemas será nomeado como preconsciente, dado a possibilidade que tem seus conteúdos de passar diretamente à consciência, desde que cumpridas determinadas con

dições, como por exemplo, o de certa intensidade e certa distribuição da atenção. O sistema pré-consciente é também o que possui livre acesso à motilidade voluntária. Ao outro sistema, que se encontra de trás deste, vai dar-se o nome de inconsciente, pois não se comunica com a consciência a não ser através do sistema pré-consciente, o qual impõe às excitações determinadas transformações antes de poderem tornar-se conscientes.

Freud colocará então como fonte dos sonhos estas representações que compõem o sistema inconsciente, dizendo:

*"En cuál de estos sistemas situaremos ahora el estímulo de la formación de los sueños? Para mayor sencillez, en el sistema Inc. aunque, como más adelante explicaremos, no es esto si rigurosamente exato pues la formación de los sueños se halla forzada a enlazarse con ideas latentes que pertenecen al sistema de lo preconscious. Pero también averiguaremos en otro lugar, al tratar do deseo onírico, que la fuerza impulsora del sueño es proporcionada por sistema Inc. y esta última circunstancia nos mueve a aceptar el sistema inconsciente como el punto de partida de la formación de los sueños".<sup>20</sup>*

Fica assim caracterizada a visão freudiana do sistema inconsciente na primeira tópica. Segundo esta visão o sistema se formaria a partir de representações da memória que se tornariam inconscientes pelo processo da repressão, ou seja, a existência de uma instância crítica que não permitiria o acesso à consciência. Poderíamos en-

<sup>20</sup>

FREUD, S. *Interpretation de los sueños*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, p. 675.

tão afirmar que o inconsciente se comporá por representações reprimidas, ou seja, por representações que foram já conscientes e que pelo processo de repressão tornaram-se inconscientes.

Há nesta formulação uma anterioridade consciente das representações inconscientes o que levaria a poder supor a possibilidade de poder-se resgatar à consciência todas as representações inconscientes.

Nas postulações que irão caracterizar a segunda tópica, surge uma dimensão nova em relação ao problema do inconsciente. Vai se formular, então, o inconsciente como não estando reduzido às representações reprimidas. Poderíamos supor que esta afirmação que o inconsciente é mais que o reprimido, abre uma dimensão nova. O que se coloca, a nosso ver, é a questão pulsional e sua energia. Freud coloca que só conhecemos as pulsões por meio de suas representações, sendo que, o conceito de pulsão é um conceito fronteiro entre o soma e o psíquico. Nesta medida vemos que as pulsões lançam raízes no silêncio do corpo ao mesmo tempo que se representam no psiquismo. Será que poderíamos dizer que todas as dimensões pulsionais são representáveis? Ou será que existem dimensões pulsionais que nunca serão traduzidas em termos simbólicos discursivos? Parece-nos que esta formulação de Freud aponta para esta segunda pergunta, ou seja, a de que existem dimensões pulsionais que são irrepresentáveis e, nesta medida, inapreensíveis pelo discurso consciente.

Freud a este respeito coloca em seu artigo "0

EGO e o ID":

"Un individuo es ahora, para nosotros, un ELLO psíquico desconocido e inconsciente, en cuya superficie aparece el yo, que se ha desarrollado partiendo del sistema P en módulo. El yo no vuelve por completo al ELLO, sino que se limita a ocupar una parte de su superficie, esto es, la constituida por el sistema P y tampoco se halla precisamente separado de él, pues confluye con él en parte inferior. Pero también lo reprimido conduce con el ELLO hasta el punto de no constituir sino una parte de él. En cambio se halla separado del yo por las resistencias de la represión, y sólo comunica con él a través del ELLO".<sup>21</sup>

Continuando neste mesmo texto, o autor colocará outra diferenciação entre o ID e o EGO que nos parece importante:

"La percepción es para el yo lo que es para el ELLO el instinto. El yo representa lo que pudiéramos llamar la razón o la reflexión, opuestamente al ELLO, que contiene las posiciones".<sup>22</sup>

Esta afirmação de que o ID não se reduz ao reprimido propriamente dito, pode abrir a questão colocada por Freud de um inconsciente filogenético, herdado pela humanidade desde a fundação de sua origem como organização social.

Freud no artigo *Psicología das Massas e Análise do Ego* (1921) vai colocar que os nossos atos conscientes seriam o resultado de um substrato inconsciente criado na mente sobretudo por influências hereditárias, constituindo em inúmeras características comuns passadas de geração em geração. Essas características comuns, ou os conteúdos des

<sup>21</sup> FREUD, S. *El Ego y el Id*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

se inconsciente, aparecem em *Totem e Tabu* constituindo-se nas proibições primevas dirigidas contra os mais poderosos Desejos do Homem. Esses Desejos primevos proibidos seriam, portanto, o núcleo do inconsciente primário filogenético, que nunca poderiam vir à consciência a não ser através de seus derivados.

Esta dimensão filogenética é uma das que compõe claramente o inconsciente, mas parece-nos, que o que Freud aponta quando coloca o fato do Id não reduzir-se ao reprimido abre fundamentalmente a questão da possibilidade de haver no Homem algo que seja de uma ordem radicalmente outra que a ordem discursiva.

Um dos indicadores desta afirmação, poderíamos ver na colocação que faz Freud em suas *Novas Lições Introdutórias à Psicanálise*, onde coloca:

*"La teoría de los instintos es por decirlo así, nuestra mitología. Los instintos son seres míticos, magnos en su indeterminación. No podemos prescindir de ellos ni un solo momento en nuestro labor, y con ello ni un solo instante estamos seguros de verlos claramente".<sup>23</sup>*

Poder-se-ia perguntar o que o autor indica com o uso do termo mitologia, no que se refere às pulsões?

Os mitos seriam fantasias arcaicas inconscientes projetadas no processo secundário sendo, então, os mitos uma tentativa de elaboração destas fantasias?

As fantasias que os mitos revelam não são produ-

<sup>3</sup>

FREUD, S. *Novas lecciones introductorias a la Psicanálise*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

tos de um só indivíduo mas antes de um povo. Seriam fantasias coletivas. Nesta medida, os mitos seriam o resíduo deformado de fantasias de Desejos de povos inteiros, representando os impulsos do homem primitivo.

Esta questão sobre o mítico colocado por Freud pode abrir uma questão que nos parece essencial ao homem e à psicanálise. Os mitos, em uma de suas dimensões, poderiam ser vistos como projeções de fantasias de Desejos arcaicos e, nesta medida, estar dentro de uma ordem discursiva. Mas se partirmos da definição que dá Freud ao ID em suas *Lições Introdutórias*, abre-se campo a novas interpretações possíveis:

*"No esperaréis que del ello puedo comunicaros grandes cosas. Es la parte oscura e inacezible de nuestra personalidad; lo poco que de él sabemos lo hemos averiguado mediante el estudio de la elaboración onírica y de la producción de síntomas neurotícos, y en su mayor parte tiene carácter negativo no pudiendo ser descrito sino como antitético del yo. Nos aproximamos al ello por medio de analogías designándolo como un caos o como una caldera, plena de hirvientes estímulos. Lo dibujaríamos abierto en el extremo orientado hacia lo somático y acogiendo allí en sí las necesidades instintivas, que encuentran en él su expresión psíquica, pero no podemos decir en qué substrato. Se carga de energía emanada de los instintos; pero carece de organización, no genera una voluntad conjunta y sí sólo la aspiración a dar satisfacción a las necesidades instintivas conforme a las normas del principio del placer".<sup>24</sup>*

Estas indicações de que o ID carece de organização, sendo uma caldeira que não gera uma vontade conjunta, talvez indique uma outra realidade de nosso psiquismo que

<sup>24</sup> FREUD, S., op. cit.

escaparia à possibilidade de representação simbólica mantendo, desta forma, a irredutibilidade do Homem a uma dimensão discursiva.

A questão do Mito é abarcada por Etienne em seu livro "*Les Maîtres de Vérité dans la Grèce Archaïque*" onde coloca a questão da palavra do poeta.

Em um primeiro momento coloca-se a questão da Verdade. A Verdade em nossa sociedade científica aparece relacionada à objetividade, à possibilidade de ser comunicada e à unidade. A Verdade seria então definida em dois níveis: conformidade à princípios lógicos e conformidade ao real.

Assim a Verdade vai definir-se, tomar seu contorno, na medida em que se relaciona com aquilo que não é, ou seja, ao erro, estando portanto estruturalmente dentro de uma dimensão discursiva.

Uma outra conotação de Verdade surge quando se analisa esta concepção dentro do pensamento mítico. Aí aparece o conceito de Verdade como o centro a partir do qual vai estruturar-se todo o universo mítico, mas a Verdade, para este tipo de pensamento, vai constituir-se como algo radicalmente distinto da nossa concepção de Verdade. Verdade aqui vai aparecer como algo fundamentalmente complexo como aparece na palavra *Indo-Ariana* que se traduz por Verdade. A palavra seria *Rta* que designa Verdade mas, ao mesmo tempo, prece litúrgica, a potência que assegura o retorno das auroras, a ordem estabelecida pelo culto dos deuses, o direito, etc. Verdade então remete necessariamente a um

conjunto de valores que vão fazer explodir o conceito de Verdade de nossa sociedade científica.

Nesta medida, na Grécia Arcaica os poetas eram os deputados dos deuses, assim como os advinhos, os sacerdotes. A palavra proferida por estes Homens tinham uma característica comum que era sua eficacida. A palavra dos poetas era eficaz, era a própria Verdade, pois ela exprimia a ordem dos deuses. Esta palavra poética não fundava sua Verdade opondo-se ao erro como na Verdade científica. A palavra do poeta seria pura afirmação, não se fundando em nada exterior a si mesma.

Etienne vai colocar em seu livro citado:

*"Si le monde divin est par excellence celui où jamais une décision si est prise en vain où nulle parole n'est gratuite, dans le monde poétique la parole ne jouit pas d'une moins grande efficacité: quand Hermès joue au poète inspire qui sait avec art e savoir tirer de la lyre des sons harmonieux, loin de prononcer des paroles vaines, inutiles il réalise les dieux immortels et la Terre ténébreuse. Par la puissance de son verbe poétique, il institue les puissances du monde invisible, il déroule la langue théorie des dieux, selon leur rang, leur honneur respectif. La louange poétique suscite une réalité du même ordre; la parole est même ici une chose vivante une réalité naturelle qui pousse, qui grandit; avec elle, c'est l'homme louangé qui grandit, car l'homme est sa louange même."*<sup>25</sup>

A palavra é a coisa mesma, ela é real. Na ordem simbólica a palavra é uma representação da coisa, nasce da morte da coisa e é filha desta ausência. A palavra sendo o

<sup>25</sup> ETIENE. *L'es Maîtres de Vérité dans la Grece Anchaïque*, p. 54.



próprio real não estaria indicado assim um reino da afirmação pura, uma dimensão irreduzível à ordem discursiva que se constitui como falta?

Hegel vai colocar esta mesma questão quando diz que o conceito é o próprio real, mas vai colocar como sendo o fruto de um Logos que abarcaria todo o real coincidindo com o próprio real. Para Hegel haveria uma abolição das diferenças em um Estado Absoluto Homogêneo aqui, pelo contrário, parece existir o esplendor das diferenças na medida em que, se afirma a existência de ordem irreduzíveis, seria a plenitude na diferença.

Poderíamos fazer uma alusão ao pensamento de Nietzsche e a sua concepção do Desejo não como sendo da ordem da falta, mas como sendo da ordem da plenitude. Ordem esta que no pensamento nietzschiano, não remete à idéia de uma unidade como Hegel propõe, mas à existência irreduzível de antíteses e portanto da mais radical singularidade.

Deleuze, em seu livro sobre Nietzsche vai colocar:

*"Ela cheira a hegelianismo de uma maneira bastante escabrosa. Pois a contradição e sua resolução representam ainda o papel de princípios essenciais; vê-se aí a antítese transformar-se em unidade".<sup>26</sup>*

O próprio Nietzsche no *Nascimento da Tragédia* coloca esta questão de uma concepção teórica e universalizante e uma concepção trágica da existência, isto é, não uni-

<sup>26</sup>

DELEUZE. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro, Campos, 1976.

versalizante. Citando-o:

"Si ce qui a dévoyé l'ancienne tragédie, c'est l'impulsion dialectique ou savoir et à l'optimisme scientifique, on pourrait conclure qu'il existe un éternel combat entre conception théorique et conception tragique du monde et qu'il ne sera possible d'espérer une renaissance de la tragédie que du jour où l'esprit scientifique et où, la preuve en étant administrée, sa prétention à une validité universelle sera anéantie".<sup>27</sup>

Estas questões que se podem articular à concepção freudiana do Id, ou seja, à indicação de algo a nível pulsional que seria irrepresentável, são questões que somente aludimos e que precisam, evidentemente, de um aprofundamento.

Retomando o problema das pulsões poderíamos dizer que Freud postulou a questão pulsional pela primeira vez em seu livro *Três ensaios para uma Teoria Sexual*. Neste trabalho é colocado claramente a pulsão como algo que não tem objeto de satisfação primariamente dado.

Na psiquiatria, até então, a sexualidade era vista como expressão de um instinto animal e, portanto, imersa na ordem e nas determinações naturais. O que caracteriza o instinto é o fato do objeto de satisfação se encontrar articulado à própria demanda instintiva. Quer isto dizer que o animal tem um objeto que vai satisfazer sua demanda e, nesta medida, vive em uma plenitude cósmica imerso no mundo natural. Não há angústia para o animal, pois não há não

<sup>27</sup> NIETZSCHE. *Nascimento da Tragédia*.

saber. A cultura do animal, se assim pudermos falar, encontra-se inscrita no silêncio de sua carne, no seio de seus códigos genéticos, prescindindo de qualquer instituição externa a si que mediasse sua relação com seu saber e com o mundo. Vive o animal uma relação imediata com a lei cósmica que o determina.

Freud veio mostrar que a sexualidade humana constituiu-se justamente na medida em que rompe com este mundo natural. Poderíamos representar esta ruptura na passagem do termo instinto à Pulsão. Instinto seria da ordem da necessidade e pulsão seria da ordem do Desejo. A pulsão designa a inexistência de um objeto de satisfação imediatamente correlativo. Se não há nenhum objeto que seja imediatamente correlativo, este objeto é construído pela cultura, pelo simbólico. Enuncia-se então, claramente, a ordem humana como uma ordem aberta ao outro, ou seja, como história. Na medida em que a sexualidade humana não tem um objeto adequado, ela jamais escapa inteiramente ao narcisismo, mas será exatamente o que permitirá ao Homem tornar-se um ser histórico, na medida em que se funda relacionado com a lei simbólica, possibilidade única de satisfação de seu Desejo. Assim, a sexualidade com sua energia libidinal faz do Homem um ser errante, pois precisa inventar seu objeto de satisfação e, nesta mesma medida, um ser submetido a lei simbólica.

Freud nos *Três Ensaíos para uma Teoria Sexual*, em uma edição de 1915, vai colocar:

*"Para el psicoanálisis, la falta de toda*

relación de dependencia entre el sexo del individuo y su elección del objeto, y la posibilidad de orientar indiferentemente esta última hacia objetos masculinos e femininos — hechos comprobables tanto en la infancia individual como en la de los pueblos —, parecen constituir la actitud prima y original, a partir de la cual se desarrolla luego el tipo sexual normal o el invertido, por la acción de determinadas restricciones y según el sentido de los mismos.

A si, pues, en un sentido psicoanalítico, el interés sexual exclusivo del hombre por la mujer constituye también un problema, y no algo natural, basado últimamente en una atracción química".<sup>28</sup>

O Homem nasce em um estado no qual encontra-se desarticulado com o cosmo e sua história será a tentativa de articulação dada pela mediação do simbólico.

O Homem nasce prematuro e sem o social estaria condenado à morte. Prematuração quer dizer abismo, quer dizer, não identidade com o mundo dado natural. É justamente nesta abertura do Homem em relação ao cosmo que vai se inscrever o Simbólico como uma ponte sobre o abismo.

Jacques Lacan, coloca a este respeito:

"C'est en effet par la béance qu'ouvre cette prématuration dans l'imaginaire et où foisonnent les effets du stade du miroir, que l'animal humain est capable de s'imaginer mortel, non qu'il puisse dire qu'il le pourrait sans sa symbiose avec le symbolique, mais plutôt que sans cette béance qui l'aliène à sa propre image, cette symbiose avec le symbolique n'aurait pu se produire, où il se constitue comme sujet à la mort".<sup>29</sup>

<sup>28</sup> FREUD, S. Três ensaios para una teoría sexual. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

<sup>29</sup> LACAN, Jacques. *Ecrits*. Paris, 1966.

Freud em uma pequena nota de pé de página, faz uma interessante observação. Diz ele:

*"La máxima diferencia entre la vida erótica del mundo antiguo y la nuestra está quizá en que para los antiguos lo importante era o instinto mismo y no, como para nosotros, el objeto. Glorificaban el instinto y creían que ennoblecían al objeto, por deleznable que fuese. En cambio, nosotros despreciamos la actividad sexual en sí y la disculpamos por los méritos del objeto".<sup>30</sup>*

Valorizamos o objeto em detrimento da pulsão que é sem objeto. Poderíamos pensar em toda uma tentativa de naturalizar a sexualidade, na medida em que valorizamos os objetos como se estes fossem naturais. Por outro lado, os objetos podem ser controlados socialmente enquanto que o nível pulsional torna-se problemático. Nesta valorização do objeto não estaria toda a base da moralidade e da impossibilidade do Homem perceber-se como mortal, e, portanto poder pensar-se?

Estas questões aparecem nas instituições em sua tentativa de patologizar a sexualidade.

Freud colocará a questão da homossexualidade na Grécia onde não era vista como uma patologia, mas, antes, como forma superior de amor. Se virmos a cultura grega arcaica como a tentativa máxima de afirmar o Homem como um ser diferente da natureza, ou seja, um louvor à liberdade, poderemos entender esta instituição grega. Na medida em que a relação homossexual não gera filhos, isto é, não tem uma

<sup>30</sup> FREUD, S., op. cit., p. 1180.

consequência direta na ordem biológica, e se o Homem se fund. na medida em que transcende a determinação biológica, podemos entender nesta instituição da homossexualidade na Grécia como sendo um amor sublime, a tentativa extrema do homem em afirmar sua liberdade, em vencer sua biologia.

Amar e não gerar filhos pode ser entendido como uma afirmação da liberdade contra o reino da necessidade.

Ora, se se naturaliza a questão da sexualidade, e, necessariamente, coloca-se a questão de um objeto natural dado, tudo o que não seja este objeto dado por natureza se rá doente.

Colocamos em nosso capítulo os vários lugares on de, na obra de Freud, emerge sua concepção do Homem como não idêntico a si e portanto condenado ao Desejo. Agora co locaremos seu dualismo pulsional propriamente dito.

Na obra de Freud há um marco que produz uma imen sa revolução em sua teoria que foi a concepção do narcisismo. Antes de Freud formular claramente a questão do narcisismo sua concepção das pulsões girava basicamente em torno das pulsões sexuais e as pulsões do ego ou de autoconservação. O pólo conflitivo girava em torno das aspirações sexuais e das aspirações do ego. Este conflito achava-se ancorado nas diferentes funções das duas pulsões. Para a pulsão do ego é o indivíduo o principal, sendo a sexualida de uma de suas atividades e a satisfação sexual uma de suas necessidades. Para as pulsões sexuais, ao contrário, não é o indivíduo o fundamental, e sim a espécie. O indivíduo passa a ser secundário, sendo o fundamental para as pul-

sões sexuais o plasma germinativo imortal que foi confiado ao indivíduo pelo processo das gerações.

O conflito partiria basicamente desta diferença que estaria na base de toda a constituição psíquica humana.

Quando Freud postulou a questão do narcisismo e percebeu que o ego também era investido libidinalmente a antiga dualidade pulsional não se mantinha mais. Surge neste momento uma série de novos conceitos na obra freudiana e entre eles uma nova dualidade pulsional. As pulsões agora irão se definir como pulsões de vida e de morte.

Freud colocará no artigo "O ID e o EGO":

"En nuestro estudio Más allá del principio del placer desarrollamos una teoría, que sostendremos y continuaremos en el present trabajo. Era esta teoría la de que es necesario distinguir dos classes de instintos, una de las cuales, los instintos sexuales, o el EROS, era la más visible y accesible al conocimiento, e integraba no sólo el instinto sexual propiamente dicho, no coartado, sino también los impulsos instintivos coartados en su fin y sublimados derivados de él y el instinto de conservación, que hemos de adscribir al yo, y el que opusimos justificadamente, al principio de lo labor psicoanalítica, a los instintos objetivos sexuales. La determinación de la segunda clase de instintos nos apuro grandes dificultades, pero acabamos por hallar en el sadismo su representante. Basándonos en reflexiones teóricas, apoyadas en la Biología, supusimos la existencia de un instinto de muerte, cuya misión es, hacer retornar todo lo orgánico animado al estado inanimado, en contraposición al EROS, cuyo fin es complicar la vida y conservarla así, por medio de una síntesis cada vez más amplia de la sustancia viva, dividida en particular.

Ambos instintos se conducen en una forma estrictamente conservadora, tendiendo a la reconstitución de un estado perturbado por la génesis de la vida; génesis que

seria la causa tanto de la continuaci3n de la vida como de la tendencia a la muerte. A su vez, la vida ser3a un combate y una transacci3n entre ambas tendencias. La cuesti3n del origen de la vida ser3a, pues, de naturaleza cosmol3gica, y la referente al objeto y fin de la vida recibir3 una respuesta 'dualista'.<sup>31</sup>

A partir desta nova formula33o da teoria pulsional, o conflito ps3quico n3o se dar3 mais pela apari33o entre puls3es sexuais e puls3es do ego, estas com um papel primordial na motiva33o da defesa. No ID v3o encontrar-se os dois tipos de puls3o e, nesta medida, a inst3ncia contra a qual se exerce a defesa n3o 3 mais o p3lo inconsciente, mas o p3lo pulsional da personalidade.

Surge ent3o a postula33o de uma puls3o que teria tend3ncia a voltar ao inorg3nico, ou seja, ao mundo da morte, da absoluta falta de tens3o.

Chegado a este ponto de nossa exposi33o, tentaremos fechar nosso cap3tulo sobre Freud tecendo algumas considera33es sobre o artigo *Mal Estar na Civiliza33o*.

H3 no Homem algo de absolutamente estrangeiro ao mundo e 3 civiliza33o.

A postula33o de uma puls3o de morte nos autoriza a supor isto. Uma puls3o que tende ao absoluto sil3ncio, e Freud v3 a manifesta33o desta puls3o na tend3ncia destrutiva inata no Homem, nos leva a supor uma falta de identidade entre o Homem e o social. Surge, nesta medida, a civiliza33o como necessariamente um mal-estar, pois tem que re-

<sup>31</sup> FREUD, S. *El ello y el Ego*. Madric, Biblioteca Nueva, 1973, p. 2717.



primir as pulsões destrutivas inerentes ao Homem.

Para Hegel, a civilização era a possibilidade de realização de Desejos até a transcendência destes no advento do fim da História.

Supunha Hegel a existência de uma unidade Absoluta entre o Homem, o Mundo e a Sociedade. O Tempo, em última instância, seria a ilusão da diferença, fruto da alienação do Espírito na matéria.

Para Freud, podemos falar que a civilização será frustração de Desejos, já que, determinados Desejos satisfeitos implicariam na própria destruição do Homem. Abre-se aqui um espaço para a meditação sobre a impossibilidade do Homem se totalizar, dado que jamais tornar-se-á idêntico a si mesmo, transcendendo assim o abismo entre sujeito e objeto.

Freud vai colocar que:

*"De tal manera, el propio instinto de muerte sería puesto al servicio del Eros, pues el ser vivo destruiría algo exterior, animado o imaginado, en lugar de destruir-se a sí mismo. Por el contrario, al cesar esta agresión contra el exterior tendría que aumentar por fuerza la auto-destrucción, proceso que de todos modos actúa constantemente".<sup>32</sup>*

Mais à frente irá colocar:

*"Estas masas humanas han de ser vinculadas libidinalmente, pues ni la necesidad por sí sola ni las ventajas de la comunidad de trabajo bastarían para mantenerlas unidas. Pero el natural instinto humano de agresión, la hostilidad de uno contra todos y de todos contra uno,*

<sup>32</sup> FREUD, S. *El malestar en la cultura*. Madrid, Biblioteca Noeva, 1973, p. 3050.

se opone a este designio de la cultura".<sup>33</sup>

Na mesma página dirã:

"En todo lo que signe adptarē, pues, el punto de vista de que la tendencia agresiva es una disposiciōn instintiva innata y autōnoma del ser humano: ademās, re tomo ahora mi afirmaciōn de que aquēllā constituyē el maior obstāculo con que tropieza la cultura".<sup>34</sup>

Assim sendo, o Homem é Ímpar e condenado à História, pois nunca ultrapassará o nível do Desejo e, consequentemente, do Tempo.

A importância desta colocação de Freud é que, a nosso ver, na medida em que o Homem não se totaliza nunca existirá uma Verdade Absoluta. Desta maneira o Homem será eternamente singular sem a possibilidade de tornar-se universal.

Nas colocações que se faz no texto supra citado sobre a questão do amor, aparece claramente esta questão entre o universal e o singular.

O texto coloca:

"Una vez que el apostol Pablo hubo hecho del amor universal por la Humanidad el fundamento de la comunidad cristiana, surgiō como consecuencia ineludible la mās extrema intolerancia del cristianismo frente a los gentiles; en cambio los romanos, cuya organizaciōn estatal no se basaba en el amor desconocion a intolerancia religiosa, a pesar de que entre el las la religiōn era cosa del Estado y el Estado, estaba saturado de religiōn".<sup>35</sup>

<sup>33</sup> FREUD, S., op. cit., p. 3052.

<sup>34</sup> Idem, p. 3052.

<sup>35</sup> Idem, p. 3053.

É curiosa esta observação, pois na medida em que São Paulo apóstolo instituiu o amor universal como fundamento da comunidade cristã, surge a intolerância que é um sinal de desamor. Na medida em que o amor se universaliza aparece o desamor. O intolerante assim o é, pois pretende que sua Verdade seja a única Verdade, e, nesta medida, não pode conceber a existência da diferença.

Aqui talvez se enuncie o coração de toda ideologia totalitária. O universal como a matriz do ódio à diferença e portanto do ódio à liberdade.

Freud diz que o amor universal seria uma exigência da cultura impossível de ser cumprida e propõe, ao contrário, o amor como uma experiência singular construída nas relações e não existente *a priori*.

A universalidade ou a possibilidade de totalização leva o Homem a pretender-se Absoluto, a identificar-se à própria Verdade e, a partir daí, tornar-se intolerante.

Parece-nos ficar de certa forma delineadas as várias dimensões em que surgem na obra freudiana seu dualismo fundamental que indica a nosso ver a impossibilidade de uma totalização do Homem. Nesta medida, o Homem será sempre um errante, será sempre História.

Gostaríamos de fazer a ressalva sobre um ponto importante, mas que Freud não o aborda com a necessária clareza. Trata-se do conceito de sobre-repressão desenvolvido por Marcuse. O que fundamentalmente vai colocar o autor é que quanto maior a injustiça social maior será a necessidade de um aparelho repressivo que mantenha coeso o corpo so

cial. Assim quanto menor a injustiça social menor a necessidade da repressão.

Poderíamos supor que uma sociedade humana, onde existisse uma ordem justa, onde o Homem e seu Trabalho fossem dignificados seria necessário um mínimo de repressão. Mas dentro desta visão freudiana nunca poderíamos supor que a repressão inexistisse inteiramente como implica a visão hegeliana do Homem.

Terminaríamos citando Freud:

*"Cabe esperar que poco a poco lograremos imponer a nuestra cultura modificaciones que satisfagan mejor nuestras necesidades y que escapen a aquellas críticas. Pero quizá convenga que nos familiaricemos con la idea de que existen dificultades inherentes a la esencia misma de la cultura e inaccesibles a cualquier intento de reforma".<sup>36</sup>*

---

<sup>36</sup> FREUD, S., op. cit.

#### 4. A QUESTÃO DA INSTITUIÇÃO

Num primeiro momento, tentaremos colocar umas poucas questões sobre o que significa a instituição para o ser humano, e, num segundo momento, mostraremos apoiados por nossa pesquisa de campo em uma instituição psiquiátrica, como estas questões levantadas a nível teórico vão se manifestar a nível social em uma instituição dada.

Aparecem em nossa pesquisa de campo alguns limites que seria fundamental colocar na medida em que estes limites darão a verdadeira dimensão das interpretações que serão formuladas.

Usaremos o conceito de Instituição Total. Este conceito foi formulado por Goffman em estudos que realizou em instituições fechadas.

O que se constituiria como característica central destas instituições seria que, nelas, o indivíduo vive todas as dimensões de sua vida em um mesmo lugar e com as mesmas pessoas. Contrariamente ao que se dá na vida comum dos cidadãos, onde há uma divisão espacial entre várias dimensões de sua vida. O homem em sua vida social trabalha em um determinado lugar, mora em outro, tem seu lazer em outra parte. Divisão esta que não se dá somente a nível espacial, mas a nível de diferentes pessoas com as quais se relaciona, na medida em que trabalha, em que se diverte, etc.

Segundo Gofmam<sup>37</sup>, esta seria a característica que definiria a instituição total, e poderíamos dizer que este tipo de instituição se coloca como a única mediação possível entre o espaço da instituição e o espaço social.

A instituição onde realizamos nossa série de entrevistas não poderíamos afirmar tratar-se de uma instituição total. Isto porque, na realidade, o controle dos internos é precário, tendo estes acesso à sociedade externa através de fuga ou mesmo licença dos funcionários, médicos ou não.

Achamos que este conceito, apesar dos limites óbvios à sua utilização, poderia servir como referência às construções teóricas que serão feitas. Em primeiro lugar, porque a instituição pesquisada é, em seu projeto, uma instituição total, na medida em que o núcleo onde realizou-se a pesquisa era um núcleo murado, preparado para receber sujeitos com problemas judiciais.

O núcleo onde realizamos nosso estudo de caso não se caracterizava inteiramente como instituição total por falta de pessoal e de verba. Por outro lado, a instituição situa-se em um lugar bastante isolado da cidade, tendo uma área enorme, como se fosse uma colônia rural, e, em certo sentido, desenvolve uma cultura própria.

---

<sup>37</sup> GOFMAM, *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

A instituição é composta de uma imensa área, como uma fazenda, onde existem vários núcleos separados e uma administração central que os coordena e unifica.

Estes núcleos, que poderíamos caracterizar como microcosmos, teriam uma ordem que os organizaria. Esta ordem de composição seria dada pelo tipo de patologia apresentado e pelo sexo dos indivíduos, isto é, o pavilhão das mulheres e dos homens seriam separados.

Esta ordem de composição dos núcleos se realizaria, assim, pelo menos em nível ideal, pois na realidade estes critérios ideais são difíceis de se verificarem, dadas as condições concretas desta instituição.

Acharíamos interessante fazer uma pequena descrição da instituição para que se possa ter uma idéia mais clara do universo sobre o qual se fala.

Dentro da questão que inicialmente levantamos, se poderíamos caracterizar a instituição como total, colocamos que em parte sim, pois era como se o universo estudado se constituísse em uma cultura singular, com suas regras próprias. A idéia que orientou a construção da instituição estava baseada nas formulações de Fourier<sup>38</sup>, que propunha a criação de pequenas comunas onde pudesse existir, em todo o seu vigor, o reino da liberdade. A idéia geral dos utopistas era a de que o homem é essencialmente bom e o que o faz sofrer é o contato com a sociedade. Dentro desta i

---

<sup>38</sup>FOURRIER, apud CHABORNEAU, P.E. *Cristianismo, sociedade e revolução*. São Paulo, Herder, 1964.

déia, esta instituição procurou construir uma sociedade completa dentro de seus limites e que, ao mesmo tempo, estivesse livre do contágio da sociedade. Nesta medida, a instituição procurou criar vilas onde os funcionários pudessem morar dentro de seus limites, procurou criar uma estrutura de trabalho que desse uma autonomia à instituição, no sentido de produzir aquilo que necessitasse em termos alimentares e de alguns serviços básicos. O que se procurou estruturar foi um meio no qual os homens alienados se integrassem e, através de uma harmonia estabelecida neste meio os homens alienados, recuperassem sua natureza. Vemos que havia a preocupação na fundação da instituição da criação de um mundo fechado em si mesmo e que, nesta medida, pudesse suprir a todas as necessidades de seus internos. Isto aparece na fala de um dos psiquiatras entrevistados quando diz:

*"Então, quando eu vim trabalhar aqui, para mim foi surpreendente, foi motivo de surpresa mesmo, eu nunca tinha vindo aqui, encontrar um lugar como este de trabalho me deixou perplexo, eu não tinha noção que pudesse existir um lugar como este. O espaço físico da colônia, a característica, assim, agrícola, meio roça, um ambiente de roça."*

O que caracterizaria este espaço institucional seria a perplexidade, dadas às contradições que explicita. No fundo conhece-se a verdadeira face de um sistema pelas suas prisões, pela elas dialetizam o espaço social mostrando sua verdadeira condição.

A Colônia poderia caracterizar-se como um outro



mundo, com suas lógicas peculiares. Com a situação de isolamento, a tendência foi dos pacientes manterem relações sexuais entre si, gerando filhos que, por sua vez, se tornaram futuros internos. Vê-se então surgir um universo de pessoas nascidas, criadas e integradas neste espaço institucional. Poderíamos dizer que os filhos dos pacientes estão integrados a esta cultura peculiaríssima, constituindo-se assim como cidadãos de um universo singular.

Com o passar dos anos, a Colônia revelou sua verdadeira vocação. No início, a idéia central era a de constituir uma espécie de Falanstério, na linha de Fourier, mas, num segundo momento, ela se constituiu como um depósito puro e simples de pessoas humanas. Revelou-se como um lugar onde se pudesse isolar a loucura para proteger a sociedade da emergência de diferenças que poderiam colocar questões. A sua função é ser uma instância de controle social dentro do que Foucault<sup>39</sup> colocou: As instituições como instâncias que impediriam a emergência de diferenças a partir das quais o pensamento pode-se articular.

Esta dimensão aparece claramente na entrevista com o diretor quando este coloca que:

*"Desemprego, mendicância e loucura é um caminho, então muitas vezes essa coisa é resolvida dessa forma, a situação do desemprego acaba se tornando na situação do louco não é? Acaba internado, e essa é uma forma de lidar com as coisas".*

Vê-se nitidamente a função das instituições como a tentativa de se calarem as contradições sociais. Em outro momento, o diretor coloca:

*"É exatamente isto que a gente tava vendo antes, que a gente dizia, e a psiquiatria funcionando como instrumento de controle".*

Esta instituição seria então um depósito sem nenhum critério "científico" de admissão dos pacientes, constituindo-se como critério a necessidade de absorver as tensões e contradições que se verificariam no tecido social.

No momento em que foram feitas as entrevistas, a instituição passava por um processo de mudanças. Tentava-se humanizar o espaço institucional criando-se grupos operativos a nível dos pacientes, a nível dos funcionários e a nível dos técnicos. Estes grupos tinham a função primordial de permitir que o grupo falasse e, a partir dessa fala, empreender mudanças. Os grupos operativos se intitulavam como grupos de escuta. Acreditava-se que, a partir da voz grupal, as pessoas se sentiriam integradas no processo e, a partir desta integração, se sentiriam de novo sujeitos.

A preocupação neste momento era com a possibilidade de participação dos internos e funcionários no processo institucional. Havia uma preocupação com a democracia.

O que se procurava, realmente, eram formas de controle mais eficientes e menos dispendiosas, como fica claro nas entrevistas que analisaremos adiante.

Estes grupos de escuta eram compostos pelos técnicos, pelos funcionários e pelos pacientes. Os grupos de escuta funcionavam nos pavilhões. Cada pavilhão tinha seu grupo. O núcleo onde se realizaram as entrevistas era composto de oito pavilhões, o que implicava a existência de oito grupos de escuta. Estes grupos eram abertos, no sentido de que iam aqueles que assim o desejassem, implicando isto uma frequência bastante flutuante.

Nestes grupos que funcionavam em cada pavilhão do núcleo, era eleito um representante dos pacientes. Este representante era o porta-voz das reivindicações dos pacientes daquele pavilhão junto ao grupo geral que se reunia de quinze em quinze dias. Este grupo geral congregava todos os técnicos, funcionários, os representantes dos pacientes e a direção do núcleo.

Neste grupo eram debatidas as questões pertinentes ao núcleo. O conteúdo das discussões era registrado em ata e a partir das conclusões a que se chegassem, encaminhavam-se as questões a um grupo maior, que congregava todas os núcleos que compunham a colônia, com seus respectivos técnicos, diretores, funcionários e a direção geral da instituição.

O estudo de caso que fizemos surgiu a partir da observação do grupo geral do núcleo. Nesta reunião os representantes dos pavilhões falavam, dela participavam também pacientes que simplesmente entravam sem ter sido delegada nenhuma função a eles.

O que se começou a observar foi a dinâmica que

regia a instituição, já que estes grupos eram como que reveladores das articulações que estavam existindo e da forma como os pacientes se apresentavam e atuavam.

Existiam pacientes que entravam no grupo inteiramente nus, com dificuldade de articular a linguagem. É como se tivessem alcançado um estado de natureza, isto é, tivessem com a instituição uma relação como que imediata.

Perguntar-se-ia se este não é o modelo que exprime toda a arquitetura da dominação, fazendo com que o Homem passe do nível do desejo ao da necessidade. Surgiria então o que denominaríamos a besta feliz, que seria um ser com grande capacidade de trabalho e nenhum pensamento, ou melhor, o mínimo necessário para executar sua função e não reivindicar politicamente.

Nesta linha de pensamento, um outro pequeno acontecimento nos chamou atenção. Isto se dava nos grupos e na instituição em geral, constituindo-se como uma absoluta economia. Não havia desperdício, nem supérfluo. Tudo era pleno de utilidade. Tratando-se de outro contexto, esta profunda matemática do não desperdício exprimiria o sonho humano de dançar cada gesto seu, de ser pura plenitude. Mas, na medida em que se dá neste contexto institucional, outras direções se impõem à nossa análise.

Começamos por uma analogia simples. Pensando na água, e nos percursos que ela cria, poderemos explicitar o sentido de nosso pensamento.

Um riacho que traça um leito na terra, ele o

faz de uma maneira absolutamente matemática. O seu percurso obedecerá uma lei, a lei da menor resistência à sua massa. Isto se dá, pois o riacho é a Lei que o rege, ele é, em certo sentido, a expressão perfeita das forças que estão em jogo no cosmos. Poderíamos dizer que está articulado ao todo, sendo portanto, absolutamente econômico.

Nunca poderíamos dizer que estes pacientes que entraram nus no grupo ou que o fato de se aproveitar tudo o que fosse jogado fora, como pontas de cigarro etc., mantivessem a mesma relação do riacho com o cosmos. Porém, em certo sentido, vê-se que certa analogia existe e que o projeto de sistemas totalitários tende à realização de uma relação de natureza onde a diferença estivesse abolida.

Entretanto, observamos que, no meio desta tendência à abolição da singularidade, havia alguns sujeitos que mantinham sua diferença.

Estes sujeitos eram aqueles que apontavam as contradições existentes na instituição e se constituíam assim em porta-vozes dos companheiros. Não caracterizaríamos estes sujeitos como líderes propriamente ditos, mas verificamos neles uma posição de liderança. Por posição de liderança, entende-se justamente esta possibilidade de exprimir os anseios e pensamentos de seus grupos de pertinência. Esta diferenciação se impõe, pois os grandes líderes não participavam destes grupos, vez que tais grupos significavam, em termos, a decadência da estrutura sobre a qual exerciam sua hegemonia.

O que é um líder? Seria alguém que exprimiria o

pensamento e os anseios de seu grupo. Para Freud, - em seu livro Análise do Ego e Psicologia das Massas, um líder encarnaria o ideal de ego da massa. Este seria, segundo Freud, o sentido profundo do fenômeno e a fonte do poder, da liderança sobre os liderados.

Há um movimento com duplo sentido em uma liderança, pois o líder está tão intimamente articulado com seus liderados que poderíamos dizer que está fundido a eles. Ao mesmo tempo porém, na medida em que o líder fala os anseios mais profundos de seus liderados, inaugura um espaço de diferença. É justamente a partir desta dialética entre a indiferenciação e a diferenciação que ele pode falar.

Vimos neste movimento do líder a expressão da quilo que poderíamos chamar de "saúde mental". Seria a capacidade de se articular profundamente com a realidade que se vive sem constituir uma simbiose, um perder da dimensão simbólica, reino por excelência da possibilidade e da diferença.

O paciente que escolhemos para realizar nosso estudo de caso era justamente um destes pacientes que mantinham a sua diferença em relação à massa e, portanto, podiam falar exprimindo o pensamento e os anseios de seu grupo e, por outro lado, pondo a nu as contradições da instituição.

Levando em conta estas características, que revelavam um sujeito que, em meio a uma estrutura homogeneizante, conseguiu manter sua diferença e, portanto, seu

desejo, propusemos-lhe as entrevistas.

Trata-se de um sujeito de 32 anos e que percorreu várias instituições até chegar à Colônia.

Nos prontuários se informa tratar-se de um caso de psicopatia. A respeito de suas origens familiares muito pouco é colocado, limitando-se os prontuários à apresentação de sua história institucional. Poderíamos dizer que este paciente fez uma carreira institucional como Goffman<sup>40</sup> coloca:

*"Tradicionalmente, o termo carreira tem sido reservado para os que esperam atingir as portas ascendentes de uma profissão respeitável. No entanto, o termo está sendo cada vez mais usado em sentido amplo, a fim de indicar qualquer trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida. Aceita-se a perspectiva da história natural: os resultados singulares são esquecidos, considerando-se as mudanças temporais que são básicas e comuns aos participantes de uma categoria social, embora ocorram de maneira independente em cada um deles. Essa carreira não é algo que possa ser brilhante ou decepcionante; tanto pode ser um triunfo quanto um fracasso".*

Este paciente, que entrevistamos, chegou à Colônia depois de passar por uma série de outras instituições para menores. Do momento em que foi considerado um caso rebelde, foi encaminhado à Colônia, lugar de depósito daqueles que são considerados casos perdidos.

<sup>40</sup> GOFFMAN. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.

Este paciente que entrevistamos é homossexual, e ele mesmo diz tê-lo sido desde o berço. Mantinha relação com outro paciente e, pelo que diz, tinha uma relação que poderíamos chamar de monogâmico.

Pesquisando a vida deste sujeito tanto a nível das entrevistas quando nos seus prontuários, aparece um dado que nos chamou a atenção. Este sujeito não tinha mais articulações claras com seu passado familiar e pessoal. Quanto falava de um passado, a lembrança de sua família era delirante, dizia ser filho de um general e de uma pessoa que trabalhava na televisão. Falava suscitamente de irmãos, diz que apanhava muito em casa e fugia frequentemente, sendo que, em uma de suas fugas, o juizado de menores o pegou e o levou para uma escola, iniciando-se assim sua carreira institucional.

O entrevistado fala de sua família:

"O que eu lembro da minha família? Primeiro dia quando eu tinha, assim, mais ou menos dez anos, eles me internaram ali em Botafogo, Marquês de Abrantes, 48, Fundação Romão Duarte, e depois de lá me botaram na Pestalozzi do Brasil. Da Pestalozzi do Brasil me botaram na Escola XV. Da Escola XV eu fui para Brasília. De Brasília me jogaram para cá. Em casa minhas famílias são grande, então eles me botaram no mundo, eles ficaram com medo que eu ia ser uma pessoa assim, tomar conta dos negócios, que eu sou uma pessoa assim, não muito inteligente. Mas eu sou assim, uma pessoa prestativa. Eu sei o que vou fazer pra mexer na minhas coisas. Então eles me pegaram e me jogaram pra aqui dentro sem necessidade. Disseram que eu tava louco, que eu não podia resolver os negócios meus, me abandonaram e eu sinto como inválido, como indigente que eu num tenho mais família no meio. O que eu tenho no meio é só a natureza,



nem mais a natureza já num só tendo mais. A natureza tá fechada; a natureza para mim que tá é dentro do Paranã, dentro do Anete, dentro de certos lugares. Então eu queria que alguém de minha família aparecesse. Agora, eu num sei que elas são morto ou são vivo".

Nos prontuários vai aparecer a respeito da história familiar de Jorge:

"Refere o paciente que sua mãe lhe batia muito e por isto fugia regularmente de casa, diz que certa vez o Juizado de Menores pegou-o na rua e o enviou para a Escola XV. Lá teve desentendimentos com colegas, através de brigas e a direção de lá encaminhou-o à Colônia, onde permanece até hoje".

Em seu prontuário, pode-se constatar escassas referências à família.

Deste fato, ou seja, da exigüidade de dados sobre sua origem familiar, podemos colocar uma pergunta central em nosso trabalho: será que o que a instituição procura fazer não é justamente apagar as referências sociais que compõe a singularidade do sujeito?

Perder as referências simbólicas fundamentais que constituem o sujeito e que se articulam na família é como perder sua diferença, sua singularidade. A história que nosso sujeito conta é a história de milhares de outros sujeitos. A história de todo um processo de institucionalização até chegar à Colônia, que seria o fim deste processo.

Poderíamos dizer que o sujeito ganha assim uma história universal, idêntica para todos, perdendo sua história pessoal e única.

Sabemos que o Homem só pode exercer-se a partir de sua singularidade; o pensamento fértil só nasce a partir da diferença radical que é um sujeito. Perder meu passado é perder a possibilidade de articular meu pensamento. Um homem que perdeu sua história, perdeu a possibilidade de articular-se livremente, tornando-se assim dominado.

Vê-se isto, claramente, a nível social, onde a ideologia tem por uma de suas funções manter as representações dos acontecimentos históricos passados para que os homens possam articular-se no presente.

Paul Ricoeur<sup>1</sup> coloca esta dimensão da ideologia, junto à outras funções, como primordial:

*"A ideologia é função da distância que separa a memória social de um surgimento que, no entanto, é preciso repetir. Seu papel não consiste apenas em difundir a convicção para além do círculo dos pais fundadores, a fim de torná-la o credo de todo grupo; consiste também em perpetuar, além do período de efervescência, a energia inicial desta convicção. É nessa distância, característica de todas as situações posteriores, que intervêm as imagens e as interpretações; é sempre uma interpretação que o modela retroativamente, através de uma representação de si mesmo, que um ato de fundação pode ser retomado e reatualizado. Talvez não exista grupo social sem essa relação indireta com o seu próprio surgimento".*

No nível da cultura se coloca a impossibilidade da existência de um grupo sem a reatualização permanente de um ato fundador.

<sup>1</sup> RICOEUR, P. *Cadernos de história e filosofia da ciência*. nº 1/1980. UNICAMP. 5-A.

No nível individual, o sujeito só se funda na medida em que se articula com sua história. A desalienação seria a reconstrução da história pessoal, como nos mostra bem o saber psicanalítico. Resgatar a história própria é articular-se à temporalidade, entrar na ordem da castração e, a partir daí, pensar a si e ao mundo com uma distância criadora.

Um homem criador, com um pensamento crítico em relação à realidade, não é conveniente à uma lógica da dominação. Necessário se faz, então, retirar as marcas que compõem sua diferença e remodelá-lo dentro de um modelo dado pela instituição.

Este processo de retirada das marcas simbólicas que compõem o sujeito aparece neste caso estudado, em primeiro lugar, na exigüidade das referências à origem familiar do sujeito estudado.

Nas entrevistas, este fato aparece claramente quando um enfermeiro diz:

- Uma vez você me disse que o paciente é o prontuário dele. O que que você quiz dizer com isto?

" - Porque é o prontuário que traz o código do paciente, é o que indica o que é o paciente; tem a história dele desde quando ele nasceu, depois que nasce o que cometeu, as manias que ele tem, quando o paciente é perigoso ou violento. O prontuário diz o que é o paciente".

Dentro desta perspectiva, o paciente passa a ser o que a instituição diz: Passa a ser a palavra do outro, perdendo sua própria palavra.

Perder a própria palavra é perder sua autonomia como sujeito, é perder sua singularidade e nesta medida é perder a possibilidade de pensar. Assim fala na entrevista nosso sujeito:

*"Só eles que pode, que a boca de doente, pra eles, não tem valor".*

Perder a palavra é perder a capacidade de se exercer como sujeito. Poderíamos ver este enfraquecimento da palavra como uma das técnicas de dominação.

A perda da singularidade implica um estado de infantilização onde o sujeito não fala; é falado. Sua palavra é a palavra do outro: no caso; a instituição. É como se passasse a existir uma absoluta identidade entre o sujeito e a instituição, abolindo toda diferença.

Vemos então, dentro desta perspectiva, surgir um processo de entrada do sujeito na instituição extremamente esclarecedor. Goffman vai chamar este processo de Mortificação do Ego: consiste da retirada de todos os símbolos que compunham a identidade social e individual de um sujeito determinado.

Joel Birman<sup>42</sup> nos diz a este respeito:

*"A tutela que se estabelece sobre ele é correlato dessa estrutura que o reduz ao infantilismo. Silenciado em suas marcas essenciais, que são os emblemas constituidores de sua personagem social, montados no exercício con-*

<sup>42</sup> BIRMAN. *Sexualidade na instituição asilar*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.

*tínuo das práticas sociais, a designação do sujeito como louco é um processo violento de retirada de todos os privilégios que consubstanciam a própria razão de ser da função sujeito, isto é, um agente de trocas sociais. Nesta perda de atributos simbólicos, a violência o transforma no seu oposto: a redução à condição de objeto".*

O sujeito neste processo é reduzido a seu suporte corporal, perdendo as estruturas simbólicas que lhe davam sua forma singular. É como se fosse uma reatualização do mito bíblico, onde Deus a partir do barro modelou o Homem à sua imagem e semelhança. Este mito nos é precioso pois, como iremos ver, a instituição se arvora em lugar Absoluto, isto é, sem diferenças.

A este seqüestro dos emblemas simbólicos chamamos de mortificação. Partindo deste corpo, um outro processo se iniciará, ou seja, o processo de modelagem de um novo sujeito segundo emblemas simbólicos dados pela instituição. Este segundo movimento do processo, o autor supracitado vai nomeá-lo como a construção de um corpo patológico. Ou poderíamos dizer, de um corpo domado. Este sujeito que será construído pela instituição, será-lo-á a sua imagem e semelhança. O que neste processo se procura é abolir a diferença entre o sujeito e a instituição.

Nas palavras do nosso entrevistado aparece claramente esta tentativa de reduzir sua diferença:

"Eu não passei pelo exame nada, eu passei é muito sofrimento aqui. Primeiro dia que eu vim para Colônia, eles me botaram no agrícola; depois do agrícola me botaram no pavilhão 10; do pavilhão 10 me botaram no quarto forte, me amarraram lá; me deram choque na cabeça, me deram injeção de leite. Injeção de leite é que tira da vaca, dá na pessoa e fica pereba, a pessoa perde até braço, perde metade da nádega. Isso é uma judiação que eles faz, pra pessoa. Vamos matar esse cara não presta, aí que eles pensam nisso".

Um pouco mais adiante diz o paciente entrevistado:

"Pra eu não pensar mais, pra tirar o cérebro da minha cabeça, que eles já tentaram. Tentaram no Lacerda Muniz abrir minha cabeça pra eu ficar imbecil. Então eu tive que fugir".

Claramente se enuncia este processo de mortificação, de apagamento do sujeito.

Numa das entrevistas, um enfermeiro coloca que:

"Antes era violento, e agora está mais calmo. Eu vejo a Colônia bem melhor atualmente. Antes o cara estava na Colônia, vindo do Pinel, Pedro II ou Manicômio e era colocado num quarto forte ou então numa sala chamada Boca e aí falecia igual a bicho. Tudo na base da violência - tratamento de porco; e aí era esquecido ali, abandonado".

A condição para ser retirado do quarto forte era participar da máfia, segundo este mesmo enfermeiro.

A condição profunda era a de que o sujeito abdicasse de si e fizesse parte da estrutura institucional.

A partir destas colocações, poderemos começar a

ver que o lugar que a instituição se coloca é um lugar Absoluto. Ela é a Verdade, e, portanto, não pode existir nada que não seja sua palavra. Neste medida, o que a instituição propõe é a abolição da diferença entre sujeito e objeto, entre instituição e paciente. E deste modo, o que pretende a instituição é uma abolição do desejo, é um lugar onde não haja diferença nem tempo. Vimos que este lugar é o lugar do Saber Absoluto como Hegel o formulou.

A instituição total ou as ideologias totalitárias precisam do Mito do Um, precisam da Verdade Absoluta que é abolição da diferença entre sujeito e objeto. Os sistemas totalitários precisam da promessa da totalização do Homem, pois pretendem ver a Verdade e, portanto, o modelo ao qual todos os Homens se submeterão, tornando-se assim o próprio modelo.

Maud Mannoni <sup>43</sup>, em seu livro a Educação Impossível, coloca, quando fala do método pedagógico do Dr. D. G.M. Schreber:

*"O Dr. D.G.M. Schreber encarnava um saber científico (um educador, dizia ele, é um homem que tem resposta para tudo, dotado do poder de cura. Para que esse poder possa exercer-se, é preciso ainda um paciente capaz de submissão total, de abandono radical do seu corpo e do seu ser. Esse tipo de submissão, que se adquire mediante um treinamento físico e moral dos mais precoces, é o único a permitir que, no caso de doença, a criança seja salva da morte por um pai nas mãos de quem ele confia a sua vida. Renunciar à obediência seria, portanto, renunciar à vida. Uma moral terrorista serve de fundamento ao que se oferece aos pais, educadores e médi*

<sup>43</sup>.

MANNONI, Maud. *A educação impossível*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

*cos como método científico".*

Joga-se nesta estrutura pedagógica uma perversão de demanda de amor, pois o sujeito é amado na medida em que renuncia a seu desejo.

Abolir o desejo fazendo com que exista o reino da necessidade, eis o projeto que se pode perceber nestas entrevistas. Isto porque, na natureza, não há nenhuma transcendência, o ser é um objeto, não existindo dessa forma pensamento nem desejo. Os animais são suas leis, eles estão tecidos ao cosmos, não existindo história.

A este respeito, surgem imagens na linguagem, a nosso ver, extremamente significativas.

Quando o enfermeiro se refere ao quarto forte, fala que os sujeitos ali ficavam como bichos, como porcos. Eram, estes sujeitos, abandonados, perdendo todas as referências simbólicas que lhes permitissem pensar a situação que viviam. Goffman coloca <sup>q. c.</sup> um ritual de entrada em uma instituição total é a quebra de toda lógica, no sentido de que o sujeito é submetido a procedimentos inteiramente paraxiais. O sujeito perde, nesta medida, a referência a um sistema simbólico estruturador, ficando nas mãos do arbítrio institucional. A instituição é a lei.

"Éica como um animal, um porco", aponta para esta perda de si como sujeito desejante, e, conseqüentemente, poderíamos dizer que o sujeito está tecido à instituição como numa relação de natureza.



Colocamos que a instituição pretende o lugar do Saber Absoluto é, conseqüentemente, tem as respostas todas. A proposição é: submete-te à Verdade que serás a própria Verdade, serás feliz.

O que caracteriza o Saber Absoluto é a transcendência do tempo com a síntese final da dialética.

Tentaremos mostrar como podemos articular esta dimensão no espaço concreto da instituição.

- "Vim parar aqui como castigo" diz o sujeito de nossa entrevista. "Castigo" são os casos considerados irrecuperáveis, isto é, os casos que foram desinvestidos socialmente: aqueles para os quais não há mais esperança, não há mais futuro. Esta instituição vai caracterizar-se então como um depósito, o depósito do bagaço, do lixo, onde os sujeitos vão para morrer em sua grande maioria.

Um depósito, um lugar que como Dante coloca no pórtico do inferno. - "Aqui se deve deixar toda a esperança" - um espaço de morte, onde foi abolida a temporalidade.

Na entrevista do diretor, aparece este espaço como espaço de morte onde reina o silêncio dado pelo poder dos neurolépticos, que são poderosos agentes de repressão. Os hospitais são verdadeiros cemitérios segundo sua fala. O sujeito só aparece e é visto quando emergente, isto é, quando perturba a ordem do silêncio.

A vida quando emerge é, então, vista e silenciada pela química.

Quando um sujeito emerge do silêncio, tendo por

tanto realizado um gesto político, era feita uma medicação. Esta medicação, específica para um momento de agitação, era mantida, depois de passada a crise, durante anos e anos.

Passada a crise, passado o tempo, o sujeito se transforma, muda essencialmente, mas estas mudanças não se verificam na medicação. É como se a instituição criasse um sujeito, negasse a mudança do sujeito real, passando a considerá-lo como eternamente na mesma crise, como idêntico à prescrição feita pelo corpo institucional.

O sujeito em sua diferença não interessa; interessa o sujeito que a instituição constrói e assim domina pois é idêntico a ela.

O diretor coloca claramente que estes procedimentos existiam para destruir, destruir o sujeito submetendo-o.

O sujeito de nossa entrevista coloca em vários momentos a percepção que teve deste espaço como um espaço de morte. Coloca na entrevista que o mal da Colônia é que há pouca discriminação de remédio. Ora, o que é a morte senão a ausência de diferenças? O que é a morte, senão a pátria da homogeneidade?

Em outro momento da entrevista, ele coloca que, na instituição, o que mais incomoda é a intimidade. Não há possibilidade do íntimo. O íntimo é a afirmação de uma não identidade radical entre os seres. O íntimo é a construção de um espaço de identidade na diferença. Se tudo é, tudo é da mais cristalina intimidade, não há noite, não há

abismo que possibilite o encontro no centro de seu arco.

Piera Aulagnier tem interessantes formulações a respeito da intimidade e do pensamento. Diz, em suma, que a luz da razão, para ser criativa, precisa da noite da intimidade. Fala isto fazendo uma crítica a certas práticas psicanalíticas nas quais existe a pressuposição que tudo é preciso ser traduzido, ser reduzido a um sistema interpretativo. Denuncia assim a pretensão totalitária destas práticas e aponta para uma dialética que, a seu ver, funda a criação, que é a dialética entre o intraduzível e o traduzível.

Diz a autora que os homens tem o direito a ter sua intimidade, onde a psicanálise não pode entrar. Esta dialética entre uma intimidade radical do ser humano e sua dimensão traduzida e, portanto, social é que fundará o Homem criador.

Em Shakespeare<sup>44</sup> aparece justo esta dimensão quando, no drama do rei Lear, sua filha Cordélia fala:

*"Ent. ces! pobre Cordélia! Pero no, na da de eso, puesto que estoy segura de que mi amor es más rico que mi lengua".*

O íntimo nasce da possibilidade dada pelo fato de que meu coração é mais rico que minha língua. Onde se a bota o Tempo, o coração coincide com a língua. É o espaço da morte, se o caracterizarmos como a abolição do Tempo.

<sup>44</sup>SHAKESPEARE, W. *El Rey Lear*. Obras completas, Madrid, Aguillar, 1974.

Quando o paciente, em outro lugar da entrevista, diz, ao se referir à instituição, que não tem mais projetos, que vai morrer ali, diz estar "morto com vida". O espaço da instituição é a abolição do futuro e, portanto, abolição do Tempo.

Caracterizamos, assim, um espaço de morte. Espaço de morte quer dizer espaço onde não há Tempo. Não havendo Tempo, não há movimento, mudança; estamos então no reino do que é idêntico a si mesmo. Abre-se aqui o reino da Eternidade.

Não serão estes os conceitos que irão caracterizar o Saber Absoluto: ausência de Tempo, abolição do desejo, eterna identidade consigo próprio e absoluta unidade entre sujeito e objeto?

No nível da prática institucional, podemos ver procedimentos que seriam estes conceitos encarnados. Encarnados para fazer a pedagogia da unidade e assim colocar a instituição como Verdade Absoluta.

O espaço institucional tende fundamentalmente a apagar o Tempo e suas contradições.

Nesta medida, podemos dizer que o que a instituição tenta apagar fundamentalmente é o desejo, dado que este é filho do Tempo, logo da diferença.

A pergunta que aqui surge é: como os sujeitos desejantes mantêm-se enquanto tais neste espaço que tende a abolir seu desejo?

Tentaremos articular a resposta a esta questão

neste segundo momento que  $\sqrt{\quad}$  ?

O sujeito considerado louco perde todas as emblemas simbólicos que compunham sua identidade social. Deixa de ser sujeito, perde sua palavra. Ao ser internado deixa de ser responsável por seus atos e sofre um processo de mortificação do ego e construção de uma identidade patológica.

Foi tirado tudo deste ser, pois foi-lhe tirada sua condição de sujeito. Resta a este sujeito seu corpo, e é a partir do exercício deste corpo que o sujeito recupera sua dimensão de liberdade como sujeito desejante.

A temporalidade que caracteriza o Homem, para Hegel, estrutura-se tendo como referência fundamental o futuro. O futuro, mediado pelo passado, forjaria o presente.

Vimos de ver o quanto o espaço da instituição caracteriza-se como um espaço de morte, isto é, abolição do futuro. Abolir o futuro é abolir o Desejo que funda a aventura humana.

Há algo no Homem de irreduzível, há algo que resiste a esta identidade Absoluta que seria a constituição de um sistema totalitário. O que faz do Homem, a nosso ver, um ser indomável é o fato de ele estar condenado a ser desejante. Quer dizer que o Homem será, em certo sentido, intotalizável.

O Desejo é a presença desta falta de identidade estrutural do Homem. É a presença do fato de ele não ter um objeto de satisfação; se ele o tivesse seria redondo, fechado em um sistema total.

Esta dimensão desejante será exercida, no espaço institucional, a partir do corpo e de sua sexualidade.

A sexualidade terá neste espaço institucional a dimensão de um grito que diz que a instituição não venceu o desejo, silenciando-o através de sua satisfação. O desejo é, no Homem, o que pulsa eternamente revelando uma dimensão que não se cala pois não se totaliza em uma satisfação eterna.

A sexualidade humana, ganha assim, uma dimensão política. Vai constituir-se como um contra-poder. Contra-poder que revela algo indomável no Homem, que, a nosso ver, é sua vocação histórica irredutível.

Um sistema que pretenda ser a Verdade Absoluta não pode suportar a diferença, pois esta questiona em sua estrutura mais profunda o pressuposto deste sistema.

Quando falamos em Verdade Absoluta, falamos em identidade entre sujeito e objeto. Assim, fala-se consequentemente, em abolição do Desejo. Ora, toda emergência do Desejo será inquietante dentro de um sistema totalitário, pois será a revelação de uma não-identidade, contra que o sistema pretende e, nesta medida, questionará as bases mesmo de um tal sistema.

O pólo repressivo girará em torno da sexualidade e de sua expressão desejante nos sistemas totalitários institucionais.

Na instituição estudada não aparece claramente a repressão à sexualidade. Isto deve-se, a nosso ver, ao fato desta instituição ser um depósito terminal. Consti-

tuindo-se no lugar onde vão esperar a morte os que foram desinvestidos pelo sistema, esta instituição abole por definição a dimensão desejante do Homem. Há uma destituição do Humano a priori, pois aqueles que ali estão não tem mais projetos.

Nesta medida, não havia uma repressão clara em relação à sexualidade, por conta desta retirada a priori da dimensão de projeto.

Pensamos esta questão da ausência de projetos, relacionando-a com uma outra instituição que se constitui como um projeto de reintegração à sociedade.

Esta outra instituição, que serve de referência a nosso pensamento, trata-se de uma escola de recuperação de menores onde trabalhei durante um ano. A não inclusão desta escola em nossa pesquisa deveu-se a problemas de ordem prática.

Nesta escola de recuperação de menores, a categoria temporal que organizava o espaço institucional era o futuro. Aqui se verificava uma intensa repressão à homossexualidade, constituindo-se esta como o eixo em torno do qual giravam as preocupações disciplinares.

Há um depoimento de uma menina que passou por uma escola de recuperação de menores da FEBEM e que coloca este problema da repressão à sexualidade. Fato curioso é que esta menina tinha práticas homossexuais e nitidamente uma posição de liderança.

A autora do depoimento aqui coloca:

- "Olhe quem está aqui, o homem da casa, o machão sem rola... E as palavras iam piorando cada vez mais, só por esta frase tenho certeza de que podem imaginar o restante... Até que Haroldo iniciou, dando-me um empurrão, bati meu corpo fortemente do Deição e, com um tapa violento no rosto, ele me devolveu ao Haroldo, que me encostou na parede, mandou que colocasse as mãos para trás e me deu uma rasteira. Quando caí, ele me chutou nas costas; não pude evitar um grito de dor. Continuou a me chutar até que consegui me levantar. A seguir veio Deição que simplesmente, mandou-me colocar as mãos na nuca enquanto espancava meu rosto, de um lado para outro. Enquanto me batia sempre no rosto dizia... - Abaixa a cabeça, homem como você tem que baixar a cabeça para mim".<sup>44</sup>

O trecho transcrito mostra a tentativa do sistema de humilhar a forma como a autora do depoimento vivia sua sexualidade.

A sexualidade delinca-se assim como o ponto onde o sujeito recupera sua dimensão de sujeito desejante, como vontade.

Na pesquisa que realizamos, vimos surgir esta dimensão de sujeito desejante na prática homossexual do sujeito entrevistado.

Há uma relação, que precisa ser melhor estudada, que consiste no fato de a maioria dos líderes nestas situações serem homossexuais. Isto pode significar o quanto a homossexualidade dentro deste contexto revela o exercício da vontade, do humano.

<sup>44</sup> HERZER. *A queda para o alto*. Petrópolis, Vozes, 1982.



O sujeito entrevistado, quando se refere à instituição, fala da ausência de projetos, da ausência de confiança, fala enfim de uma relação perseguidor-perseguido. Quando se refere ao seu amor, vemos surgir uma categoria de futuro, de projeto, de confiança e abandono.

Poderíamos dizer que este sujeito recupera sua condição humana na relação homossexual. Dado que, o que é o Homem senão um projeto de ser?

Em sua fala aparece assim:

"É. Mas eu com esse rapaz aí, já não me sinto ciúme porque eu tô costumado com ele; eu me sinto assim viver, que eu tô bem com ele, que ele tá a fim de ir para Campos. Eu também tô a fim de ir pra Campos, fazer higiene mental lá pra Campos, lá no interior de lá de Campos, pesquisar lá o campo; eu vou comprar um gravador para mim que Deus quiser. Fazer um poeta lá; vê os animais, os passarinho, essas coisa. Que Deus quiser, que Deus me permitir, eu vou, vou trabalhar na obra na segunda-feira, vou jantar um dinheirinho e vou para Campos".

Aparece nitidamente a dimensão desejante e, portanto, humana por excelência.

A partir de sua homossexualidade, afirma sua escolha, vencendo assim a um sistema institucional que quer reduzi-lo a objeto.

Falamos anteriormente que a possibilidade do sujeito exercer passa a ser a partir do corpo neste espaço institucional, e isto aparece de forma bonita na entrevista:

- "Ah bom! Agora eu tô entendendo. Não, tenho presidente não.

Então, sabe o que? É o seguinte: presidente é o senhor mesmo. Sabe o que? Se o senhor chegar assim: "poxa, eu vou lá pra aquele alto do morro e vou me jogar lá em cima. O senhor vai se jogar. Então ninguém vai impedir de o senhor se jogar de lá de cima. O presidente quer mais que o senhor morra. Que ele não é teu presidente. Teu presidente é você mesmo.

A partir da possibilidade do suicídio, o sujeito afirma sua liberdade fundamental. O corpo é a possibilidade desta afirmação transcendente.

Segundo Hegel, o Homem só se funda em sua humanidade radical na medida em que pode pôr em risco sua própria vida.

Ver a homossexualidade como uma patologia, neste contexto, é querer silenciá-la.

Esta tentativa de reduzir toda a afirmação, pelos pacientes, de seu desejo a uma patologia aparece na entrevista do enfermeiro. Este, o enfermeiro, afirma ser patológica a manifestação artística de um paciente chamado Bispo. Bispo é um velho xerife que tem um trabalho de criação da mais profunda qualidade estética. Bispo, em seu trabalho, tem um procedimento que resume toda esta tese. A colônia só fornecia para seus internos um uniforme de brim azul. Bispo pegava este uniforme, desfiava-o, e, com estes fios, tecia em lençóis sua mais radical singularidade.

O que a tese pensa é esta capacidade do Homem de não se massificar inteiramente.

Poderíamos dar uma definição do Homem como sendo um ser que é capaz de fazer da tentativa de massificação de seu ser os elementos da expressão da mais radical diferença.

O Homem é alquimista de sua morte.

Do colocado até aqui uma questão se levanta; será que, pelo fato dos xerifes, dos líderes, estarem de alguma forma associados ao sistema, isto significa uma submissão ao sistema?

Segundo Foucault, esta pergunta só teria sentido dentro de uma visão substancialista do poder. Para este autor, o poder não é uma substância que se possa apreender. O poder não pertence a uma agência central, o Estado. O poder não tem um centro; tudo é poder e nada pode estar fora do poder. Os poderes se exercem em níveis variados, em pontos diferentes da rede social, formando um complexo onde aparecem micro-poderes que necessariamente não estão ligados ao Estado.

O poder funciona em rede, como pequenos mecanismos que se inscrevem pelos capilares do social, pretendendo regular a vida.

Nesta medida ninguém detém o poder e portanto ninguém está fora dele. As mudanças se operam nos interstícios da rede que será a forma de organização do poder.

O poder, em última instância, seria efeito de um jogo de forças, e as diferenças seriam um produto da acumulação desta força em pontos da rede. Desta quantidade da força sur

giriam diferenças qualitativas que se traduziriam como hierarquias qualitativas que se traduziriam como hierarquias, etc.

Foucault, ao indicar a questão do jogo de forças, não propõe uma medida formal para medi-las, mas propõe uma análise concreta das forças em relação, do confronto das forças. Esta forma de ver o poder coloca-se como uma referência às diferenças, não centrando o poder num princípio homogeneizador, central, substancialista.

Dentro desta concepção foucaultiana do poder é que situamos a homossexualidade como contra-poder. Por outro lado, esta concepção do poder nos permitiu ver que a associação ao poder instituído não implica necessariamente uma rendição, mas pode constituir-se como uma estratégia de luta. Só se ganham espaços dentro do poder, pois ele não é uma substância que marca uma exterioridade possível.

Nesta nossa discussão sobre a instituição cum - pre colocar, em decorrência das posições sustentadas, que a instituição surge como necessária ao ser humano.

A instituição, como o Homem não está tecido ao cosmo surge como a forma que o Homem encontrou de se rearticular ao cosmo. Se há no ser humano um não saber constitutivo de sua transcendência, o seu saber, necessariamente, será mediado pela instituição.

A instituição é necessária, pois o homem é supérfluo, é luxo, é desperdício.

Na medida que o Homem não se totalizará nunca, em nossa visão, a instituição sempre será necessária.

A liberdade, por definição, implica a instituição. No caso da poesia, esta articulação é evidente. O poeta precisa da instituição, que é a linguagem, para forjar sua liberdade, para transcender a própria linguagem.

A Psicanálise nos revela esta articulação ao postular que o Édipo é o complexo central de toda sua teoria. O sujeito só se constitui na medida em que perde o seu primeiro objeto de amor. Esta gramática inscrita no desejo será dada pela estrutura edípica através do nome do pai.

A nosso ver, a instituição não é em si alienante. O problema surge com a utilização que fazem das instituições os sistemas totalitários. Aí as instituições tornam-se alienantes, pois se colocam como sendo a Verdade, se absolutizam.

A instituição é uma expressão do vazio que constitui o ser humano; assim sendo, ela não pode ser absoluta pois exprime um não saber.

Delineamos os problemas que se colocam na instituição estudada e que nos parecem exprimir, a nível das relações sociais, pressupostos conceituais filowóficos.

Nesta medida, a estrutura organizacional e espacial de uma instituição tem toda uma lógica pedagógica. É como se fosse uma pedagogia todo o tempo que leva os homens a imaginarem-se mortais para que não se descubram mortais e portanto desejantes.

## 5. CONCLUSÃO

Concluir é articular as partes de tal forma que uma nova qualidade surja, um novo sentido se ilumine.

Para tanto é preciso que se fale dos elementos constitutivos da construção. Este será o caminho que seguiremos em nossa conclusão, ou seja, refazer o percurso para que possamos articular uma conclusão.

A idéia, ou melhor, a hipótese básica que norteou todo o trabalho foi a de que a homossexualidade, em determinados espaços institucionais, não poderia ser vista como patológica, mas como uma forma de contra-poder, ou seja, uma emergência da diferença.

Para que pudéssemos articular esta hipótese, nos foi necessário fazer um longo percurso, que partiu da filosofia, passando pelas postulações freudianas, e chegou à uma instituição concreta.

Em Hegel, procuramos sua formulação sobre o Saber Absoluto e o Estado Absoluto.

Recorremos a Hegel, pois nos pareceu que as instituições em sua prática eram encarnações daquilo que certas interpretações de Hegel desenvolvem à nível formal. Nesta medida, nos pareceu que determinadas interpretações que se fizeram da filosofia hegeliana podem servir de estrutura ideológica a práticas totalitárias.

Ao totalitarismo é essencial a unidade, o mito do um.

O que é a Verdade senão uma total coincidência com o que é REAL. Todo totalitarismo fala a partir do lugar da Verdade, então, é necessário que se postule uma unidade entre o que é dito e o REAL mesmo.

O totalitarismo é a abolição da diferença e, nesta medida, do desejo, da História.

Esta articulação do conceito de Saber Absoluto nos possibilitou ver a instituição colocando-se neste lugar.

Achamos ter explicitado esta articulação entre o conceito de Saber Absoluto e o lugar que se coloca a instituição, na medida em que se evidenciou a existência de mecanismos que visavam abolir a diferença entre o sujeito e a própria instituição: *seriam mecanismos de apagamento do desejo.*

Apontamos, como um destes mecanismos, o que chamamos de Mortificação do Ego e sua etapa posterior, que seria a Construção de Um Sujeito Patológico.

Estes mecanismos pretendiam retirar do sujeito os emblemas simbólicos constitutivos de sua identidade social e pessoal, dando-lhe outros que constituiriam um sujeito absolutamente dentro da lógica institucional.

Há uma nítida tentativa de apagar as diferenças do sujeito para constituí-lo segundo um modelo universal. Apaga-se assim a diferença entre paciente e instituição, reinando a absoluta harmonia.

O Tempo nasce da diferença entre sujeito e obje

to, nos ensina Hegel. A abolição desta diferença, como no advento do Saber Absoluto, implica a abolição do Tempo.

Na instituição estudada, vemos surgir esta abolição do Tempo quando esta se caracteriza como um espaço de morte.

Fizemos esta afirmação baseados em indícios tais como, a ausência da possibilidade da intimidade, o fato do paciente agitado tomar a mesma medicação, referente à agitação, durante anos etc.

Num segundo capítulo, colocamos a visão freudiana do Homem. Freud afirma que o Homem jamais transcenderá o nível do desejo satisfazendo-o totalmente. Isto implica que o Homem nunca se totalizará. O Homem será sempre História, será sempre projeto, nunca coincidindo inteiramente com seu ideal.

Nesta medida, a noção freudiana é estruturalmente subversiva em relação ao lugar absoluto em que se coloca a instituição.

Constatou-se, na instituição estudada, que o desejo se manifestava pela sexualidade, revelando no sujeito uma dimensão insatisfeita e colocando, portanto, inexoravelmente, a incompletude do sujeito.

Se a instituição pretende ser a Verdade, não existe insatisfação possível, pois a insatisfação revela que o Homem não é completo.

Colocamos que a repressão articula-se, essencialmente, em torno da sexualidade.



Fica isto evidente, como na instituição de recuperação de menores ou, mais sutil, como na instituição que estudamos. Mais sutil porque, aparentemente, a homossexualidade não era violentamente reprimida, mas esta instituição era vista como um castigo, um depósito dos que foram destruídos pelo sistema. Há aqui uma abolição do futuro, e abolir o futuro é abolir a sexualidade humana, pois o Homem é futuro.

Vimos então que o Desejo é basicamente destrutante, pois aponta à instituição sua impossibilidade de vitória.

Vimos em seguida como o nível desejanter surgia a partir de um exercício do corpo. Nas entrevistas fica claro que o sujeito se resgata como sujeito desejanter em sua relação homossexual.

É onde emergem as categorias fundadoras do desejo humano. Vimos surgir na fala de nosso sujeito, quando se refere à sua relação amorosa, uma série de projetos: surge o futuro. Quando o sujeito se refere à instituição, surge a impossibilidade.

Poderíamos afirmar que a homossexualidade funciona, face a uma estrutura homogeneizadora, como uma afirmação do humano no Homem, contrapondo-se à esta tentativa institucional de abolir as diferenças.

Neste espaço dado, o homossexualismo ganha uma dimensão política de resistência à tentativa de reduzir os homens ao nível da necessidade, perdendo-se a capacidade de pensar e sonhar.

As afirmações feitas se restringem, obviamente, a este espaço estudado.

Reconhecemos os limites destas afirmações e nos parece que este trabalho mais pergunta que conclui.

Para finalizar, gostaríamos de nos perguntar se a relação de nosso sujeito com a natureza não aponta para uma região no Homem irredutível ao discurso. Esta região seria o lastro da liberdade humana e iria se constituir, segundo Nietzsche, como pura afirmação.

O que o sujeito procurava era uma relação imediata com a natureza e, nesta medida, inapreensível pelo discurso.

Será que, nesta situação de extrema violência, não surge o que o sujeito chamou de "mistério" como sendo o mais profundo extrato garantidor de nossa liberdade?

Esta experiência de plenitude com a natureza, poderíamos nomeá-la como a plenitude na diferença.

São perguntas que nos fizemos e deixamos em aberto.

Concluir é perguntar. O Homem é inconcluível por definição: sua única conclusão é a impossibilidade de concluir.

Oh! ser sem descanso!

✓

## 6. BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, J.A.G. *Intuição e poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. IN: *Posições 2*, Rio de Janeiro, Graal, 1980. -  
 . "Freud e Lacan". IN: *Estruturalismo antologia de textos teóricos*. Rio de Janeiro, Martins Fontes,
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Graal, 1981.  
 . *L'homme devant l'amant*. Paris, Seuil, 1977.
- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro - ro, IMAGO, 1979.
- BACHELAR, G. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro, Eldora - do, s.d.
- BATAILLE, G. *L'erotisme*. Paris, Ed. Minuit, 1957.
- BECKER, E. *A navegação da morte*. Rio de Janeiro, Nova Fron - teira, 1976.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1976.
- BIRMAM, J. *Enfermidade e loucura*. Rio de Janeiro, CAMPUJ, 1980.  
 . *Sexualidade na instituição asilar*. Rio de Ja - neiro, Achiamê, 1980.
- BOËTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo, Bra - siliense, 1982.
- CANETI, E. *Massa e poder*. Brasília, Melhoramentos, 1983.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro, Fo - rense, 1978.
- CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. São Paulo, Mestre Jou, 1977.  
 . *Linguagem e Mito*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- CASTORIA DE J. C. *L'intiçucion imaginaire de la societê*. Paris, Seuil, 1975.
- CHABORNNEAU, P.E. *Cristianismo, sociedade e revolução*. São Paulo, Herder, 1965.
- CHAUÍ, M. *Cultura e democracia*. São Paulo, Moderna, 1980.  
 . *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CORNFORDE, F.M. *Principium sapientie*. Lisboa, Fundação Ca - loustre Gulbenkian, 1981.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

- COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro, Rio, 1976.
- DONZELOT, J. *La police des familles*. Paris, Minuit, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Espaces clos, travail et moralisation*. Paris, PUF, 1970.
- ELIOT, T.S. *Poesias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- FLANDRIN, J. L. *Le sexe et l'occident*. Paris, Seuil, 1981.
- FLEISCHER, M. *A concepção marxista da história*. Lisboa, Ed. 70, 1969.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, Ed. PUC, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I - A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A história da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Lisboa, Portugalia.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FREUD, S. *El malestar en la cultura*. Vol. III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *El porvenir de una ilusión*. Vol. III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *El yo y el ello*. Vol. III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Psicología de las masas 7 analisis del yo*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Mas alla del principio del placer*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *El problema economico del majoquismo*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *La interpretacion de los sueños*. Vol. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Tres ensayos para una teoria sexual*. Vol. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna*. Vol. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Totem y tabu*. Vol. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte*. Vol. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Un comentario sobre el antisemitismo*. Vol. III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

- GUATTARI, F. *Psychanalyse et transversalité*. Paris, François Maspero, 1972.
- GARAUDY, R. *Dieu est mort*. Paris, PUF, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Para conhecer o pensamento de Hegel*. Porto Alegre, L&PM, 1983.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Estigma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GILSON, E. *História da filosofia cristã*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- GLOTZ, G. *A ci-ade grega*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1980.
- HABERMAS, J. *Connaissance et intérêt*. Paris, Gallimard, 1976.
- HEGEL, G.W.F. *La phénoménologie de l'esprit*. Paris, Montaigne, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Science de la logique*. Paris, Rubier Montaigne, 1976.
- HERZER. *A queda para o alto*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- HOCQUENCHEN, G. *A contestação homossexual*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- HYPOLITE, J. *Genèse et structure de la phénoménologie de l'esprit de Hegel*. Paris, Rubier Montaigne, 1946.
- KOJÈVE, A. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris, Gallimard, 1947.
- KOLLONTAI, A. *Marxismo e revolução sexual*. São Paulo, Global, 1982.
- KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LACAN, J. *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient*. IN: ECRITS. Paris, Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Position de l'inconscient*. IN ECRITS. Paris, Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Le séminaire sur la lettre volée*. IN ECRITS. Paris, Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. IN: ECRITS. Paris, Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*. IN ECRITS. Paris, Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *O mito individual do neurótico*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1980.
- LEGENDRE, L. *L'amour du censeur*. Paris, Seuil, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Jouir du pouvoir*. Paris, Minuit, 1976.

- LAPANICHE, J. *Vie et mort en psychanalyse*. Paris, Flammarion, 1970.
- LAPLANCHE, J. *Problématiques III*. Paris, P.U.F., 1980.
- LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- MACHADO, R. *Ciência e poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1981.
- MANNONI, M. *A educação impossível*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- MARCUSE, H. *Psicanálise e política*. Lisboa, Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Lisboa, Presença,
- MORA, J. F. *Dicionário de filosofia*. Buenos Aires, Judamericana, 1969.
- MORENTE, G. M. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1966.
- NIETZSCHE, F. *La naissance de la tragedie*. Paris, Gallimard, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. Lisboa, Guimarães, 1976.
- PASSERON & BOURDIEU. *A reprodução*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- PONTALIS, J. B. *A psicanálise depois de Freud*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- PONTALIS, LAPLANCHE. *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa, Ed. Moraes, 1970.
- RANK, O. *El mito del nacimiento del heroe*. Espanha, PAIDOS, 1981.
- RAMALHO, J. R. *O mundo do crime*. Rio de Janeiro, Graal, 1972.
- REICH, W. *Materialismo dialético e psicanálise*. Lisboa, Presença, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Irrupção da moral sexual repressiva*. São Paulo, Martins Fontes,
- \_\_\_\_\_. *O combate sexual da juventude*. Lisboa, Antídoto, 1978.
- RICOEUR, P. *Da interpretação*. Rio de Janeiro, IMAGO, 1977.
- RILKE, R. M. *Elegias de duino*. Porto Alegre, Globo, 1972.
- SAFOUAN, M. *Le structuralisme en psychanalyse*. Paris, Seuil, 1968.
- SARTRE, J. P. *El ser y la nada*. Buenos Aires, Losada, 1968.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 1973.

- SHAKESPEARE, W. El rey Lear. IN: *Obras completas*. Madrid, Aguilar, 1974.
- STORR, A. *Desvios sexuais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- VAZQUEZ, A. S. *Filosofia da praxia*. Petrópolis, Paz e Terra, 1977.
- VERDIGLIONE, A. *Sexualidade et pouvoir*. Paris, Payot, 1976.

ENTREVISTA DO JORGE

(Primeira)



## ENTREVISTA DO JORGE

### LADO 1

- Para descobrir o fundamento da Colônia é o seguinte, porque tem muita equipe e muito psicólogos e muito doutores e muitas enfermeiras e muito material, pra aqui dentro da Colônia. Por isso é que a Colônia não vai pra frente. Como eu fosse o diretor, como eu fosse o diretor eu ia no, no governo, no, no Ministro pra poder trazer material pra cá, porque a Colônia tem capacidade de de levantar. A Colônia tem capacidade de levantar. Que eu fosse o diretor eu mandava o material vir pra cá, que a Colônia tem chance de, de renovar.

- Certo.

- Porque aqui tá precisando, aqui dentro.

*Você acha que tem, aqui tem muito psicólogo, muito médico, muito funcionário e tal, que isso não adianta nada?*

- Não adianta nada.

- Por que isso?

- Sabe o que, tem pouca equipe e pouco material, pouco aparelho e pouca discriminação de remédio.

- Certo. Você acha que tem pouco material aqui?

- É. Que tivesse material pra fazer o exame em cada doente, eu, eu, a Colônia garantia a doença qualquer das pessoa, porque tem as pessoas que é internada aqui que não são maluco; que maluco, que existe é na Ilha do Sol nos Estados Unido que eu conheço, que meu pai já contou isso pra mim com dez anos; que na Ilha do Sol se vê só louco; esses louco que nem conhece o que é o mundo; eles conhece mais é comer troço do chão, não conhece o que é dinheiro, não conhece o que é nada. Mas eu não me considero maluco, eu me considero assim, como um doente, porque todo mundo é doente, de cabeça; outros é bom de ca beça, outro não é, ficou porção de troço.

- Então você acha que aqui tem muito doente que não é maluco, não é?
- Não.
- Mas aqui tem maluco também, não tem?
- Mas não, o senhor que tá dizendo, o senhor não pode dizer que é maluco.
- Como é que é isso? O que você acha que é um maluco?
- Maluco é aquelas pessoa que rasga dinheiro e come merda. Que maluco é que não conhece nada; então doente é que conhece. Doente conhece um prato de comida, conhece café, conhece roupa lavada, arruma cama, lava enfermaria, então esses não são doentes; sai pra rua, pra fazer biscate, e volta. Maluco é...., doente é isso aí ó. Esse é um cactônico, tudo que eu falo com ele, ele repete, ele não fala como nós assim...
- Mas esse aí você acha que ele é maluco?
- Eu acho que esse aí é.
- Esse é maluco?
- É fora do normal.
- Esse não entende nada?
- Não entende nada, mesma coisa que o senhor tá falando com ele tá saindo ou outro lado, sai do outro ouvido.
- Então você acha que maluco é o "cara" que não entende nada mesmo?
- Não entende nada, não sabe o que tá fazendo.
- Come qualquer coisa?
- Come qualquer coisa.
- É igual a um bicho?
- É igual a um bicho, um cavalo, uma vaca, um porco, que eu conheço um, que um doente pega a comida, joga ali no chão, ele vai lá comer. Aquele é guímo do infeliz, que num levar ele pra copa ele morre de fome.

- Quer dizer, ele não faz nada?
- Não faz nada. Fica isolado. Meu lugar é ali, ó, lá naquele canto. Então eu botei o nome daquela árvore ali, aquela última árvore, gurgalhada.
- Por que, Jorge?
- Sabe, porque ela conversa comigo.
- Como é que é, como é que é, você vai lá e fica ali perto dela e ela conversa com você?
- Conversa comigo pelo intermédio do vento, das folhagem. Com as folhas balança é que elas tão indicando uma coisa para mim, uma coisa, "custe pra outro lugar, não custe pra onde que você está, aonde que você está sofrendo!"
- Você acha que as árvores ensinam aos homens?
- Ensina. As árvores que dá o poder aos homens, não é os homens que dá poder às árvores, porque as árvores é que dão os frutos e nós num damos.
- Você acha que a árvore é generosa?
- É generosa.
- Ela dá fruto, ela dá, enfim, ela te dá sombra, ela...
- Ela me dá sombra, me dá o ar livre.
- Agora, você acha que quando o vento bate nelas, elas falam?
- Elas falam sim, elas falam com os outros.
- E com você? Se você souber escutar, elas falam?
- Comigo também elas falam; elas falam porque eu tenho uma divisão.
- Como é que é essa divisão, Jorge?
- Essa divisão é que eu me concentro dentro dela.
- Dentro da árvore?
- Dentro dela. Eu fecho os olhos e me concentro. O que tá de dentro da árvore e o que tá de fora.

- *E ela te ensina muita coisa, a árvore?*
- *Ensina. Ela me ensina muita cortição, ela me ensina. Se separadas pessoas fica comigo, que eu ficando contigo eu não faço mal.*
- *Quer dizer, a árvore não tem, ela não é capaz de fazer mal a um homem?*
- *Não. Só mexer com ela...*
- *Quer dizer, a árvore, ela é carinhosa, ela não é, é incapaz de trair, não é?*
- *Não. Quem é capaz de me trair são os gente viva.*
- *Os vivos são capazes de trair, a árvore não?*
- *Não.*
- *A natureza não?*
- *A natureza nao.*
- *A natureza te recebe?*
- *Me recebe muito bem. Ela me recebe minha tranquilidade; me recebe aquela respiração, uma porção de coisa.*
- *Vem cá Jorge, você diz que com a natureza você, enfim, você tem o carinho, você se sente recebido, você se sente, enfim... e com os homens, como é que é com os companheiros daqui? Como é que você se sente com os homens?*
- *Com os homens eu me sinto assim, difícil conversar com eles; sabe o que, que eu conversar com eles, eles vão dizer que eu tô falando demais. Então eles já falam assim: "Pôxa, o Jorge tem aquela mania de grandeza!" Mas não, não tenho aquela mania de grandeza. Tenho sim, mania de grandeza assim, ficar isolado dos outros. É essa minha mania de grandeza. Ficar abandonado por aí, porque eu tentei me matar, sabe, já tentei muito me matar, mas eu tenho um meio de eu me matar, para eu não ver a cara dos povo.*
- *Para você não ver a cara do povo, você tentou se matar?*
- *Eu tenho muito medo dos vivo, dos morto não tenho medo.*

- Você não tem medo dos mortos, não?
- Não.
- Você acha que os mortos falam com a gente?
- Fala, fala. Fala pelo vento.
- Pelo vento?
- Pelo vento e, e pelo mistério.
- Mas os mortos, eles, você acha que os mortos são capazes de traír o homem, de fazer mal a alguém, não?
- Não. Quem faz é os vivo, que os mortos não se faz mal a ninguém.
- Mas você acha que os mortos ajudam?
- Ajuda as pessoa.
- Fica ensinando também?
- Ensina as pessoa.
- Mas igual as árvores, não?
- Não, diferente. Que a pessoa quando morre não existe, não vai para outro planeta, morreu fica ali mesmo.
- Fica por aqui, na Terra mesmo?
- Fica por a Terra mesmo. Quem toma conta dos mortos são as terra.
- É a terra que toma conta dos mortos?
- É as terra que toma conta.
- Vem cá, Jorge. O que que aqui, entre os vivos, o que que você acha que regula, por exemplo: por que que você acha que uma pessoa é mais respeitada que a outra? Por exemplo: aqui, no seu pavilhão, o que você acha que leva um doente aqui ser mais respeitado que os outros? Os outros doentes escutarem ele, ele ter uma moral em cima dos outros, ser respeitado. O que que você acha que leva a isso?
- É que eu levo isso... é que essa pessoa que prá poder conversar com a pessoa, ele tem uma dominação forte, uma dominação

é que, convence as pessoa, domina as peésoa, fala assim é o quê que você é; aquilo, aquilo, então eu já me sinto assim do minado pelas pessoa. Mas as pessoa..., tem muitas pessoa que não me domina, que me domina mesmo é a natureza.

- A natureza te domina?

- É.

- Agora, você acha que você é respeitado aí no seu pavilhão?

- Não.

- Você acha que não?

- Absoluta não.

- Não?

- Absoluta não. Porque aqui tem um guarda aqui, o tal do Jaime, que esse guarda já foi carrasco prá doente, e ele já aposenta do de vir aqui prá poder destruir a vida dos doentes, esse guarda. Então ele teve aqui foi domingo e eu falei assim: "Meu Deus! Vou sair desse pavilhão e vou pro mato!" Porque eu não vou com a cara desse guarda. Aí fui pro mato. Ele traz café aqui, traz bolo, traz aqui, é só prá comprar doente; só prá comprar doente, pro doente ficar a favor dele, não o doente ficar o favor de mim e, também eu não tô importando o doente ser favor a mim.

- Você não importa com isso não?

- Não importo.

- Mas você acha que os doentes gostam de você?

- Maiorias.

- A maioria?

- A maiorias.

- Mas a maioria te escuta?

- Escuta.

- Você fala: "ô 'cara', se segura", o "cara" te escuta?

- Eu chego, falo assim: "se segura". Nada disso: o negócio é vo

cê apanhar o seu lugar, nada de briga, nada de violência, o negócio é você curtir, andar, sair pelos matos, tomar banho de cachoeira, não ficar arrumando briga com os outros. Eu sou uma pessoa que no arrumo briga, no arrumo, eu sou mais de ficar; de noite eu fiquei; ontem não, ontem me deu vontade de ficar aqui, pegando com chuva e tudo; mas eu fiquei com medo de eu pegar uma pneumonia, porque o meu pavilhão de noite, não sei...

- *O que que aconteceu de noite aí no seu pavilhão?*
- Tem muito doente. Tem um doente aí de noite que fica rodando aí, apanhando a guimba de cigarro no chão e arriscando até a matar a pessoa que está dormindo, e não dorme; é tipo um morcego.
- *Você fica com medo?*
- Eu fico com medo.
- *De noite?*
- De noite eu fico com medo.
- *De noite é perigoso aqui?*
- De noite é perigoso. Teve um crime aqui, teve um crime aqui que ninguém sabe como é que surgiu o crime aqui dentro. O senhor acha que foi doente mental que fez isso, ou foi "nego" de fora que fez isso?
- *O que você acha, você acha o quê?*
- Eu acharia que foi uma pessoa tarado pra fazer isso.
- *Mas por que? O "cara" matou e fez alguma violência sexual na pessoa?*
- É. Pra fazer, ou pra ver que ele tinha dinheiro ou pra fazer sacanagem, prá "estrupá", que realmente o que ele fez; pra mim, foi uma estrupação. Prá furar a testa do "cara", prá arrancar o olho do "cara" e prá arrancar a orelha, é estrupação.
- *Mas, e o "cara" tava violentado por sexo e tal, enfim, enraba do o "cara", ou alguma coisa assim, não?*
- A perícia não descobriu.

- Não?

- A perícia... a pessoa que matou foi inteligente, essa pessoa que, a pessoa não..., o cidadão, o cidadão..., esse cidadão eu não sei qual é esse nome desse cidadão, que eu nunca vi esse cidadão, que tudo que acontece aqui dentro da Colônia é do ente..., ah! que matou aquele, aquilo mais..., tem certos detentos que é detento, que é perigoso; mas essas pessoa que é detento já cumpriram as penas deles que eles não tem nem coragem de fazer isso. A lá, o outro com cachaça não mão, tá vindo? Esse aí quando bebe fica violento.

- Bate nos outros?

- Revira a cama todinha, dos outros. Todo dia ele bebe; de manhã cedinho ele tá lá doidão de cachaça. Ele tem bronca de mim, não conversa comigo porque eu sou contra; ele fala que eu sou maconheiro. Realmente eu uso isso, no teatro. Eu trabalho no teatro também; em trabalho em teatro com "seu" Domingo, com Antonio Fagundes; eu trabalhei com Lilito; eu fiz papel de Pai Mateus; aquilo saiu de dentro de mim, eu tenho culpa? Então a, a droga, a droga se deve ser liberado, quanto mais sendo liberado, cada um vai pagar um imposto dela; que não pagando imposto a polícia é obrigada a tacar em cima, porque? Por causa não tem o imposto.

- Você acha que a droga ajuda as pessoas a abrir a cabeça?

- Ajuda.

- A liberar o teatro que existe dentro de cada um?

- Ajuda, ajuda. Que a droga num causa, num causa crime, num causa nada. A pessoa que faz isso - o crime - num é efeito da droga, é efeito de mesmo, do destino dele mesmo, que ele é mau, ele é mau.

- Você acha então que a droga, por exemplo, se o "cara" é bom e o "cara" fuma maconha, ele vai ficar bom, se o "cara" é mau e fuma maconha, ele vai fazer perversidade?

- Vai, mas não pela droga.

- Mas, é uma coisa que já existe dentro da pessoa?



- Dentro dele mesmo, que ele tá a fim de fazer.
- *A droga simplesmente facilita aquilo que está dentro, sair pra fora?*
- Facilita. É que facilita para sair pra fora; que dá os pensamento; dá o que o senhor quer fazer, por exemplo: o senhor chega assim, "*pôwa, eu quero fazer uma peça, hoje eu tô cheio de droga, eu quero fazer uma peça*", e o senhor vai conseguir fazer, o senhor vai conseguir, porque o senhor vai conseguir por causa do efeito dela; do efeito dela, mas quando acaba o efeito dela, ela já repucha mais um pouco, já repucha, já diminui o trabalho das pessoa. Então as pessoa tem que dobrar mais ela pra poder abrir...
- *Sim. Você acha que cachaça não faz isso não, né?*
- Cachaça, não. Cachaça faz "abição".
- *Ambição?*
- Abição é que traz morte.
- *Quer dizer que a cachaça não traz doçura nenhuma?*
- Não traz a doçura nenhuma. Traz, ela acaba com a vida da pessoa e a droga num acaba com a vida da pessoa. Quem, quem me aviciou isso foi meu pai.
- *Seu pai que te viciou em droga?*
- Foi.
- *Seu pai fumava maconha?*
- Fumava.
- *Ele dava para você?*
- Dava. Dava pra mim. Então eu gostei; eu gostei; eu senti que o senhor é uma pessoa, o senhor é uma pessoa que tem o bom "crânico"; o senhor tem o cérebro, que esse cérebro que o senhor tem é que traz aquela "autastividade" que você procura; o que o trabalho que sai da sua mente; o quê que você vai fazer; o trabalho. Porque eu achei que o senhor é uma pessoa que faz parte da pesquisa; me entrevistou; que o senhor tem;

o senhor é uma pessoa que dá pra fazer peça, dá pra fazer aquelas várias loucuras, aquelas loucuras que eu quero dizer assim, do seu trabalho.

- *Sim?*

- Do seu trabalho, do roteiro que o senhor quer fazer, essas coisas; que o senhor tem muito "crânico", o senhor tem muito estudo, eu já não tenho muito.

- *É. Mas esse negócio de estudo, você, por exemplo, eu tenho um certo tipo de estudo, né? Eu fui na faculdade e tal e coisa; enfim, eu tenho um certo tipo de estudo. Agora eu acho que você tem um outro tipo de estudo, por exemplo: você tá dizendo que você observa a natureza; você observa os povos, que você chama de povo: Você estuda também. Agora você tem um outro tipo de estudo.*

- O estudo que eu tenho não é estudo de escola. É estudo de pensamento.

- *Pois é. Mas, por que que você acha, você acha que o estudo da escola é melhor do que o estudo que você tem?*

- Ó, eu falei que a escola, a escola é pra ajudar as pessoas, mas eu, eu num..., dentro da escola, eu dentro da escola, dentro da escola não me ajuda, quem me ajuda sou eu mesmo; é que abre nos meus pensamento, assim nas árvore, nos matos, que os mato traz a natureza, traz a geografia, traz a leitura, traz a respiração, essas coisa toda.

- *Pois é. É uma forma de estudar, né?*

- É uma forma de estudar que, é que, é uma coisa incrível, compreendeu? É uma coisa que ninguém do..., vem do mistério da natureza. Essa aqui é minha cachorra.

- *É sua cachorra?*

- Ela vai lá no morro comigo.

- *Ela é sua companheira lá na natureza?*

- É minha companheira, é amiga minha.

- *Como é que ela chama, Jorge?*

- Dindi.
- *Dindi?*
- Ela fica nervosa, no estado de nervo...
- *Mas ela é carinhosa, ela chega bem...?*
- Mas ela é nervosa. Sabe por que ela é nervosa? É por causa de que eu não dou muito carinho a ela.
- *Você não dá, mas você leva ela pra passear?*
- Levo. Mas ela tá pegando uma doença da outra cachorra.
- *Que doença? No pêlo dela?*
- É. Não é lepra, se chama cocceira. Que cocceira! Lepra dá em ser humano, dá em ser humano, No cachorro é cocceira. Então os doutor diz que é lepra, mas não é lepra, é cocceira.
- *Certo. Agora, vem aí Jorge, me diz uma coisa: Como é que é o negócio aqui, aqui dentro da Colônia? Tem uma porção de grupo aqui, não tem?*
- Tem.
- *Uma porção de pacientes que tem os grupos e tal, não tem?*
- Tem.
- *Como é que é isso? Você estava falando de um outro "cara" ali, enfim, é bom até não falar o nome pra não comprometer ninguém*
- Claro.
- *Você estava falando de um "cara" ali que não gosta de você e tal. Ele tem um grupo aí, que obedece a ele, não tem?*
- Tem. O Delmo.
- *Existe uma porção de outros grupos, como é que é esse negócio aqui? É um grupo não gosta do outro, como é que é isso?*
- É que cada um tem os seus pensamentos com a pessoa; cada um fala de outra maneira; eu falo de outra maneira e o outro fala de outra maneira. Então o outro se sente que eu tô falando bem e o outro se sente que fala mal, então ele começa a se julgar. Fala assim: "Pôxa, o Jorge tão falando bem, então nós

*mas não gosto dele, que ele é uma pessoa metida a sabidão". Não é sabidão. Sabidão que eu conheço é a pessoa encharcar os outros; é humilhar os outros. Eu não, eu sou sabido pela natureza; eu não tenho culpa de vinha pela terra; eu vim pela terra pra poder estudar, estudar as plantações, estudar várias coisas, que esse grupo que vem aqui. Eu tô achando que esse grupo não tá resolvendo, não tá resolvendo.*

- *Que grupo? O grupo de que, que você diz?*
- *O grupo de "sistente" social que vem aqui...*
- *Conversar com vocês?*
- *Conversar com doente. Elas promete de formar os pavilhões, em direitar essas coisa toda, diz que é falta de verba, mas eu num acredito; esse negócio de verba que, que o governo tem verba pra poder dar, que a verba num sei, a verba entra aqui e a verba some. Que eu ir na Praia Vermelha ou no governo, eu garanto que boto verba aqui dentro.*
- *Você acha que a verba chega, mas a verba some?*
- *Some, some. Não por intermédio de quem trabalha, por intermédio de lá do prédio, porque as verbas vão todas pra lá.*
- *E lá elas desaparecem?*
- *Desaparece.*
- *Mas isso acontece muito aqui na Colônia, Jorge?*
- *Já aconteceu muito.*
- *De sumir às coisas?*
- *Já aconteceu muito. Que o governo já mandou verba pra cá; já mandou tudo pra cá. Sumiram tudo, a verba.*
- *Mas, vem cá. A que você, os pacientes aqui então, quer dizer, vocês ficam aqui e tal; as verbas vêm e quem é prejudicado mesmo, é vocês...*
- *Somos nós mesmos que é prejudicado, que nós num temos apoio da, da verba; tendo verba eu garanto que se volta tudo normal.*
- *Você acha que os funcionários levam as coisas de vocês aqui?*

- Leva.

- *Eles roubam as coisas?*

- Leva, não rouba o que é dos outros:

- *As coisas que deveriam vir pra vocês, eles levam pra casa, é isso?*

- Rouba, rouba. Rouba até dinheiro, que eu tô cansado de ver que doente faz biscate lá fora. O Túlio já chega dentro do armário, já revista, já revista dentro do armário pra roubar os doentes. Eu tenho coisa dentro do meu armário que não é coisa de valor, mas é coisa do meu uso, roupa, mala de viagem, calça, tudo é do meu trabalho que eu recebi do Fundo de Garantia que eu trabalhei em São Paulo. Eu trabalhei pra São Paulo e depois cabou o serviço aí me mandaram embora; que eu num tinha pra onde que ir, aí tive que ir pra Colônia.

- *Mas, vem cá. Como é que é, por exemplo, num grupo desse, tem o grupo do Delmo; tem outro grupo. Cada pavilhão tem um grupo não tem?*

- Tem.

- *Tem um doente que as pessoas respeitam e tudo enfim, não tem?*

- Tem.

- *Que eles chamam aqui de xerife, não tem?*

- Xerife. O Delmo é um xerife; é um doente que domina todo mundo.

- *Como é que você acha? Qual é a regra desse negócio? O "cara" tem que obedecer o xerife, e se não obedecer apanha, como é que é isso?*

- Não. Ele já faz isso pra..., ele domina a pessoa daquela mania de grandeza. Ele fala assim: "Pôxa, eu num sô doente, eu vou é dominar o mais fraco que é doente". Então, que o doente não faz aquele serviço, ele vai querer se jogar no doente, vai falar assim: "Pôxa, vou te dar um casote porque você não quer me ajudar". Então o doente se..., fica fraco no meio dele, porque que ele tem mais aquela dominação, tem mais aquele

superior, aquele superior, então ele domina as pessoa.

- Mas por que você acha que ele domina? Que que é esse superior dele? Por que que você acha que as pessoas respeitam ele?

-- Respeita ele sabe o que. É medo de apanhar dele. É medo. Toma tudo que é dos outro; ele fala assim: "Vou bater nesse doente porque esse doente é fora do comum". A mesma coisa que ele tá cansado de me bater.

- O Delmo?

- O Delmo. Já me bateu, ai já me bateu, já me roubou, já me fez tanta covardia comigo e tudo.

- Mas quando ele vem te bater você não se defende?

- Não. Eu corro dele, que ele já matou um aqui dentro.

- Você tem medo dele te matar?

- Tenho.

- E se o doente não obedecer ele, mesmo, ele mata?

-- Já matou um doente aí, o tal do Moisés. Matou um doente alcoolizado, na covardia, ele e um colega dele, o Patola, que é faz parte de sexo, é..., coisa que não se ousa, compreendeu? Coisa de..., negócio de anglos, sobre negócio de..., num pode nem sair no gravador, sabe, sair essas coisa que eu queria dizer...

- Não, pode dizer. Isso aqui ninguém vai escutar não. Eu vou escutar e vou...

- Negócio de sacanagem, compreendeu, que o "cara", esse Patola, é o macho do Delmo. Então esse Delmo dominou o Patola, então o Patola faz bem o que entender pelo intermédio do Delmo, que o Delmo fala assim pra ele: "Vai roubar aquilo"; ele chega vai lá, rouba. Vai rouba, sabe o que ele tá dominado.

- Pelo Delmo?

- Pelo Delmo.

- E o Patola, é o macho do Delmo?

- É o macho do Delmo. Que o Delmo tinha inveja de mim, que eu

trabalhei com gente alta sociedade, gente, Domingos de Oliveira, que eu tenho uma porção de gente conhecido, gente rica, aqui na Estrada Rio Grande tem o advogado. Eu levo o senhor lá na casa dele. Eles fala bem de mim. Eu velo a casa deles; faço faxina na casa deles; eu encero a casa deles, eles me dão uns trocadinho, me dão dinheiro, me dão tudo, que eles conhece a minha vida; eles conhece o meu sofrimento.

- Certo. Agora você acha que o Delmo tem inveja de você por isso?
- Tem. Tem inveja de mim.
- Por que você conhece pessoas, enfim, importantes?
- Importantes, como o senhor, como as "sistente" social, como gente de repôteres, que ele se sente que não pode falar, que eu; e eu posso falar. Então ele já se sente recalque por dentro: "pôrra, só o Jorge que pode falar"; mas eu posso falar que eu tenho direito de falar. Eu não pedi.
- Ele fica com inveja?
- Fica com inveja de mim.
- E aí quer te destruir?
- Quer destruir minha vida. Que ele já me tentou me matar numa banheira.
- O Delmo?
- O Delmo. Tirou minha roupa toda, rasgou, me sufocou dentro d'água e tudo; ele com o Patola.
- Mas como é que você se safou dessa?
- Eu escapei dessa pelo intermédio do outro doente, o tal do Jorge Carlos, um meu amigão que eu tinha aí, que eu vou dizer o senhor, também, que eu me sinto frio por uma mulher, eu me sinto frio por uma mulher.
- Você gosta de homem?
- Gosto. Eu vou dizer, errado isso, porque eu gosto.
- Pode dizer, não tem problema nenhum.
- Gosto, sabe o que? É o seguinte: porque eu estudei o meu caso, porque eu não posso fazer mais filho, não posso; porque eu

achei meu "mortozório" são morto; então eu tenho mais paz pra ser feminino que...

- Masculino?

- Masculino. Que eu me se entrego, me sinto fraco por uma pessoa que eu tenho aqui, uma pessoa que eu falei sobre a respeito dessa pessoa.

- Você gosta dessa pessoa?

- Gosto muito e essa pessoa me ajuda, eu ajudo ele; ele sai comigo, vamos sair pra fora, vamos ao parque, vamos ao cinema e tudo..., então eu tenho confiança nele.

- Mas você tem um sentimento de amor por essa pessoa?

- Eu me...

- Você gosta dele mesmo?

- Me..., que amor, acabei de crer, é que todos homens e a mulher, a mulher tem amor por mulher, e o homem tem amor pelo homem-homem, que existe isso dentro da matéria, das pessoa. Mesma coisa o senhor, você tem uma mulher, o senhor vê outro cara conversando com a sua mulher. O que que o senhor vai sentir por dentro do senhor? O senhor vai sentir uma besteira, o senhor vai sentir uma re..., o senhor vai sentir assim: "Pôxa, será que essa mulher tá me 'atraindo' com outra pessoa?" O senhor não vai ter mais confiança nela, o senhor já pensa logo em maldade na cabeça; mas no fundo o senhor vai saber que é um grande amigo dela, que trabalha junto; mas já pensou em maldade.

- Você fica com ciúme, né?

- É. Mas eu com, com esse rapaz aí, já não me sinto ciúme porque eu ja tô "custumado" com ele; eu me sinto assim viver, que eu tô me sentindo bem com ele, que ele tá a fim de ir para Campos. Eu também tô a fim de ir pra Campos, fazer higiene mental lá pra Campos, lá pro interior de lá de Campos; pesquisar lá o campo lá; eu vou comprar um gravador pra mim que Deus quiser. Fazer uma poeta lá; vê os animais, os passarinho, essas coisa. Que Deus quiser, que Deus me permitir, eu vou



Vou trabalhar na obra segunda-feira, vou juntar um dinheirinho e vou pra Campos com ele.

- Mas como é que você vê isso? Você disse que aqui existe uma guerra mesmo. As pessoas querem destruir umas às outras e tal, e com esse cara você diz que você encontra o carinho, o amor, uma coisa assim bonita e, como é que é isso para você, Jorge?
- Eu acho assim, que quando eu vejo ele eu me sinto uma dor dentro do coração; me sinto uma dor, e quem será dele comigo? Que eu e ele se morando junto, vamos ser mesma coisa como marido e mulher. Sabe o que, homem com homem dentro dum quarto se dá muito bem que própria essas mulher? Que mulher que traz mais a "bição"? Que ela começa a trair? Então já nun tenho mais confiança em mulher; eu tenho confiança em homem, em homem, sabe o que, eu estou acostumado.

## LADO 2

- O que você lembra da sua família?
- O que eu lembro da minha família? Primeiro dia quando eu tinha assim, mais ou menos de dez anos, eles me internaram ali em Botafogo, Marquês de Abrantes 48, Fundação Romão Duarte, e depois de lá me botaram na Pestalozzi do Brasil. Da Pestalozzi do Brasil me botaram na Escola XV. Da Escola XV eu fui pra Brasília. De Brasília me jogaram pra cá. Em casa minhas família, minhas família são grande, então eles me botaram no mundo, que eles ficaram com medo que eu ia ser uma pessoa assim, tomar conta dos meu negócio, que eu sou uma pessoa assim, não muito inteligente. Mas eu sou assim, uma pessoa prestativa. Eu sei o que que eu vou fazer pra mexer na minhas causa. Então eles me pegaram e me jogaram pra aqui dentro, sem necessidade. Dizeram que eu tava louco, que eu não podia resolver os negócio meu, me abandonaram e eu me sinto assim arrancado; eu me sinto como esvalido, como indigente, que eu num tenho mais família no meio. O que eu tenho no meio é só a natureza, a na

tureza, nem mais natureza já num tô tendo mais! Que a natureza pra mim tá fechada; a natureza pra mim que tá é dentro do..., dentro do Paraná, dentro do "Auste", dentro de certos lugares. Então eu queria que alguém da minha família aparecesse. Agora, eu num sei que elas são morto ou são vivo.

- *Mas vem cá, o que que você lembra da sua mãe assim?*

- Eu me lembro que minha mãe era vocalista de televisão em Laranjeira; eu me lembro, com dez anos, e meu pai era almirante que ele "alusava" cinco estrela nos peito. Então eu era um garoto muito levado; que eu tinha essa doença de fazer assim nas costa, assim na parede, então minhas família disseram que eu tava louco. Fizeram uma internação em Botafogo; de Botafogo fui pra Pestalozzi do Brasil; da Pestalozzi do Brasil fui pra Escola XV; da Escola XV fui pra Brasília; Brasília me jogaram pra cá.

- *Mas você disse que era um garoto muito levado. Que que você fazia assim de levado e tal?*

- É de doença. pela parte de doença, que eu num ficava no mesmo lugar. Eu saía, saía pra rua, ficava assim no poste, chorando, "margurando", querendo me matar, querendo..., eu fazia uma porção de várias coisa que vem na minha mente que, já num tô confiando mais nos povo. Quanto mais eu confio nos povo, os povo tão enterrando minha vida. Então...

- *Diga.*

- Então eu acho que mim viver em paz eu tenho que ficar dentro do mato, curtindo com os pássaro, com cobra, com vários bicho que tem.

- *Mas quando você era pequeno, você lembra se você tinha amigo? Você brincava com os meninos?*

- Lembro. Eu jogava futebol, saía com eles.

- *Você tinha muitos amigos quando você era criança?*

- Tinha muitos amigo. Agora esses amigo eu num sei pra onde que eles anda, que eu morei em Laranjeira.

- *Você nunca mais encontrou nenhum amigo seu?*
- Nunca mais num encontrei amigo.
- *Da sua infância?*
- Nem da minha infância. Único que encontrei é um que tá aqui internado. Se chama o Mário, um que lava carro lá no prédio, lá na administração. Um paciente! Ele que foi criado comigo no Botafogo, Marquês de Abrantes 48, Fundação Romão Duarte!
- *Ele foi seu amigo lá da Romão Duarte?*
- É.
- *De criança?*
- De criança, os orfanato...
- *E é a única pessoa que você tem desse tempo, que você ainda tem contato?*
- Que eu tenho contato é só com essa.
- *Vem cá, você tinha irmão?*
- Tenho irmão. Tenho irmão e tenho irmã, mas não me liga.
- *Mas quando você era pequeno você se dava bem com eles e tal?*
- Não, não me dava não.
- *Você brigava com eles?*
- Brigava. Sabe o que? Eu era muito currado; eu levava muita surra do meu irmão; meu irmão me batia muito demais.
- *E a sua irmã?*
- Minha irmã não, minha irmã era mais ou menos.
- *Como é que foi quando você foi pra primeira escola que te internaram? Como é que você sentiu quando você entrou lá dentro, você se viu sozinho? Como é que você sentiu isso?*
- Que eu me senti que quando eu entrei dentro da escola, eu me senti muito bem dentro da escola no Botafogo, Marquês de Abrantes 48, Fundação Romão Duarte, que é um colégio, é um colégio que tem apoio, tem conforto, colégio de irmã; nunca me fui maltratado e sempre gostei de lá, mas com a "interiorida-

de", eles me botaram na Pestalozzi; da Pestalozzi me botaram na Escola XV; da Escola XV me jogaram pra aqui... Eu corri vários colégios.

- Mas você, quando você entrou lá, você achava que as pessoas queriam te ajudar, queriam te prejudicar, o que que você achou?
- Eu achei que eles queriam me ajudar, eu que num proveitei, que num proveitei.
- Mas o que que você fazia lá quando você entrou, no primeiro colégio? Como é que era sua vida lá dentro?
- Eu fazia, eu trabalhava no refeitório, eu trabalhava no refeitório, ajudava o servir comida; ajudava a botar comida na boca dos outros que tinha lá, que tinha uns doentes "camados" lá também. Ajudava eles, as irmã também.
- E os outros meninos lá desse colégio, esse primeiro que você teve, você se dava bem com eles, você se dava bem com eles?
- Me dava todos bem com eles, que agora eles tão tudo bem de vida, outros tá na marinha, outros tá no exército, outros tá pra outros lugar, que nem Guinaldo Timóteo. Guinaldo Timóteo é uma pessoa que foi criado comigo, é, Osvaldo Braga, Osvaldo Nunes foi criado comigo e eu era pra me levantar junto com eles, mas ele conseguiu a carreira dele e eu num consegui a carreira, que eles tinha mais valor que sô eu.
- Você acha isso?
- Eu acho que ele já nasceu pra ser compositor e eu já nasci pra ser uma pessoa isolada, como a...
- Você acha que era o destino deles, era esse?
- O destino deles era esse, o meu já não era.
- E antes de vir para cá, depois que você saiu desse primeiro colégio, você foi pra Pestalozzi?
- Pra Pestalozzi do Brasil.
- E lá, como é que era lá?
- Lá era o negócio de artes. Se aprendia fazer tapote, fazer essas coisa manual, fazer "barra". Fiz bonoco, fazer cena, can-

tar lá dentro, ajudar os povo que tinha; que tinha lá, vendia os negócio. O dinheiro ia lá pro colégio; o dinheiro ia pra mim. Eu num tenho nada que dizer desses dois colégio e da FUNABEM, mas a FUNABEM arriscou muito mal pra mim. FUNABEM, que FUNABEM não soube procurar minhas família; FUNABEM, que minha mãe ia lá no Botafogo e depois do Botafogo nunca mais ela num apareceu, me largou.

- Na FUNABEM a sua mãe não te procurava mais?

- Nunca mais. Nunca mais ela me procurou. Agora num sei que ela é morta ou é viva. O meu pai também.

*E lá na FUNABEM, como é que era lá, Jorge?*

- FUNABEM pra mim era bom, que lá eu tinha muita regalia; eu ficava com Guinaldo Timóteo, com Osvaldo Nunes e Osvaldo Braga que morreu; eles me tratavam muito bem; a vida deles cresceram foram lá dentro, num foram do lado de fora, foram tudo lá dentro e o meu foi aqui na sarjeta. Eu num proveitei nada, num proveitei nada que eles acharam que eu era uma pessoa que num, que eu era uma pessoa que eu num valia nada; num valia nada que eu quero dizer assim é que, que não tem "constução" assim de boa memória, que não tem boa inteligência e mais certas coisa.

- Mas vem cá, e você falava: "Eles achavam que eu não tinha boa memória, né? Quem que você fala, eles quem?"

- Os próprios funcionários de lá da Escola XV, falava que eu era um doente mental; falava que eu era uma pessoa assim, uma pessoa perigosa. Mas eu não era uma pessoa perigosa, eu era uma pessoa isolada, que eu num queria "papo" com ninguém; eu ficava num lugar sozinho e depois ia lá e me provocava, que eu num gostava de ver a cara dos povo, que eu tenho medo de olhar pra cara do povo porque os povo faltava só me engolir.

- Mas eles te batiam?

- Me batia muito.

- Lá nesses colégios?

- Me batia, me batia o rapaz que tinha lá chamado Milton Tatu.

- Eles te maltratavam, é?
- Seu Jorge, o diretor, me maltratava. Agora, eu não sei se é por causa da riqueza ou é por causa da, do recalçado deles ou é por causa de mim.
- Mas você disse que achava que os colégios queriam te ajudar e tal, mas como é que é isso? Eles queriam te ajudar mas te batiam, te maltratavam?
- Escola XV, mas em Botafogo e Pestalozzi do Brasil, nunca eles não fizeram isso comigo; eles não me maltratavam; eles sempre me trataram muito bem.
- E como é que você se defendia desse maltrato? Como é que você fugia?
- Fugia deles.
- Você fugia?
- Fugia deles.
- Você fugia do colégio?
- Fugia do colégio e ia pra rua. Dormia na beira da praia, dormia no mato, pra eu não sofrer na mão dos outros, que eu tinha medo que os outros me matasse.
- Você tinha medo de morrer lá dentro?
- Tinha medo de morrer. Então eu escapei de lá do colégio, mas eles me pegaram, me internaram lá de novo e me jogaram pra cá.
- Mas vem cá, e os seus colegas lá desse colégio, o que eles falavam sobre isso, de espancar os meninos, de..., o que que vocês conversavam assim sobre isso?
- Nós conversava assim: fazer revolução, revolução, quebrar aqui tudo, pra acabar com essa judiaria que acontecia dentro do colégio. Tempo do SAM, tempo do SAM que Osvaldo Braga que foi suspender na vida, agora é Fundação, Fundação Romão que chama...
- Hum!!!
- E aquele ali, foi criado comigo também, aquele de camiseta,

que tá lá, ô.

- Qual?
- Aquele ali de chapéu na cabeça, o Jorgias.
- Ah! Ele foi criado com você lá no SAM?
- Foi criado comigo no SAM.
- Então, quer dizer que os meninos do SAM eram muito revoltados?
- Era muito revoltado, vivia revoltado, sabe o que? Eles num ti nha alguém que "parasse" (amparasse) eles, "bandonados", que as mãe pega, abandona. Então a mãe corre abandona, os filhos fica revoltado, fica revoltado porque nunca num teve carinho de ter uma mãe.
- Nunca teve amor de mãe?
- É. Nunca teve amor de mãe. Nem eu num tive amor de mãe. Amor de mãe que eu tive foi o mato, a sarjeta. Pedia comida aos ou tros, falava pros outro das casa: "me dá comida porque tô com medo de voltar pro meu colégio, que eu tenho medo que eles me matem, que eu sou maltratado, muitas coisa..."
- Mas, ver cá Jorge, me diz uma coisa: nesse colégio vocês anda vam de uniforme, tinha uniforme para todo mundo igual?
- Não, não tinha.
- Cada um andava com a roupa que queria?
- Cada um andava com a roupa que queria, não era um colégio "garnizado" (organizado); era um colégio fora de si; colégio fora de..., colégio de "matancia" (matança), tempo do SAM, ca da um matava outro lá dentro. Que eu num saísse de lá, eu já tava morto, dentro do colégio.
- Você acha que eles iam te matar?
- Ia.
- Mas quem? Os funcionários ou os próprios meninos?
- Os próprios meninos, os garotos.
- Mas por que Jorge, você acha que eles iam te matar?

- Porque que eu achava que eu era uma pessoa assim que não conversava com ninguém.
- *Eles ficavam sozinho?*
- Ficava sozinho. Ficava sozinho, eu chegava pra eles assim: "*me deixa em paz, deixa eu ficar sozinho, eu num quero ver a cara de ninguém! Eu prefiro ver os animais, não vocês, porque pra mim, vocês...*" Eu tenho medo de vivo, de gente viva como nós que tamos aqui; de gente morta eu já num tenho medo. Então eu preferia ficar no meio de gente morto, não ficar no meio de gente vivo. É que nem hoje de manhã: teve briga comigo, ó o arranhão aqui, ó. O "cara" me chamou de safado, o "cara", aí tive que eu mesmo que agredi ele. Eu mesmo que agredi. Eu tô dizendo que eu agredi ele que ele me "afendeu" (ofendeu). Me chamou de safado, me chamou de *aquela*, me chamou de ladrão, que eu nunca tive esse vício; o Índio, uma bicha que tem aí, e ela saiu pra fora, e eu tenho medo que ele pode me matar. Sabe que tem certos doente que carrega arma aqui dentro?
- *Mas, sem cá. Você disse que gostava de ficar quieto e tal, ficar na sua, ficar quietinho. Você acha que, porque você estava diferente dos outros isso incomodava as pessoas?*
- Não. Eles que me incomodava.
- *Mas você acha que viam você, "pô, esse 'cara' fica aí sozinho e tal...", você acha que eles ficavam incomodados com isso?*
- Ficava "nêgo", ficava incomodados, eles ficava incomodados, sabe o que? Eles queriam é puxar assunto comigo e eu não puxasse assunto com eles. Queria descobrir o que que era a minha vida, que minha vida não tinha... minha vida pra dizer a ninguém.
- *Certo. E os funcionários, você acha que eles ficavam invocados também com isso, de você ficar calado?*
- Ficava, ficava. Lá, eu era uma pessoa totalmente crônica, crônica, crônica, é uma pessoa crônica que fica num lugar isolado que nem aquele ali ó. Aquele ali não conversa com ninguém; ele fica o dia todo sentado ali naquela árvore. Então ele se sente, ele se sente o sofrimento dele por dentro; carrega uma



- cruz que, num abre a cruz dele; a cruz dele é fechada.
- *Ele não abre pra ninguém?*
  - Não abre pra ninguém.
  - *Mas você acha que os "cara" aqui, os outros, as pessoas que estão aqui internadas, eles ficam invocados, ficam assim gritados, falam: "pô, o que que esse 'cara' tá pensando aí sozinho e tal"?*
  - Já pensam assim, que quando a pessoa fica isolada, eles já pensam que as pessoa querem..., já pensam assim: "pôxa", no pensamento, "eu não sei o que que eu vou fazer; eu não sei que eu me mato ou mato os outros"..., que o pensamento é o que traz a maldade, o pensamento.
  - *É o pensamento que traz a maldade?*
  - É o pensamento que traz a maldade.
  - *Você fica pensando, pensando, pensando?*
  - Fico pensando.
  - *Agora vem cá. Aquele "cara" que você falou ali, que fica sozinho, sentado naquela árvore, você acha que os outros doentes ficam assim meio gritados com ele ou não?*
  - Certas pessoa fica, né, não muito. Então a pessoa que conversar com ele, ele já começa a ofender, as pessoa, que ele quer ficar sozinho. Então ele ficando sozinho ele curte a dele; ele curte o pensamento dele, o que que ele tá pensando. Fica lá, com ele, com Deus. Conversa com Deus, não conversa com ninguém. Mesma coisa que nem hoje; hoje, eu fui na administração, depois eu fui lá pra aquele morro lá em cima, olhar os pássaro, conversar com os pássaro, porque que os pássaro curte o mundo e eu não curte o mundo, que os dono do mundo mesmo, são os pássaro, não somos nós.
  - *Você percebe que os pássaros gostam do mundo?*
  - Eles percebe, percebe. E eles são o dono do mundo, não somos nós; nós somos vermes, e eles não são vermes, que eles "avoa" e não se perde, que nós que anda, nós se perdemos.

- E você fica olhando os pássaros, lá?
- Fico olhando.
- Como é que os pássaros ficam? Como é que eles caminham?
- É. Se caminha, vai pra "quarquer" lugar, mesma coisa. Os pássaro pisa em "quarquer" lugar; os pássaro, se sente, que pássaro tem mente; ninguém estudou os bicho, mas eu já estudei. Os passarinho tem mente; a mente dele são mais diferente que a nossa; por que que os pássaro bota ovo no ninho? Pra poder construir o filho deles; pra poder viver; viver a natureza, viver a natureza, que eles quando já sai do ninho, eles já curte; a mãe ensina os passarinho a voar, a curtir, a "quarquer" lugar. E eu já não me sinto preso, mesma coisa, que eu viajar no avião. Eu tô sentindo que não tô curtindo, no avião, que curte mais é os passarinho.
- Quer dizer, você fica olhando a liberdade dos passarinhos?
- Eu fico olhando a liberdade dos passarinho, que alí tem uma cobra, ô. De vez em quando passa uma cobra, eu fico perto dela. Fico pesquisando a cobra; a cobra passa perto de mim, eu não faço nada com ela e eu sinto, eu sinto que a cobra gosta de mim e eu gosto dela, porque eu me sinto que eu tô conversando com ela e ela está conversando comigo; que ela me domina e eu domino ela; que ela não me ataca.
- Ela deixa, se você não mexer com ela, ela não mexe com você?
- Não mexe. A pessoa mexendo com ela, ela é obrigada a atacar.
- E aí Jorge, aí você chegou aqui nessa Colônia e tal. Agora, conta como é que foi quando você chegou aqui? O que que..., como é que foi o seu contato com os médicos? Você passou por exame? Como é que foi o negócio?
- Eu não passei pelo exame nada, eu passei é muito sofrimento aqui. Primeiro dia que eu vim pra Colônia, eles me botaram no agrícola; depois do agrícola me botaram no pavilhão 10; do pavilhão 10 me botaram no quarto forte, me "marraram" lá no quarto forte; me deram choque na cabeça, me deram injeção de leite. Injeção de leite é, que tira da vaca, dá na pessoa e fi

ca pereba e a pessoa perde até um braço, perde metade, metade de a "nasga" (nádega). Isso é uma judiação que eles faz, pra poder acabar com a vida da pessoa. "Vamos matar esse 'cara' não presta", aí que eles pensam nisso.

- Quer dizer então que, quando você entrou aqui eles tentaram te destruir mesmo, né?
- Tentaram destruir, mas não conseguiram, não conseguiram sabe o que? Meu santo é muito forte, que eu confio muito no meu santo, e eu confio muito na natureza.
- Mas por que que você acha que eles queriam te destruir, Jorge?
- De inveja.
- De inveja?
- De inveja.
- Mas de que que eles tinham inveja?
- Inveja que eu não podia ficar na Colônia, que eles tinha medo que eu tomasse conta da Colônia, que eu queria ajudar a Colônia e então eles não queriam que eu ajudasse a Colônia, porque eles queriam me destruir.
- Quer dizer então, você tá dizendo que ninguém pode ajudar a Colônia, a não ser eles mesmos?
- É.
- Só eles é que podem?
- Só eles que pode, que a boca de doente pra eles não vale nada, é uma boca inválido.
- Tudo que o doente fala não tem valor?
- Não tem valor, até num tribunal, na justiça, não tem valor.
- Então só eles que podem falar?
- Só eles que pode falar, que a boca de doente não vale nada, a boca de doente é inválido, é *quênido*, mas pra mim ela vale, Vale mais "quorquer" um funcionário.
- Então você acha que eles tentaram te dobrar mesmo?

- Querer me dominar, querer me dominar, querer me deixar imbecil, querer me deixar crônico, me deixar numa sarjeta, me deixar um paralítico, um certas doença que eles jogam em cima da pessoa.
- Quer dizer, te deixar um paralítico, um imbecil? Pra te dominar mesmo?
- É, um "camado" (acamado). É pra me dominar, mas eles não conseguiram me dominar.
- Pra você não poder pensar mais?
- Pra eu não pensar mais, pra tirar o cérebro da minha cabeça, que eles já tentaram. Tentaram no Lacerda Muniz abrir minha cabeça pra eu ficar imbecil. Então eu tive que fugir.
- Eles tentaram te operar?
- Operar minha cabeça pra eu ficar crônico.
- Onde é que foi isso?
- Isso foi lá no Lacerda Muniz, lá em cima, perto do Teixeira.
- Aí você fugiu daqui?
- Fugi.
- Mas como é que você voltou pra cá?
- Voltei, voltei pra cá pra poder, sabe o que eu voltei pra cá? Porque a Colônia mudou. Quando falaram que esse homem foi embora, Alberto Magalhães Sacarrilha, aí voltei pra Colônia. Quando voltei pra Colônia o choque não tinha terminado ainda, a operação de cabeça não tinha terminado. Riscaram, riscaram, mas antes de fazer isso já tinham dado parte na televisão que eles queriam me matar.
- Quer dizer, você se defendeu, né?
- Eu me se defendi.
- Você acha que eles tentam imbecilizar todo mundo que entra aqui?
- Ah, tenta! Já fizeram muito com as pessoa aqui dentro. Eu conheço uma porção de pessoa que tem aqui que tem muita cabeça

R.C.P.  
X

operada, que já tão imbecil.

- É o "cara" operado ele fica imbecil mesmo?

- Fica imbecil.

- Não pensa mais?

- Não pensa mais, já é um cachorro. Ele esquece de tudo; até pra comer, até pra dormir, até pra se vestir.

- Quer dizer, ele fica feito nenem?

- Fica feito nenem, fanático.

- Vira um fanático?

- Vira um fanático, que não tá, não sabe o que tá fazendo.

*Mas me diga uma coisa aqui, você diz que aqui na Colônia tem um povo que quer destruir os doentes. Como é que os doentes se defendem disso?*

- Se defende fugindo da Colônia.

- Mas... e quando você não pode, como é que vocês se defendem desse pessoal que quer destruir vocês? Como é que você continua a viver? Quer dizer, você diz que você sente que a Colônia quis te destruir e tal. Como é que você acha que você conseguiu, e continuar vivendo, continuar mantendo as suas coisas, o seu pensamento, como é que você acha que foi isso?

-- Agora essa pergunta que o senhor falou, essa pergunta é um pouco assim... meio "lombado", meio assim... um pouco difícil.

- Não, vamos supor o seguinte: você diz que um "cara" hoje te ofendeu, certo?

- Foi.

- Ele falou que, enfim...

- Que eu sou safado, ladrão...

- Que você é safado. Você ficou invocado, magoado...

- Fiquei magoado.

- Bom, esse "cara", ele falou que você era safado, ladrão. Ele

- tava querendo te destruir dessa forma...*
- Tava querendo me destruir dessa forma.
  - *Como é que você se defendeu disso?*
  - Me se defendi assim: fui logo agredindo ele.
  - *Foi a sua defesa, não foi?*
  - É a minha defesa.
  - *Você falou: "ô 'cara', eu não sou nada disso não", e você partiu pra cima dele?*
  - Partiu pra ele, partiu pra ele. Eu falei assim: "*eu não sou nada disso, não tenho esse vício, você que tá suspeitando que eu falei que a muamba era seu*". Mas a muamba não era dele, mas os sapatos que tinha ali, tudo de mulher, era dele. Então pela maldade que veio na minha cabeça eu pensei, eu pensei assim que cada um carrega maldade: "*pôxa, será que essa muamba é dele?*" Que tava lá naquele quarto ali. Quando foi de manhã arrombaram aquela porta, então como é que a muamba foi aparecer lá dentro? Que tinha 10 kg. de arroz, 10 kg. de feijão e 10 kg. de cebola, de pó de café, de sal, tudo lá dentro?
  - *Certo. Então você se o seguinte: esse "cara" te jogou um lance em cima de você, você se defendeu; você partiu pra cima dele, brigou com ele, foi a forma que você teve de se defender, certo?*
  - Foi. Claro.
  - *Então a pergunta que eu fiz é o seguinte: a Colônia quiz te destruir ou quer te destruir. Como é que você se defende disso? Porque você não pode brigar com todo mundo aqui dentro, como é que você acha que você se defende desse negócio?*
  - Eu não sou de briga, eu não sou de briga, é, eu tive que me se defender, senão mais tarde ele pode me proveitar, pode me matar dormindo, acordado... pode me matar por detrás, fazer "crocô" (crocodilagem, traição); ele pode trazer os "cara" de lá de fora, que ele frequenta mais a Cidade de Deus, que olo

tem uma mulher lá, que ele arrumou e a mulher vem aqui; então a mulher que ele traz, traz mais é vagabundo de lá de fora pra aqui dentro, e essa mulher anda com todo mundo e ela vem aqui pra roubar; essa mulher, e ele tem uma filha com ela.

- Esse "cara" é interno daqui?
- É interno. Ele pode conviver com a mulher dele lá fora, que ele frequenta a Cidade de Deus todo dia.
- Certo. Agora fazendo uma comparação Jorge, você se defendeu desse "cara" dessa forma. Você ficou, enfim, você agrediu ele porque você se sentiu agredido, certo?
- Foi.
- Agora como é que você acha que os docentes aqui fazem pra se defender da Colônia que quer destruir eles? Quer acabar com eles? Como é que você acha que as pessoas aqui, no dia-a-dia, como é que elas se defendem disso?
- É, como "cabar" esse negócio de violência, esse negócio de briga?
- Não, por exemplo: você diz que quando você entrou aqui a Colônia queria que... queria fazer de você um imbecil, certo?
- Ah, eles queria fazer eu de imbecil! Sabe o que eles não tinha estudo, que pra mim pra ele destruir minha vida, pra ele destruir minha vida é uma pessoa criminoso, "nalfabeto", que não tem estudo; é uma pessoa que ele fala, ele chega "pôxa, esse garoto é novo, vou 'cabar' com a vida dele. Sabe o que? eu 'cabando' com a vida dele, ele já não 'truja' os trabalho que... os trabalho pra não ter contato com o funcionário". Sabe o que, eu sou contra funcionário bater em doente, eu sou a favor de doente, não sou a favor de funcionário.
- Certo. Então você acha que os funcionários quer acabar com as pessoas, pra você não entender o que que tá acontecendo?
- É, não tem jeito.
- Se você ficar imbecil, você não vai ver, "pô, esse 'cara' tá fazendo uma covardia"; você não vai pensar isso, certo?
- Certo.

- Então você achu que os funcionários querem é tirar a possibilidade de você pensar, não é certo?
- É. Querem tirar o meu pensamento.
- Pra você não "sacar" as coisas que acontecem aqui dentro?
- É pra isso, pra eu não "sacar" o que que tá se passando aqui dentro da Colônia.
- Certo. Porque se você é...
- Se eu ver, eu digo.
- Pois é. Mas se você fosse imbecil, você não dizia.
- Não dizeria, era crônico.
- Mas então, como é que você acha, você guardou essa coisa sua? Sua capacidade de pensar, sua capacidade de criticar, sua capacidade de se defender, como é que você acha que você se virou aqui dentro?
- Eu se virei aqui dentro pela força de vontade, pela força de Deus, divina, que Deus me acompanha, que esses funcionários que tem aqui dentro da Colônia não gostam de mim; que na minha "salvações" tava tudo de férias, na minha "salvações" tava tudo de férias; que eu era agressor; falou que eu era agressor; diz que eu brigava com muito doente; que eu "ahumilhava" os doente. Mas nada disso: eles falava isso pra poder "cabar" com a minha vida, pra "cabar" com minha vida, mas não conseguiram "cabar", eu que consegui "cabar" com a vida deles, que eu consegui endireitar a vida deles; eles não conseguiram a minha, quem endireitou minha vida fui eu mesmo.
- Certo. Você diz esse negócio que tá na sua ficha aqui?
- É.
- Que você era, que você agredia os doentes?
- É, que eu agredia; que eu roubava ou outros, fumava. Realmente, realmente, eu transei isso, transei uns... a muito tempo, mas agora já não transo mais isso, eu transei isso pra poder abrir a memória; pra pensar o que que entra na cabeça, porque isso aí me ajuda.



ENTREVISTA COM JORGE

(Segunda)

## ENTREVISTA COM JORGE

### LADO 1

- Olha, ontem mesmo eu tive relação. Então, eu me sinto assim como fraco na frente dele. Porque, quando ele chega assim prá mim: "*Jorge, vamos sair*". Aí eu saio. Daquela maneira que ele faz, de querer piscar assim, eu já me entrego nos pontos a ele. Eu já me sinto que eu não sou mais assim como homem. Eu me sinto assim, feminado. E realmente, eu sou mesmo. Que eu já não me sinto com aquele prazer de... Já me sinto assim, mais uma tranquilidade; já me sinto mais sadio; já me sinto mais, como certa maioria das mulheres. Que eu tenho um problema de... parece uma úlcera, um útero que se encosta no ângulo de mim mesmo, aí já, aquele cacete dele se encosta no ângulo; já me encosta e eu já começo a gozar pela sensação dele mesmo, compreendeu? Já não fico pela sensação do outro. Eu já fico na tensão dele. E essa pessoa, eu estou rezando muito que ele ganhe na loteria e eu ganhe na loteria. Então, quando calhar o dia que eu ganhar, que Deus permitir, eu vou ajudar ele, e ele me ajudar. Eu e ele vamos viver juntos como marido e mulher, para o resto da vida. Que Deus permitir.

Ontem eu falei prá ele também: "*voocê pode trançar com mulher, mas voocê não pode transar com qualquer viado. Eu tenho medo de pegar doença dos outros, que eu nunca peguei na minha vida*".

Então, a pessoa que tá comigo, transa comigo; o que transa com outro, transa com outro. Prá não ferir a mim. Então vai ferir ele; que gosta de andar com outros. Ainda no momento eu não vi, mas um dia eu pego. Mas o dia que eu pegar ele transando com os outros, eu não vou fazer nada com ele não. Eu vou dar um desprezo. Mas aquela amargura eu vou carregar. Eu vou sofrer aquela amargura, dele. Que eu me senti assim: "*Pôxa, o 'cara' me traiu com outra pessoa? Então eu vou desprezar ele*". Até ele sentir o que que ele vai dizer no pensamento: "*Pôxa, o*

que será que o Jorge é aquilo... é aquilo? Por que eu fiz isto, isto e isto?" Sabe por que? Porque ele já pensa: "Jorge não merecia isto. Jorge sempre me ajudou e sempre tivemos relações". Não é por causa de ajudar. É por causa que nós temos contato. Que o homem - a pessoa afeminada - é tipo uma mulher. Mas eu acho que mulher é mais diferente com o homem. E o homem é mais diferente com a mulher. Eu já me sinto diferente de todo mundo. Eu me sinto diferente assim, de gozar com ele; curtir a vida e tirar ele daqui; curtir prá outro lugar, morar eu e ele numa roça. Eu e ele estamos pelejando em se mandar daqui, sabe. No momento, nós não podemos, porque o dinheiro é curto, mas, num dia que melhorar nós vai prá fora. Vamos viver juntos. Vou trabalhar, ele vai trabalhar, prá nós ter o que que ter dentro da nossa casa. Eu lavo a roupa dele, vou fazer a comida dele, vou fazer tudo. Que eu não tenho vergonha de dizer que eu sou empregado doméstico; consta na minha carteira de trabalho.

- Mas Jorge, vem cá. Me diz uma coisa: quando nós conversamos da outra vez, você me disse que nunca mais ia sair daqui; que você ficava nervoso no mundo... E com esta pessoa, você se anima a sair, a ter uma casinha, a viver uma vida diferente daqui?

- Eu acho que sim. Sabe por que? É o seguinte: eu vivendo com ele, eu me sinto assim, alegre. Ele me chama prá mim sair. Eu saio com ele. Mas com qualquer pessoa, eu não saio. Eu me sinto assim, preso com as outras pessoas. Mas com ele, eu já não me sinto preso. Já me sinto uma regalia. Ele mesmo que pediu: "Um dia nós vai prá fora". Eu falei assim: "Zé Luiz fugir não é bom. Nós temos que esperar a sorte nossa. De nós manter sair daqui da Colônia. E nós dois viver sozinho e tudo mais". Que eu pretendo fazer isso.

- Você gosta muito dele, não é Jorge?

- Demais. É uma loucura. Isto vem no meu pensamento. Sabe por que? Eu tenho certeza que ele gosta de mim. Eu tenho certeza. É que eu estudo na alta da psicologia dele. É que eu senti que ele fala assim prá mim (que eu fiz um teste com ele ontem; eu dei uma bebida a ele). Então eu disse a ele:

"Ô Zé Luiz, nós vamos beber, não é por causa das relações com a bebida. O que vier na nossa loucura, nós faz. Que não vier na nossa loucura, nós pára de fazer". Então nós bebemos; ele bebeu, ele ficou doidinho e eu fiquei doido. Ele chegou assim prá mim: "Jorge, vamos fazer". Quando ele falou que "vou fazer", eu me senti aquilo. Já "saco" assim, derretido, tipo as mulheres, com marido e mulher, assim..., tipo uma dominação, uma imã que vem no cérebro da pessoa. Que homem tem imã e mulher tem e se atraem pela imã, nos olhos das pessoas. Eu falei prá ele: "Zé Luiz, vou fazer uma cara feia assim, você já me domina; eu já me sinto fraco e me entrego os pontos a você, tudinho", eu falei assim prá ele ontem. E eu senti que na hora da relação que ele fez comigo, ele falou: "Pôrra Jorge, você fode que nem uma mulher". Aí eu falei assim: "Realmente, eu transo isto é prá você nunca se esquecer de mim e eu não (me) esquecer de você. Que eu sou gamado por você. Agora, não sei que você é gamado por mim. Mas pela sua cabeça indiana que você é gamado por mim"...

- E vem cá, Jorge. Com esta "cara", você tem confiança nele?
- Tenho muita confiança nele. Tenho certeza, tenho muita confiança nele. Com os outros, já de jeito nenhum. Nem com os funcionários, já não tenho nenhum.
- Você acha que os funcionários aqui dentro não é de confiança?
- Não é de confiança, sabe por que? Os funcionários aqui dentro intrusa a nossa vida. Quer saber do nosso relacionamento com outro paciente.
- Você acha que, por exemplo, você gosta de homem, enfim. Você... que que estes funcionários ficam cabreiro com isto?
- Não, talvez eles não ficam. Eles ficam assim: eles tomam uma raiva que eles sentem que eu sou aquilo e eles não podem ser, certo? Então eles chegam: "O 'cara' dando e tudo, e tal..." Eu falei assim: "Você é homem, mas você não pode comparar nem comigo, nem contigo, porque eu sou diferente do que você". Que cada um gosta. Que não é pela doença, que

pela doença é aquela pessoa que tem vício toda hora. O meu, é por esporte. O meu é assim, é como que eu transo: o marido só com uma mulher. É a mesma coisa. Por exemplo: eu tenho uma mulher. Eu vou ter amor só prá aquela mulher e eu vou ter uma porção de filhos com ela; e eu não vou trair ela de jeito nenhum. Por que? Por causa do amor dessa mulher. A mesma coisa que ele: eu não posso transar. Eu falo assim prá ele: "Nunca eu traí você; você pode me trair a hora que você quiser. Pode, pode transar com mulher. Mas tem uma coisa: mas que eu ver você com viado, eu não vou nem brigar contigo, vou te dar um desapreço. O desapreço é o bastante". Os funcionários ficam meio grilados, porque eles não podem transar. Então, eles já ficam com raiva mais dos doentes. Ficam com raiva.

- Mas como é que, este negócio de você gostar de homem? Você sempre gostou assim?
- Sempre gostei. Eu tinha um que era neurótico de guerra. Se chamava Juliano da Silva. Eu me se juntei com ele, foi com 14 anos. Com este primeiro "cara" que eu tive, que levou cinco tiros na cabeça. E depois, eu me juntei com outro: Jorge Carlos. Ele era interno aí na Colônia. E depois foi este Zé Luiz, que entrou no meu caminho. Entrou no meu caminho e eu não sai mais dele. Fiquei com ele. Eu me sinto assim, que não sair prá rua, eu me sinto assim preso por ele. Que ele sair, já não me sinto preso.
- Como é que é isto?
- Eu quero dizer assim, ele fala assim: "Hoje eu não vou sair. Hoje eu não vou sair nem prá beber". Aí já fico com ele. Que ele sair, eu sei que vai acontecer altas coisas com ele. Então eu tenho medo que aconteça. Que prá fora, prá fora tem muita maldade. Também aqui tem. Eu falei assim: "Zé Luiz, lá fora nós temos que ficar na prestativa (expectativa), porque lá fora o que tem mais é agitação". Lá fora é como aqui na Colônia, e eu peço muito a Deus que não aconteça nada com ele.
- Você se entrega a ele, você se abandona, você fica despreocupado, você que... enfim, é uma relação boa, que você tem confiança?

- É. Eu acho que eu tenho muita confiança nele, na relação boa. Que ele, eu posso confiar nele. Eu trabalho, eu tô aqui e ele tá na outra obra. Mas eu trabalho aqui, mas fico já na tensão dele; o que que pode acontecer com ele: *"Pôxa, será que o Zé Luiz tá trabalhando? Ou tá conversando com outras pessoas que querem fazer mal a ele?"* Mas não acontece nada disso não, e nunca vai acontecer, que eu tenho certeza. Sabe por que? Ele andando comigo, eu sou mais de ajudar ele. Que eu sou uma pessoa que, lá prá baixo, eu me "viro" com gente assim como o senhor: gente importante. E eu posso ajudar o "cara". Que eu sempre ajudei o primeiro que mataram ele.
- *Você só transa com ele? Você não transa com mais ninguém?*
- Só transo com ele. Eu não transo com mais ninguém. E o doutor fez uma entrevista comigo: *"Por que você transa?"* Eu transo por causa que eu gosto, não é por doença, não é por doença. Que cada um tem suas transas, mas tem muita bicha que elas transam prá fazer perversidade com o "cara". Por exemplo: eu sou uma perigosa. Eu chego a ser... contigo. Mas eu tô naquela intenção de levar ele prá fazer besteira com ele e sacanear ele. Eu já não penso isso. Eu já penso assim: de eu e ele curtir, fuder, ter aquele amor, ter aquele carinho, compreendeu? É uma porção de relações que acontecem comigo e com ele.
- *Você tem com ele tudo que é difícil você conseguir na Colônia? Aqui na Colônia, com os funcionários, com os médicos, você não tem uma relação assim sincera ou... Você fica mais cabreiro, não fica?*
- Fico. Meio cabreiro, sabe o que? Estes médicos aqui, eles não gostam de pederastia. Eles são contra pederastia. Mas eles não podem ser contra pederastia. Que a pederastia já vem de berço. Minha mãe não sabia que eu ia ser homem ou ia ser mulher. Minha mãe não sabia que eu ia ser homem ou bicha. Mas ela se quebrou a cara. Já nasci de berço, assim.
- *Mas, por que você acha que os médicos não gostam de pederastia? Que que se passa na cabeça deles?*

- O que se passa na cabeça deles é que eles querem estudar o que o homem transa com o outro. Eles já sentem: "isto é uma sem-vergonhice com a outra pessoa". Não é sem-vergonhice, sem-vergonhice é aqueles que faça... querer sacanear o "cara"; querer furar o "cara"; querer cortar o escroto do "cara". En tão ele já quer entrar na nossa vida, prá no fundo descobrir o que que eu sou. Realmente, eu tô falando pro senhor, que eu sei que o senhor é uma pessoa de confiança. Se traz na sua mente. Que eu mesmo, eu falei pro Juliano: "é, Juliano, eu gostei daquele rapaz. Que aquele rapaz é uma boa pessoa. Ele me entrevista e eu tenho uma confiança nele. O dia que eu morrer, ele já fica com a minha gravação". Sabe, por que? Aqui na Colônia, tem um projeto deles acabarem comigo. Já es tão em projeto de acabar comigo. Que a Colônia vai mudar a política. Que o Figueiredo tem dois anos na "nativa" dele. Dois anos prá ele sair. Quando ele sair, muda. Aí eles vão querer me matar. Eu tenho certeza absolutamente, que eles vão querer me matar. Nem este diretor aqui da Colônia não gosta de mim. Sabe por que? Teme a Globo, e ele não deixou eu entrevistar com o pessoal da Globo. Sabe por que? Tudo que eu falo, eu falo a verdade, não falo mentira.

- E aí, você acha que o diretor ficou com medo?
- Ficou. Ficaram com medo de eu falar do que que acontece aqui na Colônia.
- Aqui dentro da Colônia tem muito esse negócio de homossexual, de pederastia, cala lá coisa?
- Tem. Tem muito.
- Em cada pavilhão tem um paciente que manda, não tem? Estes pacientes que dominam, eles gostam geralmente de homem; não gostam? Todos eles, não é?
- Tem. Todos eles gostam de homem. O Delmo é outro; o Delmo é bicha. O Pernambuco é homem. Eu tenho certeza que ele é homem. Sabe por que? Ele gosta de comer, não gosta de dar. Ele é mais de bancar um garoto novo. Já a mulher prá ele, ele sente frio. Que geralmente, os homens estão deixando a

7

Iher prá traz e os homens estão correndo no meio das bichas. Que as bichas é que tão bancando mais macho. Que os homens já não têm confiança em mulher. Mulher é um instinto mal; que ela se atrai às pessoas; transa com outras pessoas. Que tem muito bicha que não transa com qualquer homem prá não pegar doença. A mesma coisa sou eu, que eu nunca peguei doença na minha vida. Mas calhar de um dia eu pegar doença, eu paro com isto. Eu tenho medo de pegar doença. Que eu já falei com Zé Luiz: "Tu pode transar sim, mas com mulher. Já com viado, você já não pode. Mas que você quiser transar com viado, tu pode transar, mas na minha bunda tu não vai mais botar. Mas vou ser seu amigo mesmo. Por você, eu posso fazer tudo, mas prá fazer relações contigo, eu já não quero mais".

- Mas com mulher, você não tem ciúmes? Por que?

- Não. Sabe por que? Isto que é uma coisa incrível! Eu me sinto assim: "ele é homem, ele tem todo o direito de comer mulher"... Que ele coma um viado; ele tá errado (outro viado que não seja eu). Mas ele transando com outra mulher, já não acho que tá errado. Tá certo.

- Mas por que que você acha que tá certo? Você não tem ciúmes?

- Eu não tenho ciúmes, não. Eu tenho assim, eu fico mais alegre ele fuder com mulher. Mas se ele fuder com as bichas, eu vou morrer de ciúmes. "Pôrra, eu já não gostei de você fuder com outro homem". "Você quer fuder com a mulher". Aí é que vem aquilo no meu pensamento: "Por que que ele fez isto? Prá me provocar?" Que tem muitos homens que transam com outros homens prá provocar bicha; prá ele se matar. Que eu já peguei ciúme dessa pessoa, do primeiro marido, que eu tentei me matar com uma porção de drogas em cima. Mas o diabo não quis me levar. Quem levou o "cara" foi os tiros na cabeça. Ontem mesmo eu fudi com ele ontem. Era mais ou menos uma hora da madrugada. Mas não dentro do pavilhão, fora do pavilhão. Sabe por que? Que não tá no meu respeito. Que tem certos pacientes que fica com ciúmes. Ficam enciumados. É que nem o outro paciente (viado). Chamou o Zé Luiz, e eu na presença dele. "Aí, vamos fudê". Aí eu falei assim: "O problema é de vocês; Zé Luiz, que você quiser ir, você vai. Mas o se-



*guinte: que tu ir, tu pode esquecer de mim. Mas qualquer coisa que você precisar de mim, eu tô aí". Não vou assim, "margarur" ele, entendeu? Mas prá ter relações, já não vou ter mais. Eu vou ser amigo; já não vou ter mais confiança, que eles transmitem a doença; eu tenho medo que eles transmite a doença "ni mim".*

- *Vem cá. Geralmente, os xerifes de cada pavilhão gostam de transar homem, não é?*
- *Gosta. No pavilhão não tem xerife. Xerife é todo mundo que tem lá dentro. Cada um escolhe um viado que tem. Que tem certos doentes que gostam de transar com os imbecis; outros, com os melhorados. É que nem sãbado retrasado. Sãbado retrasado, eu vi uma pessoa transar com um imbecil, na maior "cara de pau". Eu tirei na máquina. Então aquilo, quando eu mandar revelar aquele filme, aquela revelação eu já vou pesquisar a natureza do ser humano: como é que se trata no outro. Como é que o ser humano se goza. Agora eu não sei que se goza pelo cacete, ou que se goza pela bunda. Eu sei que eu gozo mais pelo membro. Por quê? Porque eu me sinto gozar mesmo por causa das relações do ... "cara". Eu sinto prazer mesmo, não tem o que escolher.*
- *Você fala que tem "nego" que transa com imbecil; tem "nego" que transa com o melhorado; e tem "nego" que transa uma relação legal feito a sua. Uma relação que você conversa, você sonha, você passeia...*
- *É. Distraio. Ando prá qualquer lugar... Mas já imbecil, não. Eles já transam com o imbecil em maldade. É até arriscado eles fazerem uma estrupação no imbecil; arriscado matar e tudo. Estes não transam comigo. Que eu sei o que estou fazendo. Então eu transo só com uma pessoa só, este Zé Luiz. É um escuro, que usa toca na cabeça, de camisa vermelha, lá do pavilhão 6.*
- *Aqui na Colônia você vive, todo mundo vive junto e tal. E pelo que você me falou, o negócio aqui é meio violento: é um querendo derrubar o outro. Quando você entrou aqui prá Colônia eles quiseram te destruir, te botaram no quarto forte, te*

*deram choque... te arreventaram um pouco, né? Mas você falou que eles não conseguiram te destruir. Você acha que esta relação forte de amor, este encontro que você tem com o Zé Luiz; isto te ajuda a enfrentar toda esta violência que você vive aqui dentro?*

- Ajuda muito. É importante, sabe o que? Ele tendo relações co migo, eu já evito de ir em outro perigo. Assim como, por exemplo: "*Pôxa, estou com vontade de fazer com uma mulher*". Então ele transando comigo, já não me sinto mais, nem prá transar com mulher. Que eu não transar com ele, eu aguento aquela carga dentro de mim. Eu posso ficar atrasado, posso ficar de tudo, mas sair na mão, não sai. Eu espero ele ter contato comigo prá eu e ele gozar junto. Que ele goza, e eu gozo junto com ele. Então, quando nós acaba de fazer relações, ele já sente prazer, e eu já sinto prazer. Aí eu chego assim: "*Aí, Zé Luiz, agora eu vou embora dormir*". E ele vai; e eu vou também. Aí ele dorme maravilha à noite. Não perturbo ele e nem ele me perturba. Então eu botei ele perto da mi nha cama, ao meu lado. Mas toda noite eu rezo por ele; toda noite. Mas é por causa de amor, não. É que, quando o anjo se gruda, se une, é porque tem um motivo. Tem um motivo de rela ções, e tem um motivo de Anjo da Guarda, que protege ele; e sempre vai proteger ele. E ele tá doido prá ir embora daqui da Colônia. Eu falei assim prá ele: "*tu pode ir embora daqui, mas eu não vou esquecer de você. Mas você pode esquecer de mim. No dia que eu ganhar na LOTUS, eu sou mais de procurar você*".

- *Você não disse que tem uma vontade de sair daqui com ele, de ir lá prá Campos e viver lá com amigos?* ✕

- Tenho. Seu eu ganhar na loteria eu vou prá Campos, viver lá no mato, curtindo com os próprios animais, não ficar olhando pros povos. Eu saí prá Taquara ontem e tava cheio de polícia perturbando. Eu fico até maluco, não sei como é que eu vou fazer, eu perco o raciocínio: "*Pôxa, não posso ficar no meio dos povos*". Aí eu falo assim: "*Zé Luiz, vamos sair*". Eu e ele saindo, ele já me consola um bocado; e ele, eu já conso-

lo ele, e ele me consola. Aí, ele sai prá rua, tranquilo. Mesmo assim, eu ainda fico com medo de "nego" fazer covardia com ele e até comigo. Que ele morrer, eu quero morrer.

- *O que que ele representa prá você?* ✱

- Prá mim, ele representa um autor; que ele é uma pessoa, que ele sabe conversar, sabe dizer sobre de natureza. Sabe dizer negócio de século, sabe dizer uma porção de coisa que vem do relacionamento, da idéia dele; tudo que vem na idéia dele, é que ele me diga. Eu digo prá ele. Ele é uma pessoa que pode conversar comigo; que me ajuda, que me entende e eu entendo ele. Então ele é uma pessoa que me abre a memória, e eu abro a memória. Aí ele fica pesquisando porque que eu me se juntei contigo; porque que você se juntou comigo. E aquilo vai um mistério. E vou descobrindo aos poucos. Porque eu já descobri que relações que o homem faz com outro não é contra. É contra, você estrupar uma pessoa.

- *Você acha que esta relação te protege da vontade de estrupar uma pessoa, de fazer uma maldade? É um lugar que você descansa?*

- É. Eu não me descanso. Eu já estou bem descarregado. Já não tenho mais prá transar. Eu me sinto logo um alívio, logo de uma vez.

- *Você acha que o seu companheiro é como a natureza prá você? É a mesma coisa que você estivesse numa floresta, com passarinho...?*

- Prá mim, é. Sabe por que? Que ele é nascido no mato, em roça, de lá de Campos. Ele mesmo disse prá mim que não queria ficar no meio dos povos. Aí eu falei assim prá ele também: "Zé Luiz, nós no meio dos povos, nós estamos desgraçados; no meio da nação. Sabe por que? É a nação que traz as fofocas. Então nós não pode viver no meio da nação; nós dois temos que sair fora. Que gosta de curtir a natureza e eu gosto de curtir a natureza. E pesquisar amor, pesquisar as árvores, pesquisar os passarinhos; pesquisar tudo. Ficar assim, num lugar independente, que nós não veja as caras das pessoas, só

*dos animais...*

- *Quer dizer que, quando você está com ele você sonha; você tem sonho, não?*
- *Não, sonho eu não tenho. Sabe por que? Eu não "aforço" a minha mente.*
- *Não. Sonho assim, no sentido de querer coisas, de querer ser feliz, de querer ter uma casa, de querer ser feliz...*
- *Aí sim. Eu penso numa porção de coisas: o que que eu vou fazer por ele; ou que eu ganhar na loteria, a primeira coisa, boto uma casa prá ele.*
- *Vamos supor que você ganha na loteria um dinheiro legal. Que que você ia fazer? O que que você faria com o dinheiro? Você ficava rico, o que que você ia fazer?*
- *A primeira coisa, que eu ficasse rico, eu chegava assim: "Zé Luiz, eu ganhei na loteria. Pega este dinheiro e vamos partir. Vamos botar o dinheiro no banco; vamos comprar uma casa; vamos comprar um carro. E o meu dinheiro, deixa metade no banco, prá poder vender, e nós dois não termos que trabalhar mais prá ninguém. Prá nós dois viver junto". Primeira coisa a dar na atenção; eu estava na intenção dele, que eu ganhasse na loteria. Que ele ia ser meu procurador. Um dos dois ia ser procurador: eu ou ele. Aí eu levava ele prá fora daí. Eu dava de tudo prá ele. Prá ele sentir mais conforto, compreendeu? Que ele é uma pessoa que ele precisa de ter um conforto, de ter um lar. E ter uma amigo do lado dele, prá poder orientar ele. Que ele gosta de beber umas cachaças. Ele não tem vício. Então eu mesmo que domino ele pelas cachaças: "Zé Luiz, tu bebe, mas para de ter estas coisas, maldade que entra na tua cabeça. Você pensa assim, de nós fuder, de nós curtir prá onde nós quer; não é só ficar preso, dentro do pavilhão". Que ficar dentro do pavilhão, o próprio pessoal da enfermaria já começa a falar: "Pôrra, o Jorge tá transando com o "cara". Então prá não transar na enfermaria, eu vou lá fora. Mas um dia, eu vou ganhar na loteria e eu vou levar*

ele comigo. Eu e ele vamos viver a vida nova. Vamos viver a vida que Deus deu prá mim e prá ele. Que ele é uma pessoa que merece um lar. Ele é uma pessoa sofredor.

- E você?

- Também eu sou. Sou sofredor. Mas aqui, eu já tenho com ele aqui, já não me sinto sofredor. Que eu já tive uma vida nova com ele, negócio de relacionamento.

- Ele te traz uma vida nova?

- É. Ele me traz uma vida nova.

- Quer dizer, o resto das relações que você tem aqui dentro, você já não gosta, já fica desconfiado; já fica cabreiro?

- Já fico cabreiro. É arriscado ele sair espalhando: "Oh! Que Jorge já transou com tal..." Mas com ele não; eu já tenho confiança. Sabe por que? Eu já fiz uma experiência nele, que ele bebeu comigo ontem, e não ofende não, compreendeu? Ele faz as relações. Sabe me levar na conversa e eu sei levar ele na conversa. Mas eu transando com outra pessoa, eu sei que ele vai dizer: "Tôrra, Jorge acabou de fazer com outro cara". Já pensou que bater na boca do Zé Luiz! Ele vai sentir que eu tô com doença. Então eu mesmo me seguro; eu só transo com ele. Eu transando com ele, já não pega doença, mas eu tenho medo que ele pega de uma mulher. Que tem mulher que carrega doença. Mas por uma mulher, eu não vou morrer de ciúmes. Mas pelo viado, eu morro, que ele transar com outro viado.

- Me diz uma coisa: o que que os funcionários falam da tua relação com homem; de você gostar de um homem? Eles falam alguma coisa? Eles jogam piada?

- Eles jogam piadas. Eles me chamam de Jorgete; me chamam Jorge Bicha. Que aqui na Colônia tá cheio de gente que me chama isso. Agora eu não sei qual foi o autor que os transmitiu isso. Disser que eu sou Jorge Bicha. Isto é uma coisa que não podia ser comentado aqui dentro da Colônia. Até o prédio já tá sabendo. Agora eu não sei que já me pegaram em flagrante;

ainda não tava nem com Zé Luiz. Já me pegaram no flagrante, aí já começaram a falar "*Jorge Bicha*". É por causa das minhas falas e por causa do meu andar. Eu tenho culpa? Já nasci assim mesmo.

— *Sei. O que que você acha que passa na cabeça deles? O que que você acha que os funcionários pensam?*

### LADO 2

— Eles pensam de outra maldade; eles chegam assim: "*Pôxa, Jorge gosta de fazer besteira com outro 'cara'*". Quem não pode; funcionário não pode ter a regalia que eu tenho; regalia que eu tenho é eu manter com este garoto. Então, por que que tem certos funcionários que gostam de comer doente? Eu tô cansado de vê. Mas eu nunca me arrematei prá funcionário. Então eles pensam: "*Jorge fica dando prá este 'cara'*". Então por que ele não me dá? Então ele pode ser outra coisa também: ele pode dar e pode comer também". "*Ele é homem ou é viado?*" Aí ele já fica com aquele recalque: "*pôrra, o Zé Luiz tá oomen-do o Jorge. Por que que o Zé Luiz não me come? Por que o Jorge não me dá?*" Aí já fica assim: "*Vou arrumar um meio de dou truir a vida dele. Então, separar os dois*".

— *Eles já quiseram separar?*

— Não. No momento, não. Eu estou pesquisando sobre isto. Que eu tenho certeza que é capaz de sair guerra. Não com os amigos comigo, mas com os funcionários (os funcionários contra nós dois). Porque isto mexe com os recalques dos funcionários. Eles não têm capacidade do que que eu sou. Eles ficam cabreiros. Já começam a humilhar os outros; já começam a inventar: "*Ah! Aquele 'cara' é ladrão. Aquele 'cara' é tolo*". Realmente, eu não dou confiança a eles. Eu dou confiança ao Zé Luiz. Olha, sábado retrasado, não, sexta-feira, a gente viu um casamento: três mil. Aí eu cheguei assim pro Zé Luiz: "*pode ficar com três mil. No que você gastar esse dinheiro, o problema é seu. Eu tô te dando este dinheiro, não é por cau-*

sa das relações. É por causa do nosso Anjo da Guarda. Porque você perto de mim, eu já me sinto seguro, mas na frente dos outros eu não me sinto seguro. Porque você me leva prá distrair, prá beber cerveja". Eu não ligo muito prá beber cerveja, mas ele fala que bebe. E eu e ele ficamos discutindo assim na rua. Mas, discutindo, o que que eu digo, é discutindo a moral, não na base da violência. Compreendeu? Discutir assim: "pôxa Zé Luiz, não bebe muito não, porque se você beber muito é arriscado um carro te atropelar e eu perder você, ou você me perder". Sabe por que? Sábado passado eu fui ao cinema com ele, e ele bebeu demais. E caiu dentro do cinema. Caiu no cinema doidão pela bebida. E dentro do cinema tem ladrão. Aí eu falei assim: "Zé Luiz, tu pode deitar; me dá o seu dinheiro que eu vou guardar o seu dinheiro". Aí fiquei ali, tomando conta dele, até ele melhorar da bebida. Enquanto ele não melhorar da bebida eu não saísse dali. Eu tinha medo que acontecesse alguma coisa. Ou quererem comer ele, ou querer roubar ele, ou querer fazer umas sérias besteiras com ele. Então, eu peço muito a Deus que não aconteça nada. Eu protejo muito ele. Eu tomo muito conta dele. Eu falei assim: "Zé Luiz, eu não sei se você gosta de mim agora". Mas, o seguinte: eu tive o primeiro homem, esse "cara", que ele era a mesma coisa que o Zé Luiz. Mas a pessoa, quando começa a gostar de uma pessoa, eu não abandono a pessoa. Vou até o inferno onde ele tá. Vou até na raiva. Prá não acontecer nada com ele. Se alguma pessoa fazer mal a ele eu me mato. Porque eu senti que tenho amor por ele. Que eu me sinto assim, fraco mesmo. Já me sinto mole na frente dele. Eu falei assim prá ele: "Zé Luiz, você me domina. Você me dominou de altas maneiras de transar". Porque ele me dominou mesmo. Que eu não tenho mais aquela saída.

— Me diz uma coisa, Jorge. Como é que você vê este negócio de muito homem transar com homem aqui dentro? O que que você acha que isto significa para as pessoas? Por exemplo, você estava falando do Delmo. O que que você acha que isto significa para o Delmo?

- O Delmo é uma pessoa que tem mania de grandeza. Uma pessoa que domina as pessoas, os outros pacientes. Então, ele tem o "cara" dele, que tá cansado de levar porrada. A bicha dá porrada no macho dele, mas o macho dele disse que ele é gay também. Faz as transações escondido. E eu pesquisei a bicha também. Porque a bicha já teve relações com o próprio macho dele mesmo. Já comeu machão. Uma bicha nunca deve comer um macho. O macho é que deve comer a bicha. Porque eu já não entendo mais. Não sei qual dos dois que é o macho. Por exemplo, eu chego assim pro Zé Luiz: "Zé Luiz, eu sou sua bicha. Eu quero que você faz aquilo". Dominei o "cara", né? "Dominei você. Eu quero que você faça aquilo; eu quero que tu dá porrada; eu quero que tu roba; eu quero que tu põe na bunda; eu quero que tu faz aquilo..." É a dominação. Ele não tem meio de dominar a mim; ele tem meio de dominar os outros, mas a mim, ele não me domina. Ele tem inveja de mim, o Delmo. Ele me inveja muito. Porque ele tem medo que eu apanhe os garotos. Que eu dou sorte com os garotos, mas não transo com os garotos (os garotos de funcionário - filhos).
- Os filhos de funcionário transam com os pacientes aqui dentro?
- Ih! Tem muitos filhos de funcionário que come doente. Que não têm capacidade de comer mulher. Que têm certos filhos de funcionário que se sente frio com uma mulher; já não têm mais confiança em mulher. Se ele casar com uma mulher daquela, ele está perdido. Que ela vai trair ele. Então, ele, ao menos com uma pessoa, ele já se sente seguro. Mas ele vai pegar uma pessoa. Porque tem certos viados que são honesto. E têm muitos aqui dentro, que já não são. Eu, da minha parte, eu sou honesto.
- O que que você acha que é uma pessoa honesta? É uma pessoa que não é honesta?
- A pessoa que não é honesta é a pessoa que pode barbarizar ele. Disser que ele é ladrão, que não tem confiança, e tudo. Mas ele, o funcionário que transa com o doente, é que ele (não) tem mulher. Ele está treinando ainda prá poder subir à mu-



ther. Então ele já começa pelo ser humano. Depois do ser humano, como homem com outro homem. Aí é que ele vai ter contato com a mulher. Aí ele vai dizer que aprendeu com uma mulher. Mas não é não, ele aprendeu com a bicha. Porque as bichas é que dão mais aulas às mulheres. Como é que faz a foda, como é que faz a sacanagem completo. Essas coisas... Então ele fala: *"foi minha mulher que ensinou"*. Mas não, é a bicha mesma que ensina.

— *As bichas ensinam o amor aos "caras"?*

— Ensinam o amor, ensinam a vida nova. Aí ele esquece daquela vida. Ele fode bastante, esquece daquele viado; e aí vai partir para a mulher. Então, quando o "cara" parte prá mulher, o espermatozóide dele já não vai gerar uma criança. Quanto mais ele come uma pessoa, o espermatozóide dele já vai se gastando numa pessoa. Então, o espermatozóide quando se gasta numa pessoa, o ar já estremece aquele espermatozóide da pessoa que tá dentro da pessoa. Por exemplo: ontem mesmo, quando ele gozou em cima de mim, eu me senti que eu sou uma mulher mesmo. Eu botei prá fora, o sangue, se chama, né? Porque não é porra, como as pessoas têm mania de falar, é sangue. Então ele botou o sangue dentro de mim. Quando eu cheguei dentro do vaso, eu botei prá fora. Aí eu mostrei a ele: *"Zé Luiz, isto daqui é o teu sangue que tava dentro de mim, e eu botei fora. Se fosse uma mulher, eu pegaria seu filho. Mas calhar um dia, isto pode acontecer. Isto já aconteceu, (São Paulo): o 'cara' era homem e acabando, o 'cara' ficou de grávida. Que sabe que o mundo é um mistério! Ninguém sabe qual é o fim do mundo, nem você sabe. Quem sabe do fim do mundo são as próprias naturezas. Que a natureza acabar, acaba nós. Que a natureza não se acaba, mas um dia ela vai acabar. Ela vai acabar, sabe por que? Porque tem muitas pessoas que estão fazendo maldade com elas, tocando fogo, destruindo as matas..."*

— *Jorge, me diz uma coisa. Ali tem o Delmo, tem o... quem são os outros que mandam ali dentro? Os outros pacientes que comandam os outros?*

- Aí tem o Delmo. No momento é só ele que manda. Diz que ele matou um "cara". Realmente, ele matou um "cara", na covardia. O "cara" tava embriagado... é sobre negócio de transações. Eu sei que esse "cara" ia botar na bunda dele, então esse "cara" botou na bunda de outro "cara". O Delmo gostava dele. Aí o Delmo chamou o macho dele, o Tatola. Aí o Tatola pegou este Moisés; aí ele segurou o Moisés e o Delmo pegou um... e desarmou a arma do Moisés. É depois que o Tatola largou o Moisés, o Delmo chegou a pensar que ele encravou um vidro no Moisés. Que quando o Moisés bebe, ele fica na intenção de comer as pessoas. Agora ele já está debaixo da terra, comendo a rainha. Então isto daí foi uma transação, ciúmes. Que o Tatola não era dele. Que o Moisés era dele. Mas o Moisés transava com outras pessoas. Então o Delmo pegou, partiu prá cima dele. Mas o Delmo não podia encarar ele sozinho. Então o Delmo pegou e chamou o Tatola, que era o amante dele. Prá poder segurar o Moisés e ele encavar a faca no Moisés.
- *O que que regula você, o Delmo? Se o Delmo chegar prá você e disser: "você tem que fazer isto". Se você não fizer, o que que acontece?*
- Prá mim, não acontece nada, porque não me rebate prá ele. Eu sou uma pessoa que não tenho dominação, não. Eu tenho um Anjo da Guarda que não deixa eu ficar perto dele. Que eu sei o que que ele vai fazer comigo. Então, eu nem converso com ele. Eu já não tenho confiança nele.
- *Mas o que que acontece?*
- O que acontece é que o "cara" está dominado. o outro "cara" prá me bater. Mas não vou brigar com o "cara" que vai me bater. Apenas vou dar uma parte: "*Aí, esse 'cara' foi mandado pelo Delmo prá me bater*". Que o "cara" não me bater, ele é arriscado a bater no "cara". O Delmo é uma bicha que não tem regalia. Ele só vive preso lá dentro. Que ele tem um medo de sair; que ele, se sair prá fora, ninguém da sociedade não vai gostar deste homem. Ele tem aquela mania de grandeza, aquela mania de psicólogo, de ser autoridade, mas não tem nada na vida. Eu que sou uma pessoa que não tenho nada na vida,

mas eu me sinto que eu tenho uma autoridade por mim. É o Zé Luiz e a natureza.

- *Você acha que você tem uma autoridade por você mesmo? As pessoas lá no seu pavilhão te respeitam?*
- Me respeitam. Que eu não abuso deles. Eu não abuso e nem eles me abusam. Mas nem os pacientes que moram perto do meu pavilhão, eu não tenho mais confiança. Eles já olham querendo dizer alguma coisa de mim e do Zé Luiz. Tem uma psicologia no olhar das pessoas: "Pôxa, será que o Jorge tá dando a ele?" Aí eles já começam a jogar umas piadas. Pelo olhar eu já sei: isto indica que você tá fazendo de mim. Até o dos funcionários, também. Eu mesmo já falei prá um funcionário. Eu gosto de uma pessoa que tem na minha vida, mas isto eu não falo não. Se eu falar o nome, eles comentam. Eu guardo segredo prá mim. Esse segredo vai ficar dentro do meu coração, até um dia eu morrer ou então me separar dele. Eu não sei qual é o destino dos dois - nem o meu, nem o dele. Que ele ganhar primeiro, vai me dar um apoio; que eu ganhar primeiro eu vou dar apoio a ele. Eu vou ganhar, tenho certeza que eu vou ganhar. Não é sorte, é capacidade; você lutar pelo que você quer fazer, aí no jogo. Deus não existe. Se o senhor disse que viu Deus, o senhor está muito enganado. Não viu nada. Deus é tudo que tá aqui. Tá tudo aqui dentro. Deus é a natureza; é tudo que tá aqui. A natureza é uma coisa que traz nova vida, nova respiração. Você até mesmo se sente, quando você entra pro mato; você raciocina outras coisas melhor. Porque você está dentro do mato? Você tem um motivo para estar dentro do mato. Você está com medo de encarar a sociedade. No mato você se sente afastado da sociedade. Eu me sinto protegido pelos matos. Eles me cobrem. Eu vejo o povo, mas os matos me cobrem. Eu vejo o povo, mas o povo não me vê. O mato é como se fosse um cobertor, uma esteira, um tapete; uma coisa que me acolhe muito. Isto é, uma coisa que vem de um mistério, que nós temos que pesquisar muito ainda. Tem que pesquisar demais. Eu não sei ler muito não, compreendeu? Mas o que vem na minha cabeça é o certo que dá. Que nós

temos aqui na face da terra, que pesquisar a natureza, e pesquisar o ser humano. Não todo ser humano. Mas você vai pesquisar, você vai ficar com medo. Eles vão pensar o que que você é: "esse 'cara' é polícia; ele pode me delatar prá uma delação". Aí, quando você passar na rua, os "caras" vão querer te fechar, porque ele já está contra você como pessoa. Mas eu já não penso nisso. Eu já penso assim: "quanto mais a pessoa me entrevistar, mais confiança ainda eu tenho". Eu não tenho da justiça. A justiça é, sou eu mesmo. Prá mim não tem justiça. A justiça piora os problemas de todo mundo.

- O que que você acha da justiça? Da polícia?...

- Olha, o que eu acho da polícia: polícia são os primeiros ladrões. São registrados os ladrões. Você trabalha, você ganha, você tá sem carteira no momento, você é pego na rua: *vadiagem*. Você tá com dinheiro em cima, mas tá sem carteira. Aí ele vai chegar e dizer: "ou carteira, ou dinheiro"; "você me dá o seu dinheiro, que eu vou te soltar". É o dinheiro que cala eles. Então eu sou contra polícia. Eu sou contra eles combaterem tóxicos. Que o primeiro a fumar tóxico são eles. São os próprios polícias. Eu não tenho confiança nem no juiz. Que o juiz é o primeiro pecador. Ele tá aí prá enterrar a pessoa. A justiça não toma conta de nação nenhuma. Cada um que toma conta próprio de si (cada um que se vire). Prá mim a justiça é inválido; prá mim não tem justiça. Justiça é essa que tem aqui; onde a pessoa está, curtindo a sua natureza. Essa é que é sua justiça. Agora eu vou te fazer uma pergunta: O senhor acha que o senhor tem presidente?

- Você diz, presidente da República?

- É.

- Não, eu acho que não. Eu acho que o presidente que tá aí não foi o presidente que a gente elegeu. Não fui eu que votei nele. Ele não é o meu presidente. Porque, por exemplo: vamos supor que aqui na Colônia tivesse uma votação. Chegasse prá você e dissesse assim: "agora nós vamos fazer uma votação e tem uns candidatos prá serem presidente aqui da Colônia". Ca

*da um vai votar. Aí você conhece os psiquiatras. Cada um vota num psiquiatra prá ser presidente, certo? Você vai votar num psiquiatra que você tem mais confiança, que você acha legal, e tal. Ele é o seu presidente, se ele for eleito, certo?*

- Não, presidente não é presidente meu. Ele é o segundo mestre. Sabe, ele é o segundo mestre, é que ele vai fazer pesquisa em cima de mim, uma série de exames em cima de mim. Que eu não me acho que escolhi presidente. Que eu não posso votar prá ninguém. Nem prá psiquiatra eu não posso votar. Eu posso votar assim, ter confiança em você, que você tá tratando das minhas doenças. Então eu não posso dizer que você é o meu presidente. Posso dizer que você é uma pessoa que tá me cuidando; tá me tirando fora do perigo, tá me tratando. Se você disser que eu tenho presidente, eu me mato. Ninguém não tem presidente.
- *Então quando você me perguntou se eu tinha presidente, o que que você quis dizer com isto? Eu não entendi.*
- Eu queria dizer assim: se o senhor tivesse presidente, o senhor era mandado por ele.
- *Ah, bom! Agora eu tô te entendendo. Não, não tenho presidente não.*
- Então, sabe o que? É o seguinte: presidente é o senhor mesmo. Sabe o que? Se o senhor chegar assim: "pôxa, eu vou lá prá aquele alto do morro e vou me se jogar lá em cima". O senhor vai se jogar. Então ninguém vai impedir de o senhor se jogar de lá de cima. O presidente quer mais que o senhor morra. Que ele não é teu presidente. Teu presidente é você mesmo.
- *Tá certo. Agora eu tô te entendendo. Eu não tinha te entendido, mas agora eu te entendi.*
- Isto, prá quebrar isto na cabeça tem que ter muito crânico (crânio). Até o senhor tem muito crânico. Eu tenho crânico, mas não crânico forçado. Meu crânico é livre; que eu posso dizer o que eu tenho por dentro.
- *Agora você acha que o pessoal aqui da Colônia quer ser presidente dos pacientes?*

- Eu tenho certeza. Eles querem ser presidente dos doentes.
- *E como é que os doentes saem dessa?*
- Prá sair dessa, é só fugindo daqui mesmo. Quem não fugir daqui, ele vai ter um governador que vai mandar nele. Ele é fraco de idéia.
- *Você acha que o "cara" aqui dentro pode se proteger dos outros que estão querendo mandar nele? (dos presidentes).*
- Não. Eu acho que não tem saída. Não tem jeito. O "cara" que tá aqui dentro tem que obedecer. Que ele não obedecer é arriscado até a matar o doente. O diretor..., é o seguinte: se o diretor tá aqui na Colônia, prá mim ele não é nada meu. Apenas ele toma conta dos pacientes. Ele pode dominar o mais fraco; mas a mim, ele não me domina. Eu respeito o setor dele, eu respeito. No momento eu o tenho, mas não como diretor fixo prá mim. Mas o mais fraco ele domina. Se eu cismar de ir prá rua eu vou; e se eu cismar de não voltar, eu não volto. A mim, eles não dominam.
- *Mas como é que você conseguiu isto? Por que que você acha tem isto? De alguma forma, você se protegeu deste negócio, né? Você saiu fora. O que que você fez prá se proteger?*
- Eu saio fora sabe por que? Eu não tenho medo do sofrimento, não. Eu tenho medo é da maldade aqui dentro. Que aqui já morreu uma porção de doente, tudo na base da operação, aqui na cabeça do roda-moinho. Então eu estava na lista prá operar a cabeça. Aí, eu falei assim: "*Meu Deus, natureza, me afasta dessa Colônia, por uns tempos fora!*" Então aquela guia, aquela força que veio de dentro de mim, me tirou daqui de dentro, e eu fugi. Fugi e passei um tempo lá fora. O roda-moinho já tinha acabado e os pacientes estavam todos debaixo da raiz. E eu saí fora. Senão era prá mim morrer ou ficar imbecil. Eles querem tirar o cérebro que tem na minha cabeça. Este cérebro que eu tenho na minha cabeça é um cérebro que é uma máquina que funciona mais certo que a maioria das pessoas. Eu não vou dizer que sou inteligente. Eu sei que minha máquina é mais inteligente que este diretor que tá aqui dentro. A má

quina funciona muito legal. E ela indica que essa máquina é que traz coisa certa.

- *Você acha que este encontro amoroso com este "cara" te ajuda a manter esta máquina funcionando?*
- Ajuda, tranquilo. Ajuda, tranquilo.
- *Então, este "cara" que você tem esta coisa amorosa, bonita prá vocês, que te toca o coração, te ajuda a você se manter vivo aqui dentro?*
- É. Eu já me sinto ele me prender aqui dentro. Prender, eu quero dizer assim: é a pessoa gostar demais da pessoa; que a pessoa quer sair e já não pode sair; então quer sair junto, certo? Sozinho eu não vou sair. Que ele sair, eu vou sair. Eu digo: "Zé Luiz, nós dois vamos sair junto; que você sai sozinho, tá arriscado altos troços contigo lá fora"...
- *Então este encontro que você tem te ajuda a manter teu cérebro funcionando?*
- Ajuda. Eu raciocínio mais melhor ainda. Dá força.
- *Agora, o resto aqui quer tirar a tua separação dele?*
- É, mas não conseguem me separar dele. Que eu senti, que eles estão doidos prá tirarem ele de mim. Ninguém não me falou, mas é o que traz a psicologia. Que tem certos doentes também que tá querendo afastar o Zé Luiz de mim. Prá ele ser contato com outro paciente. Se ele quiser ele vai, que eu não vou proibir ele de ir, mas um dia ele volta; que ele vai dizer assim: "pôra Jorge, me desculpa de eu fazer isto com outro doente, porque eu senti que você não merecia isto"...
- *Você acha que o que incomoda as pessoas é o fato de você manter relações só com ele? Se você tivesse com todo mundo, não incomodava ninguém?*
- É. O negócio é só comigo. Eu não sei que o garoto é. Eu achei que ele é um garoto que tem mais aquela potência e tem mais assim, raciocínio. Ele fala daquele negócio de natureza, de curtição, de tóxico, negócio de carteira de trabalho. Diz que a pessoa anda com carteira de trabalho, é vadiagem. Eu

acho que o mundo. O mundo, não; o mundo não tem culpa. Quem tem culpa são as nações. Que eles querem tirar o que tem da pessoa. Querem que a pessoa anda só com identidade. A pessoa andar com os documentos, vai piorar mais ainda a situação das pessoas. Porque cada um vai matar a pessoa e não vai identificar quem matou a pessoa. Eu sou contra isto.



ENTREVISTA DO DIRETOR

## ENTREVISTA DO DIRETOR

### Lado 1

-- Como é que você vê esse hospital aqui?

- Essa pergunta se tem que pensar um pouco, né? Bom, eu estava pensando... eu estava dizendo que o que está acontecendo aqui, né, de alguma forma é fruto de uma contradição do sistema, não é, e apesar dessa contradição a gente tá conseguindo modificar de alguma forma a ideologia da condução desse processo, quer dizer, a contradição a qual eu me refiro é o problema da indústria da loucura, não é, é, que toda situação do gosto excessivo com a internação de pacientes psiquiátricos em hospitais privados né, acabou por gerar a necessidade de que os hospitais públicos pudessem atender à essa demanda, não é, e de alguma forma isso abriu espaço, possibilidade pra gente, né, começar esse trabalho. A gente estava falando que isso tinha, esse processo se iniciou, não é, é, no meu entender, fruto dessa contradição, quer dizer, o fato de que essa indústria da loucura acabava por ser extremamente dispendiosa, não é, inclusive é, evidência no sentido de que modificações teriam que se dar nesse sentido, é que alguns dos tubarões daí do ministério da loucura começaram a investir em outros setores mais promissores como a plantação de cana e coisas do gênero, né, quer dizer, donos de macro hospitais começaram, quer dizer, havia indicações de que a coisa estava se tornando muito onerosa né, quer dizer, conter as contradições do sistema nesse nível, né, porque esses hospitais sempre funcionaram como um saco de gatos, né, que recebiam todos os enjeitados sociais, quer dizer, a loucura, ela se mistura muito com esse nível de coisas, né, nesses períodos de recessão a coisa toda se resolve muito por aí também, né, o problema do desemprego.

Desemprego, mendicância e loucura é um caminho, né, então muitas vezes essa coisa é resolvida dessa forma, né, a situação do desemprego acaba se tornando na situação do louco, não

é, acaba internado, e essa é uma forma de lidar com as coisas. Só que é uma forma de lidar calando, né, porque no nível dos hospitais, esses hospitais modernos, os macro hospitais, são verdadeiros cemitérios, né, o silêncio é absoluto, você entra nesses hospitais, né, não tem mais, não é frequente o paciente agitado; não sei o que, você entra nos hospitais, os pacientes são bastante medicados, né, toda a atividade desses hospitais é voltada para repressão cada vez mais eficaz, né, então são muito silenciosos, muito calmos esses hospitais, o primeiro contato que você podia supor, né, os hospitais psiquiátricos, quer dizer, os organizadores, não é, ou seja, aqueles que têm um nível de eficácia dentro de um modelo próprio deles, né, é muito silencioso porque a coisa caminha por aí, sabe, o objetivo é o silêncio, né, o objetivo é exatamente calar todas as contradições que são despejadas lá dentro e tão poladas através desse método, né.

Então é um local, a intenção, não é, de ao contrário, tentar efetivamente tratar essas pessoas, e tentar tratá-las é sem dúvida tentar resgatar o lugar delas, o lugar micro e macro social delas, né, quer dizer, a identidade delas, é resgatar também a consciência dessa situação, a consciência desse estado de coisas, né, não apenas quando eu falei micro e macro social que a consciência resume, quer dizer, toda loucura, toda internação psiquiátrica não se resume às contradições sociais, ao problema do desemprego, miséria, essa coisa, não, quer dizer, tem outro tipo de contradição, outro tipo de miséria, né, quando a gente fala no problema micro social, do problema grupal, familiar, por exemplo, a questão da psicose, a questão da delegação de funções, né, então a família nesse nível, ela se une, né, ao estado, não é, na aceitação de um tipo de procedimento que silencie, não é, tanto as contradições macro sociais quanto as contradições internas da família, quer dizer, a loucura, não é. Então é, deixa eu ver onde é que eu tava, é, eu dizia que pestia se essa instituição aqui se propõe a tratar dessas pessoas, quer dizer, a devolver elas à saúde, ou seja, a identidade, né, o sentimento, a legitimidade, a veracidade, né, a percepção, né, é isso vai gerar, acho

que eu mudei um pouco, isso vai gerar crises secundárias, quer dizer, porque isso vai devolver, né, àqueles locais onde esse problema desse indivíduo foi gerado, né, vai devolver componentes daquele problema que vão é implementar.

- *Vão mexer na estrutura?*

- Vão mexer, vão é desestabilizar, isso tanto a nível de uma massa de desempregados quanto ao nível de um indivíduo psicótico de novo dentro da família e de novo com alguma legitimidade, com um discurso legítimo, né. À medida que você tente escutar o discurso dele, tente entender o simbolismo, tente entender o que é que ele tá dizendo, você vai é fazer com que ele novamente sinta uma certa legitimidade na fala dele, né, à medida que ele consegue um contato, ele consegue um, não é, acontece alguma coisa a nível do encontro dele com o terapeuta, né, e a devolução dessas coisas, quer dizer, tanto nesse nível micro quanto no nível macro, quer dizer, desestabiliza aquela situação anterior que vinha utilizando a psiquiatria como forma de controle...

- *De silenciamento das contradições?*

- De silenciamento das contradições, agora é, diga...

- *Vem utilizando a psiquiatria de uma forma extremamente reacionária, né?*

- Paralizante, paralizante. Então, quer dizer, é isso que eu te digo, a gente aparece como fruto de uma contradição, entendeu, como impossibilitado por ela porque de outra forma, entendeu, esse tipo de trabalho não poderia acontecer, porque ele à medida em que, né, ele tenta resgatar a legitimidade da existência do indivíduo, ele vai resgatar a causação das coisas, o entendimento das coisas, então vai fazer com que ele volte a discutir essas coisas, né, essas coisas deixam de estar estáticas, estar coladas, mortas, paralisadas e entram em vida, em efervescência, né, é de direito, né.

- *O negócio da psiquiatria e tal, enfim, contradição que possibilitou o trabalho num sentido mais consciente, né?*

- Agora, vamos lá, tá ligado?

- Tá ligado.

- Porque a questão é o seguinte, a gente fala essas coisas e fica parecendo assim que a gente tá querendo fazer revolução, né? Não é isso, sabe, não é isso a nível de... é simplesmente querer tratar, sabe, se você simplesmente quer é tentar o resgate de uma existência significativa dessas pessoas, verdadeira, né, legítima, essas coisas, você tem que lidar com essas mentiras, com esse falseamento, entendeu? Quer dizer, então, esse trabalho ele não é um trabalho, assim é..., porque todo esse discurso parece assim é uma coisa de esquerda, uma coisa assim, não necessariamente, você tá entendendo? Isso é um discurso terapêutico, entendeu? Um discurso terapêutico, se tem, assim, se há identificações, enfim, isso é secundário, primariamente a coisa é terapêutica, é assim tipo..., que se pode efetivamente ajudar as pessoas...

- Seria basicamente uma preocupação humana? Com as pessoas?

- Exatamente.

- Agora vem cá, eu escutei uma vez aí uma afirmação que eu queria que você comentasse. Eu acho que é uma afirmação, assim, exemplar de uma ordem. Você ~~topou~~ aqui, na sua definição, num momento, <sup>em</sup> ~~que~~ <sup>quando</sup> os médicos há uns anos atrás ~~aqui~~, faziam uma medicação ~~que~~ o sujeito entrava em crise de agitação psicomotora. O médico fazia uma medicação para esse momento e essa medicação perdurava durante anos e anos e anos.

- É pra destruir, pra destruir, e pras pessoas, hoje quando forem assinar na hora de irem embora, não é.

- O que que você acha que isso significa, quer dizer, o fato da instituição medicar o "cara" no momento de crise e o "cara" passar anos e anos tomando essa medicação?

- É exatamente isso que a gente tava vendo antes, quer dizer, é a psiquiatria funcionando como é: instrumento de controle, meramente, quer dizer, o indivíduo só interessa enquanto emergente, sabe, enquanto ele tá provocando algum rebuliço, sabe, no momento em que esse rebuliço foi detido, né, e a farmacolog

gia é bem eficaz nesse sentido, bastante eficaz, não é? Os neurolépticos, essa coisa toda, né, são bastante eficazes nesse sentido; à medida que isso é detido ele some, "cara", ele some, entendeu? Ele desaparece, ele, é... Eu fui bolsista aqui num período em que não havia esse movimento, não é, quer dizer, pra que você conseguisse rever um paciente que você tinha visto em crise, "cara", você tinha que se armar de todo um instrumental, e você fazia uma agenda tua onde você atendeu o "cara", e você marcar então na tua agenda que você o iria rever e pedir então às pessoas que naquele dia, por que, sabe, as pessoas que eram trazidas pra você examinar, sabe, é normalmente, regularmente pela instituição eram os pacientes que estavam incomodando, sabe, eram esses. É essa pressão "cara", é impressionante porque ela se exerce não apenas ao nível da direção dessas instituições, né, mas de formas bem sutis. Por exemplo: o bom médico, né, pra equipe dos hospitais tradicionais é aquele que mantém o plantão em ordem, o plantão calmo, sabe, o bom médico não é em absoluto o que é compreensivo, o que tem uma relação boa com o paciente; o bom médico, o médico que é querido pela equipe de enfermagem, essas coisas assim, a nível desses hospitais de convênio, né, é o médico que mantém o mais silencioso o hospital no plantão do médico, menor o número de acidentes, melhor o médico, entendeu? Isso é passado.

Esse lance então é passado de uma forma, é, bem sutil, né, porque é o lance do clima; como é que a equipe faz com que o médico se sinta, dependendo da forma com que ele encaminha as coisas, né, quer dizer, ele estraga o "cara" pro "cara" ser acharcado realmente, né? Quer dizer, se há uma briga, se há uma espécie de coisa desse tipo, né, e eles trazem o paciente para você ver, e você manda fazer dois *haldol*, dois *fenérgan* na veia, essa coisa assim, ele sai exultante, esse médico é ótimo, sabe, dar assim é ótimo, eletrochoque maravilha. Agora se você diz não, tudo bem, manda entrar, sentar e conversar, ih, sabe, porque isso vai demorar tempo, isso vai dar trabalho, sabe, isso vai ter bafafá, vai se falar, vai sabe, o negócio, o pessoal não vai ficar quieto ouvindo o resultado da

loteria esportiva no radinho, sabe como é que é, é bem por aí também, sabe.

- Quer dizer, existe uma ordem que tem que se impor de qualquer maneira nos hospitais normalmente, a chamada ordem do silencioso, né?
- Quer dizer, eu quero dizer que esse tipo de pressão se exerce em vários níveis, entendeu, não é apenas no nível daquele primeiro que a gente abordou, sabe, no nível da questão social, do desemprego, essa coisa, no nível da direção dos hospitais, se você não é o médico que mantém seus pacientes muito sossegados você é demitido, né, tem níveis assim bastante sutis, entende, se você não trabalhar, não é, e isso são coisas que a gente tem observado aqui, fruto dessa nossa experiência também, né, quer dizer, da gente entender que não é lance de uma bandeira, de um entendimento, de um ideologismo, mas todo um trabalho em cima de uma subcultura, sabe, que sustenta esse negócio aqui há muito tempo, entendeu, sabe, que permeia toda essa prática, entendeu, não apenas aqui mas de uma forma geral, então você tem que se envolver com esse negócio; tem de se entranhar com esse negócio pra você conseguir, sabe, sacar as coisas e conseguir ir modificando elas aos poucos, né, porque se você não conseguir se introduzir nesses níveis, entendeu, no momento em que você olha para trás a coisa toda retorna, sabe, para essa forma original, né, e a gente faz muito disso aqui; a gente hoje ainda vive isso aqui assim, dessa maneira, sabe, que depois de 4 horas da tarde a Colônia velha volta a existir; nos fins-de-semana a Colônia velha volta a existir.
- À noite?
- À noite.
- Agora, mas vem cá, como é que você vê é, porque existe uma ordem institucional, quer dizer, como essa ordem de que passado uma, o sujeito entra em crise; é quase que determinada a realidade do sujeito, paralizado na clínica o sujei

to vivia o resto da vida dele em crise, como se desse uma identidade ao sujeito mesmo, quer dizer, desse uma realidade pra ele que não correspondia à realidade dele. Como é que você acha que esse indivíduo se protege? Porque tem indivíduos que conseguem se preservar disso; eles conseguem se preservar a identidade deles; conseguem manter um espaço mais vivo; eles conseguem manter a capacidade de pensamento; conseguem manter a capacidade crítica, manter uma diferença em relação à esse espaço. O que você acha que poderia explicar isso? Como é que o sujeito se protege dessa ordem que quer esmagá-lo num certo sentido, quer silenciá-lo? Como é que você acha que ocorre isso?

- Tenho visto isso aqui com frequência.
- É frequente?
- É. A forma mais comum é se associando a essa ordem. Quer dizer, a gente tem visto isso, a forma mais frequente é se associando a isso, né, é... tem uma pessoa querendo - CORTE. Mas é isso "cara", a gente tem visto isso, quer dizer, via de regra as pessoas que conseguem escapar à esse atoinamento de personalidade, esse abafamento, esse embrutecimento, quer dizer, não um embrutecimento total, mas de qualquer forma essa despersonalização forçada, né, são aqueles que se vinculam, que se associam ao sistema, né, e de alguma forma exercem funções similares e delegadas por agentes desse sistema, né; são xerifes daqui, como a gente tem visto, e na verdade são esses que conseguem escapar.
- Mas como é que é a relação desses com essa ordem institucional? Como é que é regulada essa relação? Por que o xerife tem privilégios?
- Exato, quer dizer, evidente que toda a palavra de ordem aqui é pobreza, miséria, né, e é miséria de pessoal também para lidar com esse monte de pacientes que tem aqui, que hoje é um número muito menor do que já teve; já teve mais do dobro disso aqui, né, e sempre se teve uma equipe pequena; e uma equipe além de pequena, estimulada a tratar à es



sas pessoas como bichos e, né, como sempre foram tratados. Então esses pacientes, esses xerifes, né, como que eles entravam nisso? À medida em que eles, exercendo um controle sobre um grupo de pacientes, eles faziam com que esses pacientes assumissem as funções de limpeza, né, do lugar. Esses pacientes tivessem uma conduta é silenciosa, cabisbaixa, reprimida, não reivindicatória, essa coisa toda. A coisa se passando então entre o xerife e essa equipe, esse mundo de pacientes, quer dizer, reprimido, gravemente reprimido, de uma forma à base de ameaças de vida, de surra, de pancadaria, né, por aí, o que era reforçado pela instituição, né; que era reforçado pela instituição à medida que eles têm história aqui de eletrochoque em série em paciente em pé no corredor, né. A gente tem história aqui de má terapia, né, injeção de leite, intramuscular, que dá febre alta no sujeito; faz um abscesso com febre alta, quer dizer, e isso chegou numa época sendo utilizado como tratamento, no período anterior; no período em que você tinha neurolépticos, essas coisas, né, o sujeito entra em surto psicótico, agitação psicomotora. Se fazia essa injeção de leite, pra fazer um abscesso, febre alta, então saía do surto por que prostrava, entendeu, e saía do quadro de agitação, né. Mas isso era feito num esquema assim de castigo; efetivamente num esquema de castigo, e mesmo que eu não possa falar em termos de castigo, como é que era feita a triagem desse paciente agitado para esse médico que queria ver essa situação? Era feito por esse esquema todo que a gente tava falando, né. Era o xerife que dizia pra esse funcionário: "olha aqui, esse 'cara' aqui não tá me obedecendo; esse 'cara' tá criando caso, não sei que e tal...", então o funcionário chega pro médico e coloca 36 prontuários na frente dele, né, que via de regra ele também não estava interessado em ficar mais de uma ou duas horas aqui, né, e aquele monte de prontuários é que aqueles pacientes estavam agitados, né. Paciente agitado, agitado é aquele "cara" que deu uma pedrada na cabeça do outro, pô, porque a formação do "cara" é a verdade, né. PROCUNSLTA, dentro de

PROCONSULTA, né. Informação é verdade, você se dá conta de que é isso aí, quer dizer, e o "cara" aí, bom, muito agitado o que que faz? Faz eletrochoque, faz essas coisas todas, entendeu? Então, quer dizer, mesmo que a ação do médico não fosse uma ação que você pudesse imputar, né, de, assim, objetivo implicitamente vinculado...

## LADO 2 -

... aos interesses dele também, ele colaborava com isso.

Aí é interessante quando a gente fala nos interesses deles também, a gente vê o lance; a gente se lembra do lance da baixa remuneração do médico, né, da necessidade dele de sair pulando, de trabalhar em 300 lugares diferentes, né, então a gente vai vendo que essa situação toda ela é gerada, ela é fruto de injustiças, de uma série de injustiças sociais, quer dizer, e daí a gente entende que um processo que pode olhar para essas coisas com olhos é, digamos assim, humanistas, né, e que pretendem entender o que se passa, acaba por se tornar um movimento, acaba por se tornar um movimento porque transcende a coisa da, embora a gente tá falando o lance da perspectiva terapêutica, essa coisa toda, mas você começa a mexer em coisas, né, porque o que sustenta esse descalabro é tanto descalabro em tantos níveis, entendeu? que se você olha pras coisas de uma forma a tentar ver o que se passa, você vai mexendo com todas essas coisas que a gente tá vendo, quer dizer, com o problema da péssima remuneração do médico que acaba fazendo com que ele concorde com esse negócio também.

- Inevitavelmente ganha uma dimensão política, né? Quer dizer, não tem saída, né?
- Ganha. É.
- Agora, e afora essa associação do paciente com a ordem, enfim, pra se preservar e tal..., você acha que essa associa

ção, ela, o paciente com isso ao vendo a ordem ou ela ganha um poder sobre a ordem institucional?

Você acha que o paciente que faz esse tipo de associação é um vendido, é um traidor de seus colegas, ou ele tem um poder de barganha com a ordem?

- Ele tem até certo ponto, né? Eu acho que a gente tá vendo aí que nós estamos passando um momento de uma situação de que é, talvez o maior dos xerifes de que ainda existem aqui. No momento em que se começou a trabalhar mais frequentemente, né, objetivamente a situação dele, começou a se discutir a situação dele nas reuniões de equipe e tal, né, para ver que encaminhamento se daria ao caso dele e aos casos similares, né? Esse "cara" fez uma crise de úlcera grave; tem úlcera e tal e tá internado, no momento, internado no Pedro II fazendo exames e tal..., uma reativação, uma motivação do processo ulceroso dele, entendeu? Então, você veja que esse xerife todo poderoso, com uma história de assassinato e coisas tais, né, que todo mundo tem e tudo mais, ele tá completamente dependente nas mãos da instituição, ele não tem uma perspectiva, por mais que aqui ele tenha toda uma pose, todo um lugar, todo, sabe, um reinado e uma corte, isso é, existe enquanto existe essa cultura, e toda a coisa dele é ancorada nisso. Eu não acho que ele tenha poder sobre isso.

- Você acha que não?

- Acho que não, acho que não sabe. Por que? Porque ele não consegue sair disso, entende? Ele só consegue, ele se exerce em cima disso e em torno disso, sabe, e por mais que ele consiga aferir alguns ganhos dentro disso, é apenas dentro disso, sabe? Ele não tem uma vida fora disso, ele é isso o tempo todo.

- Mas você acha que, por exemplo, um xerife, um líder aqui dentro, ele poderia liderar, por exemplo, uma reivindicação verdadeira dos internos daqui de dentro?

- À medida em que você mude o processo, que você mude a cultura, que a gente tem palavras pra discutir, né, e você mude os meios, quer dizer. Cultura quer dizer é..., como é que eu posso definir isso..., né, quer dizer, é a *praxis*.
- São as relações sociais que se estabeleceram aqui dentro?
- Exatamente.
- É a rede de relações que determina o espaço social aqui dentro da Colônia Juliano Moreira?
- Exatamente. Quer dizer, a gente tem aqui, a gente tem discutido inclusive, né, a propósito da criação desse CRIS, desse Centro de Reabilitação e Integração Social, não é, e à medida em que o CRIS vá pagando a esses pacientes, né, e colocando-os nas diversas etapas de reabilitação e profissionalização e tal, né; e à medida em que com isso a gente vá interferindo nessas relações, né, através da criação de comissões, né, é o trabalho que eles exercem hoje sob a tutela dos xerifes, de repente vai ser feito, não é, remunerado pela instituição e acompanhado por um representante, por alguém vinculado ao CRIS, né, e tudo isso se dando com sistemática discussão dessas coisas, quer dizer, esses grupos, essas comissões se reunindo e discutindo, né, esses..., como é que se chama isso, essas pessoas...?
- Referências.
- Os coordenadores dessas comissões, se reunindo também para ver como é que as diversas comissões né, enfim, de alguma maneira criando uma ordem e um espaço que exista até como possibilidade, né, quer dizer, a gente tem visto isso, às vezes as pessoas dizerem assim não, quando essa equipe sair daqui a coisa sempre retorna, né. Tá, mas à medida em que essa ordem nova vá se instalando e que esse espaço de discussão, sabe, ele apareça como uma possibilidade verdadeira, sentida, incorporada, assimilada pela cultura, né, institucional, pelos próprios pacientes, entendeu? Eles passam a contar com isso, a fazer vínculos com esses técnicos, fazer vínculos com esses funcionários; a ter é confiança, você tá entendendo?

do? Ele não tá sozinho, mais de noite, ele não tá mais na mão do xerife; ele não tá mais na mão do funcionário que quer simplesmente o silêncio e a exploração dele, né, porque ele tem uma possibilidade; ele tem uma ligação; ele tem uma perspectiva, né; ele tem um fórum; ele tem um tribunal dele, entendeu? Então, eu acho que essa coisa do CRIS, quer dizer, marca muito a possibilidade verdadeira que a gente tem de mo dificar essas relações.

- *Agora vem cá. Mas, como é que você vê o negócio, a questão da homossexualidade aqui dentro? Você acha que sentido tem aqui dentro a questão homossexual? Porque se você observar, por exemplo, os xerifes, algumas pessoas que têm ordens deles, geralmente são homossexuais. Como é que você vê essa questão?*
- Eu acho que de repente isso demonstra de alguma forma aquilo que nós távamos vendo há pouco, né? Quanto à possibilidade deles no que se vinculam a esse sistema, no que se tornam en tão seus legítimos representantes imediatos, né? Nesse siste ma em que todos os seus subordinados, né, os demais pacientes, eles aferirem alguns benefícios, porém benefícios esses delimitados né, demarcados por esse próprio espaço né, então, eles, no que eles são homossexuais, eles são sexuais né, quer dizer, eles resgataram algum nível de sexualidade, não é, que em boa parte dos demais aqui internados, quer dizer, fica uma coisa simplesmente abolida, não é? Então no que eles são homossexuais, eles são sexualizados, né? Mas eles são sexualizados, é, com a limitação da homossexualidade, você tá enten dendo?
- *Então nesse sentido, você tenderia a ver a homossexualidade como uma forma de recuperar uma dimensão essencialmente huma na aqui dentro?*
- Tá, por aí. Agora é..., eu acho que é bem isso, só que enten dendo, quer dizer, que essas pessoas, eles são homossexuais e praticamente exclusivamente homossexuais, quer dizer, a se xualidade deles fica limitada à homossexualidade, você tá en

tendendo? Então, quer dizer, eles resgatam sim, eles *alferem* algum benefício; eles têm, e a coisa se concretiza aí, quer dizer, ao nível da sexualidade que eles resgatam através dessa homossexualidade, através dessa prática, pois é, mas ao mesmo tempo eles ficam; eles se aprisionam disso porque eles, sabe, pelo menos no nível que eu percebo, né, que eu acompanho, que eu tenho visto, não tem isso. Essas pessoas não têm uma prática heterossexual, sabe, é como que ele fica então atrelado às possibilidades dele aqui, não sei, não tá claro mas é alguma coisa por aí.

- *É como se ele tivesse condenado a..., ele não tivesse possibilidade de escolha, você tá dizendo nesse sentido?*
- *É, quer dizer, que ele não predomina de maneira nenhuma, "cara". Ele se inscreve numa função que permite com que ele respire, sabe, mas ele respira o ar que ele pode respirar, sabe, ele não ganha a atmosfera; ele não ganha, sabe, o espaço; ele ganha um lugar dentro dessa ordem.*
- *Mas aqui seria um espaço, aqui dentro? Dentro dessa ordem seria um espaço mínimo de manter relação?*
- *Exato. Mas, delimitado por essa ordem.*
- *Agora você acha que isso incomoda muito aqui, a homossexualidade, quer dizer, os enfermeiros, as pessoas que trabalham mais diretamente com os pacientes, você acha que isso incomoda?*
- *Eu acho que incomoda, até fundamentalmente, porque isso é um dos elementos desestabilizadores, né, quer dizer, ossos pacientes que têm uma prática homossexual né, eu tô falando nesse nível, desses xerifes; desses pacientes, mas que aqui se chamam lúcidos né, outros chamam de espertos e tal. É. Isso funciona de uma forma como um canal, um canal de liberação energética, de tranquilização e tal. Esse nível coaduna com..., com...*
- *Com os interesses institucionais?*

- Com os interesses institucionais. Querem que eles se mantêm nê, o mais silenciosos possível.
- *Agora, você acha que essa prática homossexual em algum nível pode romper com esses interesses institucionais e aí, a partir desse nível, passar a incomodar?*
- Não, eu não percebo.
- *Não? O que que você acha do diagnóstico de psicopatia que se dá, às vezes, se percebe que os homossexuais geralmente são xerifes, são psicopatas, são enfim, é uma forma de depreciação, quer dizer. Como é que você vê esse diagnóstico de psicopatia nas instituições, com características totais assim?*
- Características totalitárias?
- É.
- A pergunta é a resposta desse diagnóstico nessas instituições, né?
- É.
- Quer dizer, não é a nível do diagnóstico da monografia?
- *Não, a nível da articulação dentro desse espaço.* \*
- O diagnóstico, e acho que isso até transcende o diagnóstico de psicopatia né, ele é um registro ilegítimador, quer dizer, a medida em que nessas instituições o "cara" é rotulado né, quer dizer, o que imediatamente tá se dando né, é a ilegitimação; é a...!, como é que se chama isso..., a anulação do valor, a desvalorização da palavra dele né, da palavra, da percepção de um mundo dele né? Oh! isso é um psicopata, sabe? Isso é *P pesado*, sabe? Isso é armação de *VP*, sabe? Entendeu, então a coisa toda reflui né, todas as colocações deles, é tudo que ele tenta passar sabe, através do..., tudo que ele tenta comunicar, não é..., é atribuído à loucura individual dele, "cara"! Isso eu acho que transcende a questão do diagnóstico da psicopatia sabe; o diagnóstico da esquizofrenia teria muito a ver com isso também né, tava delirando, não é?
- É uma forma de esvaziar qualquer ato da pessoa?

- E daí até, quer dizer, o tipo de grupo que se faz aqui tem a denominação de grupo de escuta né, já que o primeiro propósito, a etapa um né, da resocialização, se baseia fundamentalmente em dar voz né. Dar voz é fundamentalmente escutar né, escutar e tentar entender; tentar entender que os nossos ouvidos têm muita dificuldade em entender essa linguagem, que é uma linguagem bastante complexa, porque é uma linguagem é *atanhada*, é uma linguagem simbólica; é uma linguagem que pra poder subsistir tem que se esconder né; é surreal; é como se 1968 né, fosse o ano perene, né 69, da vida dessas pessoas, quer dizer, eles tão sempre tendo que tentar passar de uma maneira que não seja imediatamente percebida né, o que eles tão vendo; o que eles tão vivendo.
- *Pois é, mas como é que você acha que essas..., o que você acha que quer dizer isso? Porque você tá dizendo o seguinte: que por mais violento que seja, como eu tô entendendo, a repressão, a tentativa totalitária, a tentativa de arrancar do sujeito a dimensão de pessoa dele, ele consegue através de uma linguagem simbólica altamente complexa, se preservar, ele consegue passar o que ele quer. O que que você acha que isso significa em termos de ser humano? Que dimensão é essa que mesmo no mais assim, autoritário e absoluto sistema, se preserva e consegue; enfim, o que você acha que isso significa? Quer dizer, o ser humano teria uma dimensão indomável que seria garantida a liberdade dele?*
- Eu não sei se agente pode falar que ele teria uma dimensão indomável né. Quando a gente aqui num cemitério de vivos né, quer dizer então de domados né, eu acho que o que existe é a questão da verdade. Eu acho que é por aí, entendeu? Eu acho que as pessoas só podem existir a verdade delas, e essa verdade, ela vai tentar se estruturar de qualquer forma, sabe, para possibilitar uma existência significativa, um sentido né. Eu acho que há um movimento em todas as pessoas no sentido de tentar né existir a sua verdade. É inescapável. Acho que isso é, a pessoa não tem opção.



- Mas a tentativa da instituição num certo sentido é dizer, dar uma verdade pro sujeito. Então você diz o seguinte: então o sujeito teria uma verdade que resistiria sempre a essa tentativa da instituição de dar, de forjar uma identidade do sujeito. Dizer ô você é isso; você pode fazer isso, enfim, que é a tentativa que a gente vê, é a tentativa das instituições. Você acha que essa verdade do sujeito seria uma coisa resistente, uma coisa que resistiria sempre a essa tentativa de invasão?
- Quer dizer, veja eu. Temos aqui, que embora assim, fique com muita vontade de ecoar esse negócio sabe, assim de botar toda uma paixão né, de falar disso apaixonadamente, entendeu? Quer dizer, eu temo que de alguma forma isso seja uma romantização sabe; é a questão da idealização da loucura, você tá entendendo? Sabe, porque, e eu temo que de alguma forma isso seja ineficaz, você tá entendendo, porque por mais que eu pense isso que eu tô dizendo, quer dizer, a questão da verdade como única possibilidade existencial do indivíduo né, ela pode ser, sabe, abafada, sabe, o volume dela de expressão pode ser reduzido, sabe, a um nível inaudível ou quase inaudível, entendeu? Então eu quero falar da necessidade de que a gente vai escutar, você tá entendendo? De que a gente não fique confiando apenas na paixão da loucura, você tá entendendo? Na verdade da loucura, sabe, na capacidade de expressão simbólica, sabe, nessa dimensão indomável, você tá entendendo? Porque há, sabe, métodos muito eficazes de silenciamento, de controle, de sujeição, você tá entendendo? Sabe, eu acho que a gente então tem que, essas coisas, sim, elas são verdadeiras, mas sabe, a gente tem que entrar na relativização delas, quer dizer, a pessoa só pode ser isso; ela vai estar sempre dizendo isso, e ela pode estar até dizendo isso com o silêncio dela; com a recusa dela, de participar desse negócio, sabe, mas você tem que pegar e ouvir isso, sabe, e não é fácil ouvir isso, não é fácil lidar com a loucura, sabe.
- Agora vem cá, como é que você entende, por exemplo, um fenômeno, às vezes, tem aqui, que eu acho que é um negócio ourio

so. Por exemplo: o Bispo, como é que você entende esse fenômeno, que surge assim?

- Eu acho que o Bispo é um exemplo né, bastante expressivo disso que a gente tá falando né, alguém que tem, ele tem uma vinculação com o mundo e com as coisas né, quer dizer, que se passa num plano completamente simbólico né, o Bispo é um.

ENTREVISTA COM SILVIO

## ENTREVISTA COM SILVIO

- *O negócio é o seguinte: o que que você vê atualmente aqui na Colônia Juliano Moreira? Como é que você... o que que você acha daqui, de sua experiência...?*
- *Eu acho daqui é, atualmente é bem melhor que antigamente. Antes isto daqui era meio abandonado. Agora com este trabalho, com os pacientes, está melhorando. Isto era cadeia. Aqui tinha média de 1.000 pacientes - todo mundo aqui. Numa sala trancada com 300 pacientes (cada sala). E este trabalho de abertura foi uma boa, né? Este trabalho sobre homossexualidade evitou muita coisa.*
- *Como é que você compara a Colônia de antes com a Colônia de agora? O que que era antes e o que é agora?*
- *Antes era violenta, e agora está mais calma. Eu vejo a Colônia bem melhor atualmente. Antes o cara estava na Colônia, vindo do Pinel, Pedro II ou do Manicômio e era colocado num quarto forte ou então numa sala chamada Boca e aí falecia igual bicho. Tudo na base da violência - tratamento de porco; e aí era esquecido ali, abandonado.*
- *Como é esse negócio de homossexualidade aqui? Como as pessoas viam a questão da homossexualidade aqui?*
- *O pessoal metia o pau. Eles batiam às vezes, transferiam de sala, às vezes soltava o cara. Mas sempre houve isto.*
- *Mas você acha que esse negócio de homossexualidade tocava o pessoal de enfermagem, os técnicos? Eles se incomodavam com isto?*
- *Em parte, muitos se incomodavam. Mas muitos, não. Eles até faziam o casamento.*
- *Você acha que os pacientes têm vergonha desta transa homossexual deles?*
- *Não. Eles mostram e fazem questão de falar. Eles é que se abrem. Eles falam como doença deles. É uma doença, né? Muitos dizem que é vício, mas eu não vejo como vício. Eu vejo como doença.*

- *Você acredita que na homossexualidade, o cara tem um pouco de carinho com o companheiro dele?*
- *O que eu vejo aí é bastante carinho, às vezes. E têm muitos que é na violência. Eles ficam que marido e mulher. Um cuidando do outro...*
- *Tem um paciente aqui que eu entou fazendo um trabalho. É o Jorge. O que que voce acha dele?*
- *O Jorge já vem de infância. Ele é um rapaz inteligente, e ele usa isto como vício. Já é um caso diferente. Ele vem de ambiente de cadeia e ele mantém este ambiente. Ele é viciado e aceitou. Ele continua aqui. Mas eu acho que Jorge trabalha... Ele é passivo e ativo. Inclusive ele trepa com mulher. Não é só com homem não. É passivo e ativo.*
- *Você acha que ele incomoda aqui?*
- *Alguns ele incomoda, porque fala demais. É muito comunicativo, franco, taxativo e incomoda muito. Alguns pacientes respeitam muito ele (os que são igual a ele).*
- *Você olha uns pacientes aqui, eles parecem quebrados pelos anos que passaram aqui, pelo tratamento... Tem alguns pacientes aqui dentro que são diferentes. Eles se arrumam melhor, eles parecem que tem o mundo deles; não perderam muito a individualidade deles. Como é que voce acha que essas pessoas conseguiram manter isto aqui dentro, sem perder a independência?*
- *Isto daí é aquela velha história. Esses daí não eram homens deste tipo. Eles já vinham sempre trabalhando, fazendo faxina; são pessoas úteis. Eles se integram no sistema da casa.*
- *Eu observo uma coisa curiosa; todos os caras que comandam, que tem maior liderança aqui são geralmente homossexuais (o Delmo, o Jorge). Porque voce acha que isto acontece?*
- *É aquele negócio: é o sistema cadeia. Muitos vieram do Presídio. Eu conheci o Delmo no Presídio e lá ele já eram respeitado. É um camarada violento. Quando ele gosta de um elemento, ele respeita. Comigo, por exemplo, é um paciente bom pra mim. Nunca me fez violência. Pra outro, olo jũ não aceita. Se um cara é violento com ele, ele não aceita, embora ele seja violento.*

- Por que acha que a Instituição controla estas pessoas mais es pertas?
- Tem coisas aí que eu posso chamar de máfia. Às vezes eu não gosto de falar nisso. Tem funcionários que se acomuna. Em vez de tratar o paciente como se fosse doente, eles aceitam tudo que o paciente faz. Eles cometem ato com os pacientes. Isto daí é um motivo que eles aceitam e se associam. Tem coisas aqui que se eu for falar, dá oriço. Eles ficam amigos dos pa-  
cientes, e aí estes dominam os funcionários. Eles ficam sem força moral para falarem com os pacientes, né. Muitos escondem coisas que certos pacientes fizeram. A gente sente que o cara está preso ao paciente.
- Mas você acha que esta é a forma que a instituição controla estes pacientes mais espertos?
- Eu estou falando de um modo geral. Existe uma máfia aqui.
- É como se existissem duas ordens aqui: aquela do papel e aque-  
la que rola aqui de noite?
- Hoje, por exemplo, eu cheguei aqui e um paciente disse: "Sil-  
vio, eu vou falar uma coisa pro senhor. Tem paciente ali e  
tal... pra dar cobertura e os outros ficam à parte, e depois  
fazem queixa".
- Uma vez você me disse que o paciente é o prontuário dele. O ~~que~~  
que que voce quis dizer com isto?
- Porque é o prontuário que traz o código do paciente; é o que  
indica o que é o paciente (periculoso); tem a história dele  
desde quando ele nasceu, depois que nasce, o que ele cometeu,  
as manias que ele tem, quando o paciente é perigoso ou violen-  
to (às vezes ele nem aparenta). O prontuário é que diz o que  
é o paciente (o código).
- Voce acha que a defesa dos pacientes aqui é conhecer a chama-  
da máfia? É assim que ele se dá bem?
- É. É muitos tem medo, porque às vezes, um conversa com outro,  
há uma ameaça. O cara tem medo e prefere sofrer, mas não mu-  
da nada. Já houve caso aqui, o cara foi transferido lá do Pe

dro 11. Um paciente aí, me parece que meteu a mão um dia nele; mandou o paciente fazer logo de início. Aí este paciente virou um bicho dele. O funcionário pegou este paciente e sabe qual foi o castigo dele? amarrar o paciente numa cama e mandar o paciente se destitui dele como se fosse uma mulher. E depois mandar o paciente ir lá fora e dizer que não é homem e que gosta de "tomar no cú". "É que eu que botei nesta bunda". Aí, naquele dia, aquele plantão, o cara se omitiu; ficaram com medo dele. Então vocês fizeram, vocês foram os culpados, e fazem parte do complô. Isto daí eu não aceitaria. É isto daí que vira máfia, ou o medo. É aqui, agora não. Melhorou bem. Se voce falar com um plantonista aqui - voce é um puxa-saco, pô. É graças a Deus, de 2 anos prá cá já melhorou muito. Era essa lei que liderava. De vez em quando, um me ameaça. Eu já até tive discussão. Aí fazem pinda, é puxa-saco, tá cagando... eu te pego lá fora. Então a gente faz, já que tem que fazer (da onde eu vim eu sei, mas prá onde eu volto, eu não sei). Mas inteligência é cama. Embora não de boa vontade. Aí eu sinto quando eu chego e eles estão satisfeitos. Aí eu já começo a trabalhar...

- *Você disse isto dos outros funcionários? E os doentes, eles também te ameaçam?*

- Não. Muitos ameaçaram, mas não. Não tem nada, já aceitaram também. Além do mais, a gente não pode levar a sério o que eles falam (são doentes). Mas a gente fica sempre na atenção, de olho neles.

- *Já aconteceu de paciente matar funcionário aqui dentro, na Colônia?*

- Já. Há oito meses morreu aí um - faleceu. Mas também não foi atoa não. Ele tinha um paciente aí como empregado dele. Ele ia de madrugada no pavilhão, tirava o paciente da cama 5 horas da manhã e iam capinar na lavoura lá em cima. Um dia, de dia, as pessoas fizeram arte aí, e o paciente continuou capinando. Gritou com o paciente, deu uma bolacha no paciente. Batata! Foi soco até acabar. Foi este ano agora (maio ou junho). Acho que na Colônia só teve este caso.

- *E funcionário matar paciente, já teve aqui, não?*
- Não. Nunca ocorreu, em flagrante não (pelo menos).
- *Silvio, você acha, por exemplo, qual é o papel do Jorge aqui na Colônia? Como é que os pacientes percebem ele, como é que é o negócio?*
- Tem uma parte dos pacientes que se dá bem com o Jorge; e tem uma parte que não aceita muito o Jorge. E também esta parte que é a parte do paciente. Tem uma parte que é contra a atitude dos funcionários que aceita o Jorge. A parte que está com os funcionários é contra o Jorge. No pavilhão dele, a maioria aceita ele.
- *Quer dizer, os que fazem parte da máfia, não gostam dele? Por que ele fala demais?*
- Ele fala demais e denuncia coisas. O pessoal diz que ele fica cagoetando funcionário... mas comigo ele se dá bem.
- *O cara para sobreviver aqui ele tem que entrar na máfia, né? E como é que o Jorge sobreviveu, se ele denuncia isto?*
- Mas é a história, né. Ele sempre foi esportista. "Se você fizer comigo, amanhã eu falo pro Doutor"... entendeu. Ele e os outros pode ser imbecil ou indefeso, mas se fizer comigo eu conto pro Doutor.
- *Mas aqui existe uma máfia dos pacientes, também não existe?*
- Já existiu também. Olha, entre os funcionários e os pacientes já existiu muito. Mas agora não. A coisa melhorou (de 2 anos prá cá).
- *É a transa de droga (vender maconha...)?*
- Isto daí é uma parte diferente. É aquela parte de fora que atua na Colônia. Mas não é funcionário da Colônia; geralmente, quiz dizer. Os pacientes apanham maconha na rua e traz cá prá dentro. Eles não vendem aqui dentro. Compram lá fora e trazem-no, que é diferente.
- *Agora, por exemplo, os "xerifes" têm uma série de pessoas que trabalham prá eles, fazem uma série de coisas, não têm?*



- Ah, tem. À noite aí há ameaça (na enfermaria). Os pacientes são espancados e apanham.
- *Tem determinados pacientes, como o Jorge, que falam as coisas, é isto que protege ele. Ele fala as coisas, ele denuncia, e - le grita. Agora, isto deve incomodar muito as pessoas, né? Pacientes e funcionários? Você acha que eles tentam derrubar o Jorge? Eles tentam calar a boca dele, de alguma forma? Ou você acha que não?*
- Eles se incomoda, em parte. Mas, acho que por medo: acho que eles têm medo certa hora; e aceitam também as coisas. Se ca - lam. Muita coisa que você viu não vai ao conhecimento da di - reção. A maioria das coisas. E eu acho que isto é medo.
- *Você acha que isto pode mudar? Isto muda, esta coisa de má - fia, ou vai se criar outra forma de máfia?*
- Na minha opinião muda. Trocando, muda (os funcionários).
- *Você não acha que este tipo de Instituição cria necessariamen - te, uma máfia?*
- Eu acho que trocando as cabeças, a coisa muda. Porque a con - taminação aqui é que ainda existem funcionários que são deste tipo: o louco vem prá cá e eles começam a fazer a cabeça do louco ao contrário. E se o cara aceitar e levar, entra na má - fia.
- *Você acha que a Instituição quer tratar das pessoas mesmo? Vo - ce acha que o intuito é tratar do doente mental?*
- Eu acho que sim. Eu tenho um caso de um paciente que era te - mido aqui no Juliano Moreira, e atualmente ele está recupera - do, trabalhando e tudo. Ele está bem-recuperado. E como ele, tem outros por aí - reintegrados na sociedade. Este está tra - balhando na vigilância.
- *Você acha que os outros funcionários sentem que isto é um des - prestígio prá eles?*
- Não todos, mas a maioria sim. Quando deveria ser o contrário: as pessoas deveriam aceitar e incentivar. Mas eles desestimu lam o paciente e se sentem superiores. Outros aceitam. Tem

gente e tem gente que não é gente. Tem cara que é humano, o cara que aceita, que realmente considera o ser humano. Tem outros que não; e se consideram superior; que o paciente jamais ser igual a ele. Nem conversam com o paciente; é ele prá cá e o paciente prá lá. Eu acho que a gente é aquele que se comunica; que aceita. E aqui tem muitos deles que não aceitam não. Gente é aquele cara que não tem, vamos dizer assim, um elo de prisão com o paciente por motivo qualquer, e trata o paciente bem; o aceita como um ser humano da sociedade.

- *Você disse o seguinte: todo paciente que entrava aqui antigamente ia pro quarto forte e tal; e aquele que era mais valente, que via as coisas e que falava, era castigado.*
- Quando ele era castigado, para ele se ver livre, ele tinha que participar da máfia. Aí a máfia tirava ele, e este tinha economia.
- *Agora, o cara prá sair do quarto forte tinha que participar do negócio?*
- Sim. Ele tinha que entrar na corriola dos funcionários na época. Senão ele era esquecido no quarto forte. Quando o paciente vira xerife; quando ele começava a participar do negócio, aí ele tinha liberdade. O Bispo mesmo passou um bom tempo no quarto forte. Depois que ele passou a ser xerife dos outros, passou a participar com aqueles elementos, aí teve liberdade - foi xerife. Era inclusive, um dos braços fortes da qui; ele que era o "plantonista" (batia nas pessoas).
- *É o que você acha das coisas que o Bispo faz (destas pinturas, este negócio...)?*
- Eu acho que é da doença dele. Ele é paranóico.
- *Eu ouvi falar que antes ele pegava o próprio uniforme, desfiava-o, pegava a linha e costurava nos tapetes.*
- Ele fazia isto.
- *Você acha aquilo bonito?*
- Bom, aquilo ali, prá psiquiatria deve ter algum valor. Prá mim não. Eu tenho aquilo como doença. Mas tem trabalhos ali que podem até ser aproveitados.

- Por que que o Bispo dorme sozinho, num quarto separado? Por que este privilégio? O que que isto quer dizer?
- Eu achei isto já assim. Quando cheguei, já era assim. A vida dele tem que ser assim. Se tirarem ele dali, ele faz greve de fome, não se alimenta. Então ele só vive ali. Tirar dali, ele morre.
- Você acha que ele é capaz de fazer uma greve de fome até a morte mesmo?
- Acho. Ele não aceita outra coisa não. Aquilo lá é o mundo dele. De vez em quando ele sai, vai ao pátio, passeia, apanha frutas, oferece para os nossos funcionários, ele gosta. Mas ele tem que trabalhar. Aquilo lá é um museu, é o mundo dele.
- Ninguém se mete com ele, né? Os outros pacientes, o que que eles pensam do Bispo?
- Eles respeitam ele até hoje. Ele era valente, foi xerife; ele era mais que um funcionário. Até hoje, se alguém bobear com ele, ele derruba. A porrada dele é violenta mesmo. E se ele não gostar da pessoa, ele diz logo. Ele tinha uma mania de gostar só daqueles que o percebiam como mestre. Mas agora não. Ele acaba aceitando as outras pessoas também. Eu creio que ele até está aceitando sair dali; se for uma coisa trabalhada.
- Quando ele era o xerife aqui, ele pintava?
- Desde que ele entrou aqui, ele faz isto. Ele acha que tem deixar esta experiência pro filho. Ele quer deixar este trabalho pra nova geração. Tudo que houver no mundo, ele tem que ter ali para a nova geração ver e conhecer os trabalhos dele. Ele acha que é o Messias, embora em outra forma. Ele está se preparando para a transformação. Quando forem procurar ele no quarto, ele já subiu (se transformou em espírito) - desapareceu.
- O Bispo transa sócio?
- Não. Nunca transou. Ele não dá papo para este pessoal. Ele sai dessa parte; dá repressão. Ele não gosta disto.

- É ist' aí. Eu queria te perguntar estas coisas porque são im  
portantes.

- Agora eu vou almoçar porque tá na hora, nê...

ENTREVISTA DO EDUARDO

## ENTREVISTA DO EDUARDO

### Lado 1

- *E aí, você estava falando o negócio do...*
- Então, quando eu vim trabalhar aqui, para mim foi surpreendente, foi motivo de surpresa mesmo, eu nunca tinha vindo aqui, encontrar um local como este de trabalho me deixou perplexo, eu não tinha noção que pudesse existir um lugar como esse. O espaço físico da Colônia, a característica, assim, agrícola, meio roça, um ambiente de roça, um ambiente que se percebe aqui, é, as histórias que contam para a gente, sabe, o passado da Colônia.
- *Que histórias que te contaram sobre a Colônia?*
- Logo que eu cheguei aqui, tem quase 12 meses, eu encontrei um grupo de funcionários antigos aqui, que tinham pelo menos de mais de 20 anos de trabalho aqui, então, a gente é, conversando, se conhecendo, quer dizer, chegou um pessoal novo aqui, pintou já uma sociedade, que já tinha um ritmo de vida, um ritmo de trabalho todo estabelecido, então, houve um certo choque, porque a nova direção da Colônia vem com uma proposta, uma proposta totalmente nova, e nós seríamos os portadores desta proposta, os realizadores, a linha de frente desse tipo de trabalho que está sendo realizado aqui, então o que nós encontramos? Nós encontramos um pessoal que já trabalhava aqui, acostumado com um outro tipo de tática, de técnica, completamente diferente, então, houve um choque muito grande, então a gente, eu pelo menos, escutei várias histórias que me contaram que ocorreram aqui na Colônia, principalmente eu não sei se por causa desse choque, né, dessa diferença de mentalidade, dessa diferença de proposta, as histórias que me contaram eram sempre muito terríveis, muita morte, muita violência, que aqui não tinha jeito, esse lugar, é os pacientes daqui não tinham mais jeito, quem caía aqui não podia mais ser recuperado, que aqui tinha muito assassino, tinha muito criminoso, os métodos

aqui tinham que ser violentos mesmo, que só assim daria um jeito. Então o primeiro contato foi esse. Então, eu fiquei meio assustado, eu falei não, que lugar é esse que essas pessoas que, imagina, eu cheguei aqui sem conhecer nada, nunca tinha vindo aqui, eu consegui esse emprego e cheguei aqui e encontrei esse tipo de informação: olha, você toma cuidado, você não dá as costas para o paciente, aqui todo mundo é muito perigoso, fulano matou fulano, aqui tinha corte forte, injeção de leite, eletrochoque, paulada toda hora, então aquela imagem foi ficando forte na minha cabeça, agora com o tempo, com o contato com os pacientes, a rotina, o dia a dia, a conversa, eu fui vendo que não era tão terrível assim, que realmente havia o que estava acontecendo era uma resistência à mudança por parte dos funcionários antigos, uma resistência muito grande, eles não admitiam a possibilidade de que psicólogos, assistentes sociais, grupos, teatro terapêutico, toda essa inovação que está acontecendo aqui pudesse surtir algum jeito com pacientes que estão aqui a 20 anos, crônicos, com toda característica de hospitalismo que a gente vê, um alheamento total da grande maioria, né, total do mundo lá fora, isso aqui para mim é um mundo aparte, é um outro mundo. Então, o que aconteceu? Toda essa gente que entrou, esses técnicos que entraram aqui, foi como uma injeção de vida para essa sociedade, para os pacientes, para os funcionários, para todo mundo aqui. Então, no começo houve, como está havendo até hoje, um choque, começaram a aparecer mil ocorrências e rebeliões até de funcionários, os pacientes não entendendo nada, nunca tinham visto uma coisa dessa pelo que me contaram, festa de aniversário, meninas passeando aqui, jovens, eles nunca tinham visto isso, sabe, essa vida que está sendo implantada aqui. Então, com o tempo, eu fui percebendo, fui conseguindo discernir onde estava a fantasia, né, o que tinham me passado e a realidade, onde que a gente podia atuar melhor, onde é que a gente podia trabalhar melhor. E, acho que atualmente, a gente, eu tenho assim uma linha de trabalho mais firme aqui, eu participo, eu realizo o meu trabalho aqui com mais clareza, com mais consciência, eu sei mais ou menos os parâmetros

que eu posso ter, que eu posso seguir, isso é uma parte assim profissional, o trabalho. Agora, o que eu posso mais falar para você? O que você gostaria de explorar mais?

- O que você quiser. Você acha que, por exemplo, aqui na Colômbia você tem condições de respeitar a individualidade dos pacientes, você acha que isso acontece aqui? A diferença dos pacientes, você tem um atendimento em que você possa escutar as pessoas?

- Respeitar a individualidade, né?

- É.

- Bom, eu acho que isso é uma das metas desse projeto, desse trabalho, um dos objetivos é esse. É resgatar a identidade, esse é um refrão que a gente escuta, que a gente está cansado de escutar isso aqui, resgatar a identidade dos pacientes, por que não é fácil, não é fácil você criar na mente dessas pessoas que estão acostumados a uma massificação, a um tipo de vida que abafa qualquer tipo de individualidade, né, e que vai desde do uniforme às filas, à medicação, ao isolamento, sabe, a falta de informação, eu acho que é muito difícil você reeducar, você reensinar, porque elas vêm de um mundo lá fora, então elas têm dentro delas a consciência de que elas são cada uma um indivíduo mas, você vê, 20 anos de vida massificante, massacrante, que qualquer tipo de tentativa de individualidade foi castrada, 10, 15, 20 anos desse tipo de vida, arrasa com qualquer indivíduo, né. Eu acho que é um trabalho difícil, você tirando a maioria porque você dentro dessa mesma sociedade, a gente pode encontrar pessoas que ainda guardam a individualidade, que lutam aqui mas que é um tipo de luta para esse tipo de mundo, para esse tipo de sociedade, é um tipo de luta, uma tentativa de manter o seu espaço, o seu espaço vital de acordo com esse tipo de vida.

- Você acha que a instituição consegue acabar com a individualidade do ser humano?

- Depende da instituição.

- Você acha que aqui, você tem observado pessoas que perderam inteiramente a individualidade?



- Ah, perderam, pela própria condição de doente mental, que você pode reparar isso não só aqui, como em qualquer outra instituição, mesmo a nossa sociedade, como ela rejeita o doente mental, como ela repele, como ela teme, terrificante você encarar um é como uma coisa assim horrível, uma coisa pejorativa, né. É diferente doente mental, maluco, uma coisa de coração, uma doença orgânica da doença mental, assusta muito as pessoas, então a tendência é essa, de dentro de cada um, é repelir qualquer contato com a doença mental, para não ver a própria loucura, né. Então eu acho que no caso é como se fosse um quisto, né, a doença mental; a tendência, isso aí vem de séculos passados, no fim do século passado a tendência do doente mental é isolar, prender, trancafiar, isolar da sociedade. Facha mais compulsivo das pessoas consideradas saudáveis, normais. Então eu acho que a tentativa que essa instituição, a Colônia Juliano Moreira, a equipe que está trabalhando aqui está fazendo é nesse sentido, é de mudar esse tipo de visão, é de tornar essa visão não tão terrificante, não encarar a doença mental como tanta repulsa, com tanto medo, encarar a doença mental como uma doença passível de cura, apesar de ser muito difícil de lidar com ela mas tem que haver uma tentativa, tem que haver uma disposição de luta, né. Eu acho que essa instituição no momento tem esse objetivo, esse projeto.

- Agora, você disse uma coisa que me pareceu curiosa, você disse que quando você chegou aqui você notou, assim, muitas pessoas inteiramente estraçalhadas, inteiramente dependentes da instituição e tal. Agora, você disse que você notou que algumas pessoas preservaram a individualidade delas, como é que você acha que essas pessoas conseguiram preservar isso num espaço tão adverso, com uma estrutura de poder que procurava, de certa forma, retirar isso, massificar? Como você acha que essas pessoas conseguiram resistir à essa estrutura de poder tão violenta, quer dizer, e preservar?

- Bom, aí é que entra as diversificações das doenças mentais, quer dizer, a grande maioria dos pacientes que estão interna-

dos são pacientes considerados crônicos, a grande maioria são esquizofrênicos crônicos, epilêpticos, é, pacientes que realmente têm uma doença básica que deterioraram, que foi proliferando e chegando a um ponto que irremediavelmente arrasou com a mente da personalidade daquela pessoa, pela própria doença, pela própria evolução da doença. Mas existem outros tipos de pacientes que vieram para cá porque eles eram indesejáveis em outras instituições, é como você falou no começo, isso aqui tem uma característica de depósito, então é um depósito, não serviu lá fora, joga aqui dentro e deixa. Então essas pessoas que são consideradas personalidades psicopáticas, que aprontaram muito lá fora, que tem um passado assim, é, até de crimes, de uma pobreza extrema, outros vieram de outras instituições desde pequenininhas, do SAM, da Escola XV, entendeu, onde a violência impera, onde cada um tem que usar a força, a esperteza, qualquer valor moral assim aniquilado, é dente por dente, olho por olho. Então, aqui na Colônia, esse tipo de pessoa, esse tipo de paciente que tem a lucidez, o discernimento, que consegue pensar com clareza mas tem o problema de educação, tem o problema de berço, de família, de falta de estrutura, que já vem acostumado com a vida dura, com a vida em que é a lei do cão mesmo, o mais forte sempre vence, é, a violência. Então, aqui dentro, esse tipo de paciente é que consegue, é, criar um tipo, um império para eles, são os chamados "xerifes".

- *Agora vem cá, me diz uma coisa, você por exemplo, essa categorização por exemplo de psicopatia, você não vê isso como uma tentativa da instituição de dobrar essas pessoas?*
- De dobrar essas pessoas?
- *É, de rotular, de dar um rótulo?*
- Mas aí é que está, mas eu acho que existe até uma simbiose, você está entendendo? Que essas pessoas, é, esse tipo de paciente, é "útil" (entre aspa) ã, é útil ã instituição nos moldes antigos, não nesse molde agora mas para os moldes antigos esse tipo de paciente era os considerados xerifes, tinha privilégios aqui, eles ajudavam os próprios guardas aqui, eles

tinham o seu quartinho particular, tinha a comidinha melhor, eles tinham e várias mordomias aqui. Então eles auxiliavam a instituição no sentido assim de manter os outros pacientes sob controle, controlados, e recebiam favores em troca.

- Da instituição?

- Da instituição. Mas isso a gente está tentando, a gente está tentando é tirar esse, isso acontece muito em prisão, né, o xerife da prisão, que tem aquele "poder" todo, a gente está tentando tirar esse clima, esse ranço de prisão que tem aqui, sabe, de cela, né, quarto forte, castigo, a gente está tentando realmente humanizar mais a instituição. É difícil, eu acho que é difícil, mas acho que a gente tem que tentar sim.

- Agora vem cá, como é que você acha que essas pessoas que são chamadas "xerife", assim, qual é a função, é, quer dizer, que elas ajudam a manter a disciplina, ajudam a controlar os pacientes e tal, agora como é que você acha que a equipe vê essas pessoas, como é que...

- Olha, aí é que tá, tem muitas pessoas aqui que não tem, que não tem necessidade, que não tem indicação de estarem internadas aqui, são pessoas que provavelmente se receberem alta e conseguirem um emprego lá fora, vão poder sobreviver. Sobreviver numa boa mesmo, vão poder vencer, sobreviver, vão poder encontrar um lugar ao sol lá fora, fora da Colônia. Agora, são muitos anos, sabe, são muitos anos que elas estão acostumadas aqui na Colônia, a terem esses privilégios, é muito fácil para elas, esses privilégios que elas têm é uma coisa muito fácil, muito, têm casa, tipo uma mãe, né, tem casa, têm comida, tem mordomia, têm respeito dos outros pacientes, né, são pessoas respeitadas aqui, são pacientes respeitados. Eles não precisam estar aqui no hospital, então esse é um grande problema que a gente enfrenta, inclusive têm um projeto, o projeto do diretor da Colônia, que está tentando ser implantado aqui, é o projeto dos regressos, para se conseguir encontrar uma solução para esse tipo de paciente, que realmente provoca muita dor de cabeça para todo mundo, muita dor de cabeça porque geralmente são personalidades consideradas psicopáticas,

sabe, personalidades que não têm assim uma doença mental, é, doença mental específica, uma esquizofrenia, uma epilepsia, uma mania, uma paranóia, não tem, eles são pessoas que vieram para cá por problemas sociais, vários passando pelo manicômio judiciário, e encontraram o ambiente propício para explorar esse lado, para hipertrofiar esse lado dele, né, esse lado de que estão acostumados, a viver na dureza, viver em cadeia onde a violência, quem for mais forte, quem for mais violento, quem produzir mais medo no outro, se dá bem. Então eles encontraram aqui um campo ótimo para isso. Agora, como é que a gente vai trabalhar com esses pacientes, sabe, como é que a gente vai encontrar um lugar para eles fora daqui, sabe, está difícil. Porque tentar, é, educar esse tipo de paciente é difícil, é muito difícil, é muito difícil, esse tipo de personalidade eu, eu considero assim um trabalho quase que em vão.

- *Porque esses xerifes, eles são os líderes, não são, eles lideram, eles têm uma liderança forte entre os pacientes, não têm?*

- São os líderes, são os xerifes, são os que comandam. Inclusive eles têm, eles têm é, ascendência, eles têm até, é, influência nos próprios funcionários.

- *Mas como é que você explica isso?*

- Não, que aqui você sabe que, que como toda instituição ocorrem vários desvios, várias, é, coisas consideradas ilegais, né, como em toda instituição. E muitos desses pacientes até ajudam à alguns funcionários a praticar esse tipo de delito, então, o funcionário fica na mão do paciente, isso foi o que me contaram. Entendeu, me contaram esse tipo de informação: ah, fulano mexe com o paciente x porque ele sabe muito da vida dele, tem o rabo preso, entendeu, então eles dizem que "muitos funcionários, muitas das pessoas que trabalham aqui têm o rabo preso, com certo tipo de paciente. Isso é uma realidade que a gente vive aqui, é um dos problemas que a gente enfrenta, inclusive está sendo ampliado esse projeto dos regressos, para tentar combater esse tipo de dificuldade.

- Quer dizer, você acha que esses pacientes resistem, não é, à ordem?
- Olha, esses são tipos de pacientes não participam dos grupos, que não vão a qualquer reunião, que se humilham às vezes, sabe, tem assim atitudes duplas, são pacientes resistentes mesmo a qualquer tipo de, de...
- Sei...
- É, é, da instituição, dessa nova, desse novo modelo.
- Sei.
- Que eles sentem que por exemplo, não é interessante para eles perder o quartinho que eles têm, perder a mordomia de não precisar entrar na fila do lanche, tá entendendo?
- Sei.
- Para que, que eles vão perder isso? Perder o respeito, o medo que os outros pacientes têm deles, não é interessante, então eles não querem conversa com ninguém, eles vão tentar lutar com todas as forças para manter aquele tipo de status dentro dessa sociedade aqui.
- Quer dizer, você acha que é resistência por uma luta por poder, né, para preservar o poder da ordem?
- Só isso, só isso, é uma luta pelo poder, é isso aí.
- Quer dizer, é uma ordem antiga lutando contra uma ordem nova que procura se instaurar?
- Onde não existe o privilégio, não existe, quer dizer, o privilégio sempre vai existir mas não tão gritante assim, não tão, é, agressivos para os outros pacientes, humilhantes.
- Vem cá, quer dizer, esse tipo de pessoa, quer dizer, eles de uma certa forma eles participaram, participam dessa ordem e através dessa participação eles conseguiram se, é, preservar enquanto indivíduos, esse tipo de "xerifes", por exemplo.
- É, conseguiram preservar a individualidade deles, aqui eles não são, eles não fazem parte do rebanho não, eles têm um espaço deles aqui na Colônia, têm um espaço mesmo reservado pa-

ra eles, eles caminham pelo espaço deles, que eles conseguiram com luta, com manhas, com vários tipos de coisas, eles têm. Quer dizer, isso é uma visão que eu tenho, né, que me passaram e que eu vejo, né, que eu estou vendo, que eu tô conversando, no meu... com o paciente eu observo isso. Não são muitos, mas eu tenho certeza que vários pacientes conseguiram preservar a identidade, preservar um espaço, sabe. Talvez tendo até encontrado um campo fértil para isso, entende, aqui, eles encontraram um, eles tinham uma semente dentre deles e encontraram uma terra boa para crescer. Agora a terra está mudando, né.

- Mas como é que você acha que, de qualquer forma a instituição, de uma forma ou de outra, ela têm que manter um controle sobre essas pessoas, quer dizer, porque ela não pode ser dominada por essas pessoas. É, como é que você acha que esse controle se dá? Quer dizer, como é que a instituição controla os "xerifes"?
- Bom, aí é que entra a coisa. Você está falando do molde antigo, né?
- É, que não há mudança.
- Pelo que me falaram, é o que eu digo, havia uma colaboração quase que selada aqui, que não era preciso assim muito diálogo, era uma coisa assim que acontecia naturalmente, o xerife ajudava a instituição e a instituição ajudava o xerife. A coisa ia se mantendo nesse nível, o xerife não desrespeitava os guardas, não desrespeitava a instituição, andava sempre na linha, sabe, e a instituição dava privilégios à eles, acobertava várias coisas que podem ser consideradas erradas.
- Você acha que, por exemplo, um xerife desse seria capaz de representar por exemplo, já que ele é o líder, as reivindicações justas dos pacientes contra a instituição?
- Mas ele não é contra a instituição.
- Eu sei, mas você acha que isso seria possível ou não?
- Contra a instituição?
- É, denunciar coisas que acontecem erradas aqui, é, coisas ilegais.

- Talvez se ele se sentir, ô, traído pela instituição, compreendeu, talvez se ele sentir que ele está perdendo aquele privilégio, que o sistema mudou, que ele aí não vai reconhecer mais a instituição que ele estava acostumado a viver, a ajudar, com a instituição atual, vai ser uma outra coisa para ele. Então ele pode num momento desse, ele começar a falar as coisas que ele sabe, a vida que ele teve aqui, porque ele vai estar em outro lugar, ele pode se sentir traído, abandonado, revoltado. Tem pacientes aqui que são trabalhadores, até numa idade jovem e eles falam que não saem, que só saem daqui morto, que não saem de jeito nenhum daqui, não quer participar de nada, só sai daqui morto. Olha, se ele começar a sentir que ele está perdendo o espaço, que as coisas estão mudando, talvez eu acredito que ele possa mudar a atitude dele.
- *Como é que você vê a questão da sexualidade aqui, nesse espaço? O que você acha?*
- É uma coisa muito pouco falada aqui, inclusive pelos próprios pacientes. Tudo são informações que eu recebo, por exemplo, me falam que se eu chegar aqui no fim de semana, no sábado, e entrar no pátio que tem atrás do pavilhão 3 eu vou ver coisas, vou ver pacientes em pleno ato sexual, são vários pacientes assim pelo chão, é uma coisa comum para eles. Mas isso eles não falam em grupo, é um assunto pouco abordado, pouquis simo abordado pelos pacientes.
- *Porque que você acha que é tão pouco abordado, heim?*
- Aí é, isso eu não sei, sinceramente, não sei se eles têm vergonha de falar sobre isso, não sei.
- *E como é que a equipe vê essa questão?*
- Eu não sei se eles vão se sentir reprimidos, sabe, que vão ser reprendidos, e encaram isso como uma coisa feia. Isso é um assunto muito pouco trabalhado, inclusive já foi falado em reunião, que a gente devia estudar mais esse tipo de coisa, né, porque os pacientes têm sexualidade, como todo ser humano, e ela, a própria maneira de vida leva eles à homossexualidade, a própria segregação, homens de um lado, mulheres do outro.

- Mas como é que você acha que a instituição vê isso, quer dizer, a homossexualidade aqui? Ela patologiza isso, acha que isso é uma perversão sexual? Como é que você acha que isso, que representação que a equipe tem disso?
- Olha, eu não posso dizer da instituição, nem da equipe, eu posso dar a minha, enfim.
- Como é que você vê?
- Eu vejo o seguinte, eu vejo uma consequência, como uma consequência. Eu vejo, você está falando especificamente da homossexualidade?
- É.
- Como uma consequência do tipo de vida que os próprios pacientes têm aqui, sabe. Aqui a gente pode ver, é fatal que isso aconteça, a gente sabe que isso acontece nas prisões, em qualquer lugar que você isole o grupo masculino do feminino, é lógico que tem que haver alguma vazão para a sexualidade do indivíduo, né. Para você ver, nos navios...

## Lado 2

- Eu vejo isso como uma consequência, uma consequência única de uma vazão, tinha que sair por algum lugar a sexualidade, e saiu pela homossexualidade, que é intensa, sabe o que é? É quase que 90% dos pacientes são, não digo que são homossexuais, mas têm experiências homossexuais. A gente vê cenas incríveis aqui, a gente vê casais mesmo, casais, cenas de ciúmes, brigas, paciente que não deixa o outro olhar para o lado, mantém o companheiro sobre controle absoluto, pela violência.
- Pela violência?
- Pela violência, e o outro se submete. É uma forma também de compensar a carência que eles têm, né.
- Uma forma de resgatar uma relação carinhosa, uma relação humana, né?



- Justamente, justamente.
- *Então você vê assim como uma forma de resgatar a humanidade deles aqui? Quer dizer, a homossexualidade.*
- Eu vejo como que uma tentativa, entendeu, uma tentativa para esse tipo de sociedade, alheia a qualquer, é, informação que vem lá de fora, qualquer contato com o mundo. Para esse tipo de sociedade, eu vejo uma forma, uma tentativa humana de viver um pouco de carinho, de viver um pouco de amor, de momentos bons, que eles, a forma que eles encontraram é essa.
- *Agora vem cá, você falou da existência de vários "xerifes" aqui, quer dizer, e pelo que eu observei aqui, todos os xerifes têm relações, são geralmente homossexuais. Como é que você entende esse fato, esse fenômeno, quer dizer...*
- É, o que eu te falei, geralmente esses xerifes já vêm de outras instituições ou do manicômio, ou da Escola XV ou do SAM, antigo SAM, né, atual FUNABEM. E a gente sabe nessas instituições, a homossexualidade, o tipo de vida que eles têm lá, é, é assim, é a lei do cão, né, como eu já falei, então, a homossexualidade lá é uma coisa corriqueira, uma coisa, assim, rotineira. Então é ele, é como se eles trouxessem, se eles trouxessem para cá, implantassem aqui o tipo de educação que eles tiveram lá, entendeu, de condicionamento. Nas cadeias, por exemplo, a gente vê que o xerife escolhe, é o xerife, ele tem esse direito. E aqui, eu acho que esse tipo de xerife, quando ele já tem um passado, se você for pesquisar, na tua pesquisa você pode, pode reparar que todos os xerifes já vêm de outras instituições, eles já vem de outras instituições, que têm esse tipo de vida, onde a homossexualidade, a pederastia é uma coisa corriqueira, comum, uma coisa que faz parte do cotidiano.
- *Mas aqui eles têm a possibilidade, por exemplo, de transar com mulher, assim, eles têm?*
- Tem pavilhão, mas por exemplo, os xerifes não transam. Mas é justamente o que eu estou falando, que esses xerifes já vêm de instituições, desde que, tem gente que, olha, tem xerifes

aqui que eles nasceram foram abandonados pela mãe, caíram numa escola dessas, numa instituição dessas, SAM, Escola XV, então eles cresceram naquele ambiente, porque lá também existe a segregação, a separação de sexos, masculino e feminino, masculino de um lado e feminino de outro, né. Então desde aquele berço deles, eles estão acostumados a ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, eles cresceram naquele ambiente e quando eles caem aqui eles continuam a viver da maneira que eles aprenderam, que foi ensinada a eles. E aqui, você vê que aqui não tem só a homossexualidade, aqui tem, pôxa, tem pacientes aqui que tem relações com outros pacientes, com mulheres. Agora você vê uma coisa, você imagina um pavilhão, com 60 leitos, um do lado do outro, dia após dia, noite após noite, sabe, a ocasião, a propensão, a um paciente querer ter relação homossexual com outro, ter relação com outro é muito grande, estão ali, um do lado do outro.

- *Você acha que isso, quer dizer, as pessoas não ficam incomodadas com isso aqui, a equipe, os técnicos, os enfermeiros, os funcionários, isso não incomoda ninguém?*
- *Eu acho que não.*
- *Isso é encarado como uma coisa normal, e sem problema?*
- *Esse negócio é que eu não estou topando o quanto, interessante, ninguém encara a homossexualidade aqui dos pacientes com espanto, com, com repulsa, encara com naturalidade.*
- *O que é curioso porque normalmente, socialmente a homossexualidade é reprimida, não é...*
- *Mas, eu acho que, é, mas eu acho que aqui, não dá porque, você entende o que eu estou falando, é que não dá para você reprimir um tipo de coisa dessa porque tudo leva, tem tudo para que a homossexualidade floresça aqui, né.*
- *Sim.*
- *Os pavilhões, sabe, a disposição dos núcleos, o tipo de relacionamento, sabe, aqui tem tudo para que a homossexualidade floresça e seja encarada de uma maneira natural, sabe, porque a gente sabe que é difícil para um paciente conseguir uma na-*

morada lá fora, né, é difícil, sabe, porque já tem o estigma de semi-interno da Colônia, eles podem o que, tentar namorar outros pacientes aqui da Colônia, eles estão isolados do mundo, isso aqui é como ou falei um mundo à parte, então o que a acontece aqui não espanta ninguém, essa é a minha opinião.

- *Sim.*

- O que acontece aqui não espanta ninguém, não é tão espantoso assim, porque é como se fosse um mundo totalmente diferente do mundo que a gente está acostumado a viver.

- *Então você acha que aqui os valores não tem o menor sentido?*

- São totalmente diferentes, são outros valores.

- *E dentro desses valores que, você acha que a homossexualidade tem que dimensão? Dentro dos valores daqui de dentro, quer dizer, você acha que...*

- Não tem uma dimensão muito grande, é uma coisa normal, como se fosse uma coisa heterossexual lá fora, entende.

- *Isso.*

- Quer dizer, aqui dentro o normal é a homossexualidade como lá fora é a heterossexualidade. O gozado é que é pouco falado.

- *Pois é, mas porque isso, isso é curioso porque...*

- Porque talvez eles achem, porque eles sabem que a gente, essa equipe que vem, pessoas que não são internas aqui, que estão lidando com eles, que estão em contato com eles, eles acham que se eles ficarem falando isso, é uma coisa deles, se eles ficarem falando isso a gente vai ficar espantado, vai ficar reprimindo, vai ficar, eu acho que eles sentem até vergonha. Eu encaro aqui é como opção, você está entendendo? É como se fosse uma opção para eles, eles não têm opção, eles tem sexualidade, eles têm desejo, eles têm carência afetiva, então, a opção que eles encontraram foi essa, é como se fosse uma opção, porque não tem uma outra opção para eles, é isso que eu acho. Mas eu acho que permanece dentro deles ainda aquele, a aquele é sentimento de que é uma coisa recriminada pela sociedade, aquilo lá de fora.

- *Você nunca viu, por exemplo nenhum paciente que fizesse questão de mostrar que aqui dentro, que é homossexual, que tran-sa mesmo, que...*
- *Nunca vi.*
- *Que faça questão de assim de...*
- *Nenhum.*
- *Você nunca viu isso?*
- *Nunca vi. Nenhum. Inclusive está ciente que a gente sabe que tem relações, que são homossexuais, que tem relações, às vezes a gente brincando com eles, eles falam "eu não, eu gosto de mulher", entendeu, eles falam pra gente, quer dizer, é um grilo.*
- *Eles negam?*
- *Eles negam a relação deles, como se fosse uma coisa condenada, uma coisa feia, e talvez isso chocou com a nossa maneira de pensar, porque eu acho que é uma coisa de opção.*
- *Quer dizer, você acha que eles não tem opção, heim, essa é a saída que arranjou?*
- *Essa é a saída que arranjou, eu acho que não tem opção.*
- *Agora você acha também que essa saída é uma forma deles resgatarem uma relação humana?*
- *Ah é, lógico.*
- *Aqui dentro?*
- *Lógico, não tenha dúvidas.*
- *Quer dizer, porque o espaço aqui não favorece relações humanas?*
- *Não favorece, não.*
- *Quer dizer, é uma forma deles se preservarem nesse sentido a individualidade deles?*
- *Eu acredito que seja uma coisa até muito instintiva, sabe, uma coisa quase que animal, uma coisa que, como a fome, sabe, co-*

mo a sede, como, eles têm que satisfazer a vontade que eles tem de alguma maneira, eles têm que satisfazer o desejo que eles têm, a carência que eles sentem aqui, sabe, isso pôxa, vou te contar.

- *Você acha que é uma premência que não tem jeito, não tem saída?*
- Não tem jeito, não tem saída.
- *Você tem que escoar isso de qualquer jeito?*
- De qualquer maneira. Acho que a maneira que eles viram de extravasar isso foi o homossexualismo. Eles têm falta de opção, tem que sair de alguma maneira, tem que encontrar, como você falou nê, um relacionamento humano, e isso aqui não favorece, então é uma das maneiras que eles encontraram.
- *Vem cá, tem um problema curioso que eu queria te perguntar, porque a instituição, quer dizer, a gente disse que a instituição desfavorece as relações humanas, certo, porque você quando tem uma relação humana você tem a capacidade de pensar, você tem uma capacidade de articular o seu pensamento, enfim, você tem uma série de condições é, que talvez num sistema assim mais repressivo não interessa, quer dizer, interessa que o sujeito obedeça, certo. Quer dizer, numa instituição autoritária interessa que as pessoas que estão nela obedçam à ela. Então como é que você acha que a instituição, quer dizer, já que a homossexualidade é um espaço onde as pessoas recuperam a possibilidade de pelo menos escolher um parceiro, escolher alguma coisa, ter algum nível de decisão, algum nível de escolha, algum nível de carinho.*

*Obs: um pedaço falando com outras pessoas.*

- *Como é que você acha então, que fica, porque fica uma contradição, quer dizer, entre o...*
- Mas aí é que tá, isso não é uma coisa assim reprimida, não é. Você vê, os núcleos, como você tem noção, eles têm em média trezentos, quinhentos, quatrocentos, alguns têm seiscentos pacientes, não é. Os núcleos são lugares amplos, arborizados, cheios de recantos de cantos, e têm pouco pessoal técnico, hou

ve época em que tinha aqui, nesse núcleo Ulisses Viana, um médico e um guarda para cada pavilhão, para cuidar de quinhentos, de seiscentos pacientes, de noite ninguém ficava aqui, né, ninguém ia querer ficar aqui à noite, então eles ficavam soltos aqui, eles ficavam soltos, não tinha assim um controle, quem controlava eram os xerifes.

- Sei.

- Quem controlava eram os xerifes, o xerife é paciente, ele é homossexual, então não havia assim um controle rigoroso, você não vai controlar esse tipo de coisa, como é que você vai controlar uma homossexualidade, sexualidade de alguém, como é que você vai controlar, não tem controle, não tem, eu acho que é impossível você controlar a sexualidade de seiscentas pessoas, aglomeradas num núcleo, eu acho que não é, não é contradição acho que é falta de meios até, né, que talvez, se eles conseguissem até controlariam, reprimiriam.

- Como é que você vê por exemplo, o caso específico que eu estou estudando, que é o caso do Jorge, como é que você viu esse paciente?

- O Jorge?

- É.

- Olha, eu vou te falar uma coisa, o Jorge, eu tive muito pouco contato com ele, as vezes que eu fui obrigado a medicá-lo, a conversar com ele, foram sempre momentos em que ele se tornava uma pessoa, assim, uma pessoa que provocava situações que fugiam da rotina do núcleo, sabe, ou era agressivo, ou era rebelde, mas ele não é o xerife desse pavilhão, ele não é o xerife.

- Vai ver ele é um cara respeitado aí.

- Ele é um cara respeitado. Lógico.

- Ele é um sujeito respeitado?

- Respeitado.

- Por que?

- Porque ele é um sujeito jovem, ele é jovem, ele tem força, e-  
le tem, é ele tem assim decisões, ele tem é atitudes de força  
mesmo, de violência, sabe, você vê que a maioria dos pacien-  
tes daqui são velhos e ele não, ele é um dos pacientes jovens  
desse núcleo, que são poucos, da faixa de idade dele são pou-  
quíssimos. Esse é um dos pacientes que vem desde a, do SAM,  
foram abandonados pelos pais, foram criados em instituições.
- *Mas que diagnóstico você daria para eles?*
- Personalidade psicopática.
- *Você acha que ele é um psicopata?*
- Eu acho.
- *Ele não tem, enfim, psiquiatricamente, ele poderia ser defini-  
do nessa categoria nosológica?*
- Nessa categoria.
- *Psicopatia?*
- Psicopatia. Distúrbio de conduta, de comportamento. Então os  
momentos que eu tive que atuar, né, que eu tive contato com  
o Jorge foram justamente nesses momentos difíceis, que ele ta-  
va revoltado, muito revoltado.
- *Com a situação dele aqui? Diante disso, e diante disso o que  
que a instituição, como é que a instituição procede? Porque...*
- Aí é que tá, ele é um paciente que está aqui ã anos, pratica-  
mente é cria daqui, você não vai pegar um paciente desse e  
dar alta para um paciente desse, não tem sentido, de repente,  
você pega ele depois da vida inteira aqui dentro, você pega e  
le e oh, vai ã luta, vire-se, você não pode fazer isso, não é,  
porque no fundo todos somos responsáveis por eles.
- *Mas quando ele fica revoltado ele fala coisas sobre a insti-  
tuição e tal porque são coisas que tem a ver?*
- Aí é que tá, ele fala mas ele fala muito da vidinha dele, vo-  
cê tem que ver isso. A gente tem que observar a visão dele e  
a visão de todos para formar um quadro real, porque a visão  
dele talvez ele se sentindo que o momento que nós estamos vi-

vendo é esse momento de pressionar a instituição antiga onten deu, de mudança, então ele tá, é quase que, como, olha eu es- tou do lado de vocês, viu, olha como é que eu tô atacando os funcionários antigos, viu, eu tô com vocês, entendeu?

- *Tu acha que ele quer uma aliança com...*

- Lógico, com o mais forte.

- *Com o mais forte?*

- Ele sempre está acostumado a fazer, desde pequenininho, ficar sempre do lado do mais forte, porque o mais forte é que vai proteger a ele. Então se ele sabe que tá havendo uma mudança na Colônia, que o diretor da Colônia tem um tipo de visão to- talmente diferente das outras direções, ele tem mais é que fi- car do lado do mais forte, de quem tá mandando, é uma defesa, é uma, como ele está acostumado a lutar pela vida dele dessa maneira, sempre, sempre, sempre é isso, ele tá acostumado a lutar assim, fazendo alianças com o mais forte, fazendo trocas, eu ajudo vocês mas vocês me ajudam também. Então a maneira que ele tá encontrando é essa, acusando os funcionários anti- gos, criando assim, olha, me bateu, fazia isso, botou fogo na árvore, entendeu?

- *Tu acha que é uma tática dele?*

- Uma tática, uma tática antiga, não é nova, se você observou é uma tática bem antiga que ele está acostumado a fazer.

- *Mas ele é um desses caras que conseguiram se preservar, quer dizer, que conseguiram assim...*

- Que ele não tem doença propriamente, ele não tem uma esquizo- frenia, que a evolução natural da esquizofrenia é a demência, né, pode ver que o esquizofrênico com o tempo ele acaba demen- ciado.

- *Demenciado?*

- Ele não tem esquisofrenia.

- *Você acha que a esquizofrenia inevitavelmente leva à demência?*

- Não, lógico que não. Você pode colocar em percentagem, você pode botar 75%, 80% acabam.



- Demenciados?
- 5% se curam. Depende do tipo de esquizofrenia; a epilepsia a caba em demência também, a medicação que o epilético toma é uma parada.
- Quer dizer, ela altera as ligações químicas, todas?
- Com todas elas. Você pode ver que se você vai ver que eles tem o tipo físico semelhante, sombrancelha inchada, cheios de cicatrizes, gengiva inchada, olhar meio parado, a maneira de se expressar muito prolixa, pegajosa, é a evolução, é uma doença.
- Você não acha que a estrutura institucional favorece essa demenciação de uma certa forma?
- Favorece por causa disso, porque você vê, se a Colônia for considerada um depósito, o trabalho aqui é cuidar dos depositados é quase que não tem cura mais, é o último estágio da pessoa, é cair aqui, depósito. Não tem aquela, é como você falou, você trabalha na FEEM e aqui, na FEEM são pessoas jovens que ainda tem uma possibilidade de produzir, aqui não, é depósito, então, a mudança toda tá nisso, esse tipo de mudança que a gente tá vivendo aqui na Colônia é esse, é tentar encarar esses pacientes não como fim de linha, sabe, como lixo, e sim como pessoas que podem ser recuperadas.
- Você acha que um velho que está aqui há 20 anos pode ser recuperado?
- Depende da pessoa, depende do estado da pessoa, muitos podem, muitos não podem. Tem uns que estão totalmente demenciados, totalmente destruídos, a mente, a personalidade, tudo, tudo que é de mental, de humano, a gente vê isso direito, pela doença e pela instituição como ela é, né, como ela foi estruturada.
- Quer dizer, tem pessoas aqui que estão num estágio quase de natureza já, né?
- Estão, estão num estágio vegetativo.
- Vegetativo?

- Mas se você for explorar bem cada uma dessas pessoas você vê que ainda tem nelas a...
- *A humanidade delas?*
- A humanidade.
- *Você acha que a humanidade é inapagável como você falou, por mais violenta que seja a estrutura, por mais repressiva?*
- É inerente né.
- *Quer dizer...*
- Qualquer doença, qualquer tipo de vida que a pessoa leve, ela sempre carrega dentro dela a condição humana, ser humano, né. Tem os dois extremos, né, tem o 8 e o 80, quer dizer, dentro desses 2 extremos, mesmo o mais ínfimo, né, por mais animal que o homem possa ser, ele é um homem, é um ser humano, ele tá em evolução, né.
- *Você acha que a liberdade é inapagável no ser humano?*
- Eu acho, acho que é inapagável, ser a condição humana, sabe, a condição do homem, de pensar, de ter um livre arbítrio é inapagável.
- *Você acha que nenhum sistema, por mais totalitário que ele se ja não consegue apagar isso?*
- Pode se meter durante um tempo, mas depois cai.
- *Agora, então quer dizer que você acha que, por exemplo, a liderança que o Jorge tem, você acha que é uma tentativa dele se articular com a nova administração que está surgindo?*
- Eu não posso dizer que tenho essa certeza absoluta por causa do pouco contato que eu tenho com ele, mas é o tipo de, de personalidade, sabe, é o tipo de personalidade que na psiquiatria a gente está acostumado a lidar, o tipo de atitude que ele tem é essa.
- *Mas vem cá, você acha que, quer dizer, e nessa articulação com o poder que entra, quer dizer, entrando nessa nova ordem, a forma que ele tem de se proteger, de se preservar...*

- É uma forma de se preservar, é uma forma de poder alto.
- É uma forma de manter o...
- O status.
- O status e manter também a vida dele né?
- O mundo dele.
- A vida que ele conquistou?
- Isso, que ele conquistou, eles estão a fim de conquistar um espaço.
- É isso.

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio  
pelo aluno Pedro Guimarães Pellegrino, intitulada  
"HOMOSEXUALIDADE NA INSTITUIÇÃO: ESTRATÉGIA? RENDIÇÃO?",  
e aprovada pelos seguintes Professores:

Terezinha Pires Comins  
P/Prof. Circe Navarro Vital Brazil  
Orientadora - PUC-Rio

[Assinatura]  
Prof. Luiz Alfredo Garcia-Roza  
UFRJ

[Assinatura]  
Prof. Esther Arantes  
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, novembro de 1983

[Assinatura] (em 27.03.96)  
Prof. Jürgen Heye  
Coordenador dos programas de Pós-Graduação do  
Centro de Teologia e Ciências Humanas